



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA CARREIRO CHAVES PEREIRA

**DA PERIFERIA AO MUNDO ACADÊMICO: UMA ANÁLISE DAS
CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO PÓS-POPULARES AO
ACESSO DE MULHERES À PÓS-GRADUAÇÃO**

Brasília
2024

MARIA CARREIRO CHAVES PEREIRA

**DA PERIFERIA AO MUNDO ACADÊMICO: UMA ANÁLISE DAS
CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO PÓS-POPULARES AO
ACESSO DE MULHERES À PÓS-GRADUAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Projeto de Pós-Graduação Strictu sensu da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a conclusão do curso mestrado, na Linha de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação – POGE, sob a orientação do Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses.

Brasília – DF

2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses – Orientador (UnB/PPGE/FE)

Prof. Dra. Lenilda Damasceno Perpétuo – Examinadora externa (UFT – Campus Arraias)

Prof. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva – Examinadora interna (UnB/FE/TEF)

Prof. Dra. Susana Maria Maia – Suplente (UFF – Depto. Interdisciplinar de Rio das
Ostras/RJ)

RESUMO

A presente dissertação tem como tema o Projeto de Extensão Pós-Populares e sua importância para o acesso e permanência de pessoas da periferia de Brasília e sua região metropolitana, especialmente, mulheres, no contexto da pós-graduação em universidades públicas. Nessa temática, a problematização é investigar em que medida o Pós-Populares impacta e tem servido de escopo para o acesso ao universo acadêmico, contribuindo para a emancipação de mulheres da periferia de Brasília e sua região metropolitana. Foram definidas como sujeitas da pesquisa, mulheres que concluíram seus cursos de mestrado ou doutorado, identificando as contribuições dadas pelo Projeto para que elementos do patriarcado, que se constituíram como obstáculos para a entrada delas na pós-graduação, fossem vencidos. Os procedimentos metodológicos efetuados foram a realização de entrevistas semiestruturadas com o fundador e coordenador e mais 04 pessoas que participaram da criação do projeto, aplicação de questionários com 4 das mulheres que concluíram seus cursos e análise documental. A partir do estudo de todo o material, foi possível compreender o processo histórico, a atuação e a importância do Pós-Populares para a emancipação pessoal e profissional das mulheres sujeitas da pesquisa, ressaltando que a análise foi feita por aproximação com o materialismo histórico dialético, que nos permite enxergar para além da realidade posta e nos possibilita compreender o movimento dialético entre o concreto e o abstrato e o retorno ao concreto.

PALAVRAS-CHAVE: Acesso e Permanência na Educação Superior. Mulheres. Patriarcado. Pós-graduação. Pós-Populares.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the Post-Popular Extension Project and its importance for the access and permanence of people from the outskirts of Brasília and its metropolitan region, especially women, in the context of postgraduate studies at public universities. In this theme, the problematization is to investigate to what extent the Post-Popular has an impact and has served as a scope for access to the academic universe, contributing to the emancipation of women from the outskirts of Brasília and its metropolitan region. The research subjects were defined as women who completed their master's or doctoral courses, identifying the contributions made by the Project so that elements of patriarchy, which constituted obstacles for their entry into postgraduate studies, were overcome. The methodological procedures carried out were the conduction of semi-structured interviews with the founder and coordinator and 4 other people who participated in the creation of the project, application of questionnaires with 4 of the women who completed their courses and documentary analysis. From the study of all the material, it was possible to understand the historical process, the performance and the importance of the Post-Popular movement for the personal and professional emancipation of the women subjects of the research, highlighting that the analysis was carried out by approaching dialectical historical materialism, which allows us to see beyond the reality presented and enables us to understand the dialectical movement between the concrete and the abstract and the return to the concrete.

KEYWORDS: Access and Permanence in Higher Education. Women. Patriarchy. Postgraduate. Post-Popular. Access and Permanence in Higher Education. Women. Patriarchy. Postgraduate. Post-Popular.

Dedico a presente dissertação às minhas ancestrais que não se acanharam e a despeito de entraves e dificuldades por estarem inseridas em uma sociedade patriarcal, permeada por um machismo estrutural que permanece vivo e atuante, não se deixaram abater e lutaram com as armas que tinham para não serem silenciadas. Graças ao esforço delas, e ao legado deixado, na atualidade é possível que as mulheres tenham oportunidade de se expressar e construir uma história diferente. Os obstáculos foram muitos, mas foi graças a elas que vieram antes e abriram o caminho, que nós, mulheres da atualidade, podemos estar ocupando espaços, inclusive, acadêmicos, ainda não como gostaríamos, mas temos avanços consideráveis.

AGRADECIMENTOS

Gratidão sincera à Universidade de Brasília (UnB) que me acolheu por esses 02 anos de caminhada no mestrado. Não foi fácil fazer isso, concomitantemente, com meu trabalho, as demais atividades que faziam parte do meu dia a dia, e, mais uma infinidade de percalços que foram surgindo ao longo dos 02 anos pertinentes ao mestrado.

Às pessoas da minha família, que sempre depositaram confiança em mim, assim como colaboraram para que eu conseguisse escrever, mesmo sacrificando o pouco tempo que tenho para dedicar a elas.

Ao meu orientador que desde o início acreditou que era possível fazermos esse trabalho, sem jamais soltar minha mão e me animando sempre a seguir em frente.

Às pessoas que gentilmente aceitaram ser entrevistadas num gesto de confiança para que suas falas fossem utilizadas, juntamente, com os textos e demais materiais para dar embasamento a esta pesquisa.

Às mulheres do projeto Pós-Populares que contribuíram com este trabalho respondendo ao questionário enviado, o que além de ter sido muito útil, me animou de uma forma muito especial e me fez acreditar, ainda mais no tema escolhido.

Ao amigo Ezequiel Neves (Tiel), pela colaboração na arte gráfica (p. 61), e na confecção dos *cards* para a qualificação e a defesa.

Aos meus colegas de sala no trabalho, Rayane Oliveira de Souza e Solon Benedito da Silva, que desde minha inscrição para concorrer a uma vaga no mestrado, acreditaram, torceram e colaboraram em várias coisas que precisei, para que tivesse sucesso em cada etapa que se apresentava.

MEMORIAL

Escrever, quando se ama o tema estudado, como é meu caso, é bem prazeroso, mas é um processo solitário e que cansa. Por isso mesmo ao chegar ao final e apresentar a dissertação, a sensação é de alívio, porque se trata de uma vitória, mas por trás dessa história vitoriosa tem muita coisa que a gente não conta, ou prefere não contar para não chorar de novo. Tem muito medo envolvido, porque escrever para ser avaliada e aprovada é assustador. A pergunta que mais me fazia era: e se acharem que é “um paiol de bobagens”?

Escrever esse memorial é abrir caixas dentro das quais muitas lembranças estão armazenadas. Evidentemente que não dá para abrir todas as caixas, mas as lembranças que forem surgindo serão registradas para que a Maria Carreiro, ou apenas Maria, como gosto de ser chamada, seja conhecida um pouco mais.

De cara, já posso dizer que desde que tenho memórias das quais consigo lembrar, havia sempre um livro comigo. Sempre fizeram parte da minha trajetória, inclusive para ter chegado ao mestrado.

A primeira caixa que abro é a da infância. Dela eu tiro o sorriso da criança que foi pela primeira vez à escola, por volta dos seis anos, no lugarejo chamado Chapada, que pertence ao município de Poranga no Estado do Ceará. Foi no pequeno grupo escolar que tinha o nome do meu avô materno, João Afonso Chaves, com a professora, a querida tia Engração (ela era de fato minha tia, naquela região não tínhamos o hábito de chamar a professora de tia) que minha vida de estudante começou.

Dessa caixa, vem também à imagem da fisionomia espantada, surpresa, mas feliz da menina que com onze anos chegou à Escola Classe 19, no Gama, Distrito Federal, pois a família saiu do Ceará e se mudou para Brasília.

Abrindo outra caixa, trago à lembrança o final do último ano do ensino médio, no Colégio da Asa Norte – CAN (atual Centro de Ensino Médio Paulo Freire) ao ganhar uma medalha de honra ao mérito por ter sido classificada em terceiro lugar num concurso de redação da Fundação Educacional do Distrito Federal - FEDF, que tinha como tema, a obra do escritor Monteiro Lobato. Minha redação tinha como título: **E o petróleo, é nosso?** Com isso me vem à mente a professora Eneida, que despertou em mim o gosto pela literatura e pela escrita. Essa época me remete, também, à minha grande admiração pela primeira personagem feminina, mulher forte e determinada, a Capitu, da obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis.

Em um lugar muito especial das minhas caixas de recordações, está o dia em que estive na Universidade de Brasília pela primeira vez. Creio que tinha uns quinze anos e fui como convidada de uma senhora amiga da minha família, para a colação de grau do filho dela no curso de Medicina. O

evento foi num anfiteatro, no subsolo. É muito nítida essa memória afetiva, pois lembro que passei a mão naqueles tijolinhos marrons e disse para mim mesma: um dia quero estudar aqui.

Dando um salto no tempo, escancaro a caixa de lembranças do ano de 2011, quando após uma espera de 24 anos, passei no vestibular na UnB. Ressalte-se o fato que nesses anos de espera, tentei o vestibular 05 vezes, não seguidamente, mas volta e meia tentava, mas nunca conseguia passar. Sempre tentava para Ciências Políticas ou Ciências Sociais. Na sexta vez, inovei e fiz a inscrição no último dia, dessa vez para Filosofia e deu certo. Lembro que fiz a prova e um tempo depois fui passar uma semana em Caldas Novas e foi lá que olhei o resultado. Abri a página da UnB umas 15 vezes para poder acreditar.

Essa foi uma caixa de lembranças triste e doeu abrir. O sonho de estudar na UnB nunca foi abandonado, mas a decisão de tentar o vestibular naquela época se deu também porque estava bastante desgostosa e triste em saber que não poderia ter mais filhos. Tenho João Pedro, meu filho mais velho, mas após o nascimento dele, Talita nasceu e só viveu 10 horas. E ainda fiquei grávida mais 2 vezes e perdi. Eu trabalhava, tinha casa, marido e filho para cuidar, mas precisava canalizar minha energia, até porque entendia que não dava para descontar neles a minha tristeza.

Difícil definir o tamanho da minha felicidade quando cheguei ao Pavilhão Anísio Teixeira, para minha primeira aula, que era de Lógica com o professor Nelson Gomes. Creio que essa felicidade só se compara ao dia em que meu filho João Pedro nasceu. Esse filho que tanto amo e que tem agora 22 anos e é um estudante do curso de Direito.

No segundo semestre de 2011 comecei meu curso de forma bastante leve porque meu filho tinha 10 anos; trabalho no serviço público, e na época com uma chefia bem tranquila que me permitiu conciliar as aulas. Estava tudo certo. No entanto, nesse mesmo período meu pai descobriu um câncer e tive que ajudar a cuidar dele. Em 2012 ele faleceu e eu tranquei o curso, voltando só 1 ano e meio depois.

Meus pais moravam no mesmo lote que eu em Valparaíso de Goiás, ainda que sejam 2 casas era praticamente todo mundo junto. E logo após meu pai falecer, passei a morar com minha mãe para facilitar a vida dela. Pouco tempo depois ela foi diagnosticada com hidrocefalia e praticamente perdeu o movimento das pernas.

Terminar a faculdade foi muito complicado. Trancamentos, dificuldades e muita vontade de desistir, mas segui. Comecei em 2011 e terminei no meio da pandemia da Covid-19, em dezembro de 2020. Foram 9 anos. Comecei o curso aos 45 anos e terminei aos 54.

Seguindo com a abertura de minhas caixas de memórias marcantes, 2018 foi um ano especial, pois defendi meu Trabalho de Conclusão do Curso, cujo título é: **Um lugar para Maria Bonita na**

Cidade das Damas¹, com orientação da Professora Ana Míriam Wuensch. Aliás, foi após cursar Ideias Filosóficas em Forma Literária e Filosofia e Feminismo, disciplinas ofertadas por ela no Departamento de Filosofia, que conheci a obra **A Cidade das Damas**, da autora Christine de Pizan, e, que comecei a entender mais sobre feminismo, mulheres, gênero e sexualidade e que defini meu tema para o TCC.

Foi nesse período, também, que conheci e comecei a frequentar as reuniões do Projeto de Extensão Pós-Populares, cujo objetivo principal é possibilitar o acesso e permanência de pessoas residentes na periferia de Brasília e sua região metropolitana, nos cursos de pós-graduação, preferencialmente, nas universidades públicas. O criador e coordenador do Programa é o meu orientador, professor, Dr. Erlando da Silva Rêses, sobre o qual vou abrir a caixa de lembranças de quando o conheci.

Quando viemos do Ceará para Brasília, meus pais foram trabalhar como zeladores em um prédio residencial do ministério da Marinha e passamos a morar na portaria. Isso durou vários anos, mas em 1992, decidiram que zeladores não poderiam mais morar no prédio e conseguimos comprar uma casa no Pedregal, que naquela época era um bairro pertencente ao município de Luziânia e atualmente faz parte de Novo Gama, ambos fazem parte do entorno sul do Distrito Federal no Estado de Goiás e ficam a uma distância de aproximadamente 50 km da capital federal.

Como a maioria das pessoas daquela região eu também trabalhava em Brasília e foi no ônibus que conheci o professor Erlando Rêses, em 1995, pois ele também morava lá e era aluno de graduação em Sociologia na UnB.

Além de ser estudante universitário, ele era engajado em várias frentes pela melhoria das condições para a população que residia na localidade. Foi assim que me convidou para conhecer o SERPAJ (Serviço de Paz, Justiça e Não-Violência) atualmente SERPAJUS (Serviço de Paz e Justiça) e por meio daquela ONG, ele e várias pessoas ligadas também ao grupo jovem da Igreja Católica, lutavam por água, pois ainda era precária, em várias casas havia poços artesianos; transporte coletivo melhor e Alfabetização de Jovens e Adultos. Ainda me recordo de termos ido a Luziânia com um grupo de pessoas para elas receberem o certificado de alfabetização, que conseguiram graças ao trabalho de dedicação e abnegação feito por eles.

Na mesma época conheci também a igreja Adventista do Sétimo Dia e por causa das ideologias da igreja que eram muito diferentes, acabei me afastando do SERPAJ e daquelas pessoas.

De alguma forma meu caminho e do professor Erlando se cruzavam, pelas rotas da educação. Não lembro o ano certo, mas creio que foi entre 2008 e 2009 que o reencontrei e na época ele era

¹ PEREIRA, Maria Carreiro Chaves. Um lugar para Maria Bonita na Cidade das Damas. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em <https://bdm.unb.br/handle/10483/22282>. Acesso em 04 de nov. 2023.

professor da disciplina Metodologia Científica na Faculdade CESB em Valparaíso de Goiás, onde eu morava e ainda moro. Como falei do meu desejo de fazer um curso superior e que fazia muito tempo que não frequentava uma sala de aula, ele me convidou para assistir suas aulas como ouvinte. O problema dessa vez não era a igreja, pois eu havia desistido, era que as aulas eram aos sábados à tarde, mas meu filho era pequeno e eu já ficava a semana inteira trabalhando e longe dele.

Entrar na universidade foi difícil e terminar o curso de Filosofia também foi complicado. Tive de trancar algumas vezes por causa dos problemas de saúde da família já mencionados. Mas além da morte do meu pai que teve câncer, o problema de saúde da minha mãe também se agravou, pois ela que era portadora de hidrocefalia, foi diagnosticada, também com demência e perdeu de vez o movimento das pernas. Com isso tudo, até a conclusão do curso, foram quase dez anos.

No início da pandemia provocada pela Covid-19, no ano de 2020, consegui me formar. Para quem sonhou tanto com uma formatura, jogar o capelo para o alto como nos filmes, foi traumatizante, pois pudemos apenas assinar uma ata por meio virtual e receber o diploma por e-mail. Vestir a beca e ouvir lerem meu nome foi algo que não pode se concretizar.

Ainda em 2020, cursei de forma remota, como aluna especial, a disciplina Gênero, Raça, Classe e Teorias da Educação, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação/UnB, cujas aulas foram ministradas pelo Professor Erlando. Como trabalho final, era necessário apresentar um resumo expandido sobre um tema relacionado à disciplina e que envolvesse as leituras feitas durante as aulas. Foi assim que surgiu o objeto dessa pesquisa: estudar o Projeto de Extensão Pós-Populares e a importância dele para as mulheres da periferia de Brasília e sua região metropolitana terem acesso aos programas de pós-graduação de universidades públicas.

Fazendo uma analogia entre o pensamento de autoras como Sílvia Federici, Heleieth Saffioti, Ângela Davis, bell hooks, Lélia Gonzales e outras, com o pensamento marxista e freiriano, comecei a pensar nas dificuldades que essas mulheres têm que enfrentar para fazer um curso de mestrado ou doutorado.

A escolha do tema da minha pesquisa, inclusive, tem muita semelhança com a minha trajetória pessoal. Sou uma mulher periférica, trabalhadora, mãe e que só entrei na UnB aos 45 anos para fazer uma graduação.

Não se trata de vitimização, a questão é que nós mulheres somos muito sobrecarregadas. O patriarcado nos engendra de uma forma que nos coloca como responsáveis por tudo: família, trabalho fora e dentro de casa, e, ainda, cuidado com familiares, especialmente, pai e mãe, caso adoçam. Todas essas coisas vão sendo jogadas nos nossos ombros. Com isso, não sobra tempo para pensar em uma formação. E de tanto se ouvir falar que é difícil, acabamos, por nos conformar que não é apenas difícil, é impossível.

Pessoalmente, ao conhecer o Pós-Populares, percebi que o Projeto caminha na contramão disso. Lá se descobre que há uma luz no fim do túnel. O Coordenador e as demais pessoas que participam, têm consigo a vontade de animar, de ajudar, de mostrar que há outras possibilidades. Tentam mostrar que ter acesso ao ensino da pós-graduação pode não ser fácil, mas é possível.

Minha decisão de fazer do Projeto de Extensão Pós-Populares meu objeto de pesquisa, tem como finalidade demonstrar que ele foi e continua sendo importante para mim, assim como é para outras pessoas. A paixão pelo tema relacionado a mulheres e feminismo havia sido manifestada na graduação, mas a vontade de desenvolver um projeto visando o mestrado, envolvendo também o Pós-Populares, foi uma união feliz.

E quando me refiro à motivação das aulas online, vale para as reuniões do Pós-Populares que nesse período, também, eram de forma virtual. Todos (as) eram acolhedores (as), incentivavam e davam dicas para melhorar o projeto, assim como informações sobre literatura e autores (as) que seriam úteis.

O Pós-Populares cuja história está nesta pesquisa, não é um tipo de “Organizações Tabajara” que chega lá dizendo para os participantes das reuniões que os problemas delas acabaram². E sim, que quem estiver disposto (a) terá muito trabalho para realizar, mas que ao final, por méritos próprios terá seu diploma de mestrado ou doutorado.

Ainda que tenha frequentado as reuniões online e presenciais por muito tempo, demorei a decidir tentar uma vaga no mestrado, porque tinha consciência das minhas limitações por causa principalmente dos problemas envolvendo a saúde da minha mãe, que acabam me limitando.

Graças, porém, ao apoio e incentivo recebidos nas reuniões e nas aulas, tomei coragem, fiz um curso de espanhol, porque não falava outra língua, participei do edital em 2022 e passei nas provas. A felicidade que vi em cada uma das mulheres que participava do Pós-Populares e que terminaram seus cursos de mestrado ou doutorado me fizeram perceber que era possível realizar um sonho, apesar dos obstáculos.

A mesma admiração que tenho pelas mulheres que motivaram essa pesquisa é estendida ao meu orientador, professor Erlando, cearense como eu. A admiração e respeito são pela pessoa dele e pelo trabalho desenvolvido por meio dos projetos que alcançam tantas pessoas. Por saber que o mesmo homem que conheci num ônibus quando ainda era aluno de graduação, em 95, chegou numa posição de destaque, de professor universitário, com pós-doutorado por uma universidade internacional, mas transita pelas periferias de Brasília, onde residiu, e não virou as costas para a

² “Seus problemas acabaram!”. Com esse slogan foi criado um dos grandes sucessos do programa: as Organizações Tabajara. A grande empresa veio para debochar dos anúncios publicitários estrangeiros, com dublagem entusiasta, exibidos nos canais da TV a cabo para vender produtos “mágicos” e nomes em pseudo inglês, como aparelhos eletrônicos que ajudam a emagrecer sem esforço físico e fitas cassete que ensinam inglês durante o sono.

população daqueles locais. Pelo contrário, procura dar a mão por meio dos projetos de extensão, para que quem tiver interesse, para buscar algo melhor para suas vidas, e para a comunidade de moradia.

Não se trata aqui de bajulação da minha parte, porque não precisamos disso, e, sim, registrar minha admiração por um ser humano que pelo viés marxista e freiriano adquiridos, faz do coletivo seu habitat natural. E possui um diferencial de fala e escuta que somente quem vivenciou o que as pessoas das periferias vivem, sabe como as coisas acontecem.

Mais uma caixa de lembranças que abro, é de 2 momentos que marcaram meu início no mestrado: minha apresentação da intenção de pesquisa em uma reunião no Pós-Populares e depois fazer a prova oral, última etapa do edital, ainda que nada tenha sido presencial, foram um sofrimento que pareceram 2 partos! E digo com todas as letras: Falar em público não dá nem para “fingir costume”, tenho pavor! Sou uma pessoa extremamente tímida e exigente comigo mesma. Penso que do tempo que morei na portaria do prédio de militares, carrego o receio de falar porque na época não se podia nem falar muito para não incomodar. Mas vem também da preocupação em dizer coisas que destoem do que está sendo dito. De falar alguma besteira, ou que não tenha a ver com o assunto. Assim, muitas vezes prefiro ficar quieta e não falar nada.

Até a qualificação há um ano, as coisas caminharam de um jeito que posso até considerar tranquilas, em fevereiro de 2024, porém, pioraram muito porque Francisca, a moça que me ajuda com minha mãe, sofreu um acidente (ainda está de atestado) e aí minha vida virou ao avesso. Isso pelo fato de ela estar conosco há quase 10 anos.

Além do reconhecimento que tenho do trabalho dela que me permite fazer as coisas fora de casa, enquanto ela se ocupa com a dona Hermina, tem a questão do apego, principalmente da minha mãe, que além dos problemas de saúde, tem 83 anos de idade, o que dificulta muito a adaptação com outra pessoa.

A partir disso, para terminar o mestrado se tornou uma coisa para a qual eu não encontrava forças. Veio o adoecimento físico em forma de problema de coluna e síndrome do túnel do carpo, os quais eu era portadora, mas que pelo esforço dobrado se agravaram. Não conseguia ler e nem escrever, de puro cansaço mesmo.

Para ficar pior, um fato ocorrido que me fez repensar muita coisa foi à morte repentina de Saulo Vieira, colega de mestrado e que seria um dos meus entrevistados para contar sobre o processo histórico do projeto Pós-Populares, pois fez parte da equipe nas primeiras reuniões. Fiz contato com ele num dia e 04 depois ele não estava mais por aqui. Foi algo que mexeu muito com meu emocional. Ele não era um amigo, mas nos cumprimentávamos nos corredores da Faculdade de Educação e eventualmente nos víamos antes de alguma aula. Sua marca era o sorriso fácil! Nunca conversamos sobre algo mais profundo, e nem chegamos a fazer uma disciplina juntos, mas a partir do dia de sua morte, a impressão que tive foi que uma voz me soprou: você não tem muito tempo, corra!

Após isso passei a viver uma contradição: vinha o desespero do tempo correndo, e ter que terminar a escrita, e junto vinha a vontade de desistir! Repetia para mim mesma: eu tenho 57 anos, por que ao invés de estar usando meu tempo com essas leituras e escritas, não estou vivendo outras coisas?

Na contramão disso, porém, eu tinha um compromisso comigo mesma, com minhas ancestrais, com meu orientador e com as mulheres do Pós-Populares. Minha meta precisava ser cumprida. Não dava para deixar pela metade.

A leitura de obras como **O que é feminismo**, das autoras, Branca Moreira e Jacqueline Pitanguy, foi muito inspiradora e motivadora. O apanhado de recortes feitos pelas autoras me deu a dimensão da luta travada por nossas ancestrais. Impactou muito ter um conhecimento mais aprofundado sobre o quanto elas foram valentes em suas batalhas contra o machismo estrutural e o patriarcado. E, também, ter noção de quantas se quedaram nessa guerra, de quantas foram silenciadas!

E em nome dessas valentes mulheres descritas na obra citada e nas demais que li para compor o texto, que fizeram sua parte e deixaram seu legado, definitivamente, desistir não era opção.

Ao fechar minhas caixas de lembranças, quero deixar bastante explicitado que ao expor um pouco do que passei para chegar até aqui, não foi para me fazer de vítima não. Foi puxado, mas nada que uma pessoa de 1,40 m, e agora 58 anos, não consiga fazer.

Um pouco de leveza porque desde criança sempre fui apaixonada por poesias e poemas. Talvez influenciada por minha mãe que de certa forma me alfabetizou por meio da leitura de cordéis.

Por ocasião da pandemia da Covid-19, descobri que dava para tentar inventar umas coisinhas. Escrevo em formato de rimas, sobre o que me toca de alguma forma. Tenho alguns poemas que até foram publicados.

O poema que apresento neste Memorial foi escrito por mim após observar uma adolescente vendendo doces em um trem do metrô no percurso entre o Park shopping e a estação Feira do Guará. Após ver aquela menina carregando uma criança num braço e com o outro oferecendo os doces, me fez pensar muitas coisas. Dentre elas que sonhos aquela mãe teria para seu filho.

Na verdade, nem sei se ela era a mãe do bebê porque nas ruas, crianças e adolescentes são usados (as) inescrupulosamente por pessoas que querem ganhar dinheiro fácil. Com isso, elas são utilizadas para tornar o serviço mais rentável, afinal, a fala de uma criança consegue tocar mais o coração de alguém para comprar o produto ou fazer uma doação.

Quis trazê-lo também por mostrar a realidade de muitas meninas das periferias.

POEMA PARA UMA MÃE

Nos olhos de uma menina
Vi tristeza e não alegria
De ver ausente a infância
Que perdeu na correria
De ter sido mãe tão cedo
Sem saber o que fazia
Nos braços leva a criança
Que carrega sem esperança
De encontrar melhores dias
Que lhe traga a confiança
De ver o filho crescer
E encontrar abastança.
A mão que oferece doce
Tem a frase sempre pronta
“Compra moço”! Ela precisa
De dinheiro, não de afronta!
Ter comida e sorriso
É sempre o que lhe encanta.
No metrô ela equilibra
O seu corpo a balançar
O filho vai chacoalhando
E não pode escorregar
O bebê ela protege
Porque mãe sabe cuidar.
Do trem ela já desceu
E eu fico a me perguntar
Que sonho tal mãe carrega
Com o filho a embalar?
Talvez o menino crescer
E um doutor se tornar!³

³ O Poema para uma mãe, de criação da autora desta dissertação foi publicado pela primeira vez na **Revista Barbante**, Volume XI, nº 54, p. 162-163, edição de 14 de março de 2023. Posteriormente foi publicado, também, na coletânea **Simplemente Mães – uma ode a todas elas**, pela Editora Articultural, 2023, p. 74-75.

SUMÁRIO

Introdução -----	16
1. O feminismo na luta contra o patriarcado e o machismo estrutural -----	22
1.1. Sobrevivendo ao patriarcado -----	22
1.2. Elas podem -----	28
2. Desigualdade de gênero na educação -----	38
3. Extensão e projeto Pós-Populares: possibilidade da periferia à universidade -----	46
3.1. A história do Projeto de Extensão Pós-Populares -----	54
4. Análise de dados e de conteúdo -----	62
4.1. Artigos: tema principal Projeto de Extensão Pós-Populares -----	62
4.2. Da análise das entrevistas semiestruturadas -----	64
4.3. Da análise dos questionários semiestruturados aplicados -----	80
4.4. Sujeitas da pesquisa – principais características -----	81
4.5. Percepções -----	96
4.6. Como estão as sujeitas da pesquisa -----	100
5. Resultados -----	101
Considerações Finais e Recomendações -----	102
Anexo -----	108

INTRODUÇÃO

*E quem é que faz promessas para parir somente homens?
E quem é que faz apostas pelo sexo mais forte?
E quem é que destina às mulheres o reino das sofredoras?
(Cristiane Sobral)*

O objeto de estudo desta pesquisa é o projeto de extensão Pós-Populares e sua importância para o acesso e permanência de pessoas da periferia de Brasília e sua região metropolitana, especialmente, mulheres, no ensino de pós-graduação em universidades públicas.

Foram definidas como sujeitas da pesquisa, mulheres oriundas do Pós-Populares que concluíram seus cursos de mestrado ou doutorado, identificando as contribuições dadas pelo projeto para que elementos do patriarcado, que se constituíram como obstáculos para a entrada delas na pós-graduação fossem vencidos. Tal análise foi feita a partir das dificuldades que elas enfrentaram para acessar, permanecer e concluir seus cursos.

A escolha do tema se justifica pela necessidade de demonstrar que as pessoas da periferia de Brasília e sua região metropolitana, se tiverem oportunidade, possuem total capacidade de desenvolver seus potenciais como pesquisadoras. Nosso foco é demonstrar de que forma o projeto de extensão Pós-Populares tem servido como escopo para que tais pessoas, especialmente, mulheres, tenham adentrado, permanecido e saído com seus títulos dos cursos de mestrado ou doutorado, preferencialmente de universidades públicas. Como se trata de um espaço visto por muitos como das elites, é preciso lutar para que esse estigma seja quebrado e a realidade modificada.

No Brasil, conforme pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, as mulheres são a maioria da população⁴. Visto assim de relance e se fosse para considerar apenas a questão numérica, poderia se pensar que elas estão muito bem, sendo maioria. No entanto, os números não significam grande coisa. São apenas estatísticas. A realidade na qual as mulheres estão inseridas está muito distante disso. Na verdade, o cenário é desolador e bastante hostil, levando-se em conta que a violência doméstica e os casos de feminicídios crescem assustadoramente a cada ano.

2023 foi um ano importante no combate à violência contra a mulher no Brasil. Houve uma pequena redução nos feminicídios, mas o número ainda é assustador: quatro mulheres morrem por dia vítimas deste tipo de crime. Somente no mês de janeiro de

⁴ Segundo dados da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) 2022, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens. A **população brasileira** é composta por **48,9% de homens** e **51,1% de mulheres**. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil>. Acesso em 04 de nov. 2023.

2024, quatro mulheres já foram vítimas de feminicídio no Distrito Federal. As estatísticas assustam. Em 2023, a Central de Atendimento à Mulher, do Governo Federal, recebeu quase 75 mil denúncias de violência pelo 180⁵.

É um cenário assustador. Seja por ciúmes, despeito ou qualquer outra motivação, se é que há alguma que sirva de justificativa, a violência contra a mulher foi/é banal. E até o fato de ela querer estudar é motivo considerado por alguns, como suficiente, para que barbaridades sejam praticadas contra elas.

Não se justifica o injustificável, mas o fato de elas saírem de casa para frequentar uma escola ou faculdade, é utilizado por parceiros como desculpa para agredi-las. Alguns ficam enciumados e alegam terem sido trocados, pois na mente de homens dominados por uma masculinidade tóxica, ao estudarem, suas companheiras estão dividindo a atenção que antes era dedicada a eles e aos afazeres domésticos.

Infelizmente, na sociedade na qual vivemos o fato de a mulher buscar uma formação superior e em alguns casos, alcançar um salário mais alto, ainda frustra os que se enquadram no perfil machista, que se colocam na posição de donos de suas parceiras, como se estas fossem seus objetos.

Por outro lado, porém, a violência doméstica também é parte do dia a dia daquela mulher que não estudou, porque grande parte delas não tem acesso a coisas mínimas, como ser alfabetizada.

Hoje, no Brasil, a população na faixa dos 15 anos ou mais atinge o total de 151.888.000 (cento e cinquenta e um milhões, oitocentos e oitenta e oito mil). Desse total, 13.163.000 (treze milhões, cento e sessenta e três mil) de brasileiros e brasileiras não são alfabetizados. (SILVEIRA, RÊSES, PEREIRA, 2017, p. 38-39).

E se a alfabetização ainda não alcançou todas as mulheres de nosso país, o que dizer de cursar uma graduação, e, mais ainda, uma pós-graduação? Para uma boa parte, principalmente as residentes nas periferias, está além de seus horizontes. Isso porque para iniciar a pós-graduação é necessário ter passado pela graduação. E, infelizmente, boa parte delas encerra os estudos após concluir o ensino médio, ou boa parte nem chega nesse nível.

Por isso, neste trabalho, vamos tratar das dificuldades que as mulheres oriundas do projeto de extensão Pós-Populares enfrentaram para acessar, permanecer e sair de uma universidade, especialmente, a pública, com um diploma de mestrado ou doutorado. Ressaltando que tais mulheres, são trabalhadoras, algumas também são mães e estão na periferia de Brasília e sua região metropolitana.

⁵ Disponível em <https://www12.senado.leg.br/radio/1/pautas-femininas/2024/02/08/violencia-domestica-e-feminicidio>. Acesso em 24 de fev. 2024.

No Brasil, o ensino superior foi criado no ano de 1808, no período colonial, por ocasião da vinda da Corte portuguesa. Eram, porém, escolas isoladas, nos moldes europeus, que visavam uma formação burocrática, voltada para funções do estado. Antes disso, os filhos das famílias abastadas eram mandados para estudar na Europa. De lá voltavam bacharéis e doutores, formados especialmente em Coimbra. (PIMENTA, ANASTASIOU, 2002).

Era um ensino voltado para as elites, não contemplava as classes trabalhadoras. Certamente, o fato de estar voltado para a classe abastada e que tinha condições de enviar os filhos para estudar fora, corroborou para a demora de se ter uma universidade organizada no Brasil. “*Nossa universidade mais antiga foi instituída depois de 1920 e só anos mais tarde conseguiu estruturar-se*”. (RIBEIRO, 2011, p. 11).

Entender o ensino universitário como algo somente para quem tem alto poder aquisitivo, é um pensamento equivocado, mas que se perpetuou, fazendo com que muitos (as) desistam antes mesmo de tentar.

As universidades, porém, trabalham atualmente com os pilares ensino, pesquisa e extensão, sendo esta última, a extensão, a vereda que leva os conhecimentos proporcionados pela academia até as áreas sociais e vice-versa. A partir daí ocorre uma troca, ou até uma fusão entre popular e científico.

É por meio dos programas de extensão que as universidades chegam até as regiões mais afastadas dos centros urbanos, e, desenvolvem trabalhos que, se para alguns podem parecer insignificantes, para quem reside nessas localidades, são muitas vezes a única porta por meio da qual, novos caminhos surgem.

Por isso mesmo, os saberes proporcionados pela academia não podem estar restritos às paredes das salas de aulas, e, sim, sair desse espaço. É a forma que a academia utiliza para fazer a devolutiva dos investimentos advindos da sociedade. Nesse sentido, acredita-se que os (as) professores (as) que abraçam o ensino pela extensão possuem uma sensibilidade mais aguçada para visitar as comunidades, ouvir o grito dos (as) excluídos (as) e identificar onde melhor se encaixam os projetos de extensão.

Brasília nasceu para ser o centro das decisões do poder governamental no Brasil. E para além da construção da cidade em si e dos órgãos que representam o poder público, era necessário haver uma universidade para formar, inclusive, os (as) filhos (as) dos (as) pioneiros (as). Uma universidade pública na qual houvesse formação para técnicos, pesquisadores e cientistas para que não fosse preciso buscá-los no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2011).

Dessa forma, a Fundação Universidade de Brasília foi criada por meio da Lei nº 3.398, de 15 de novembro de 1961, assinada pelo então Presidente João Goulart.

O Presidente da República:
Faço saber que o congresso Nacional decreta eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a instituir, sob a denominação de Fundação Universidade de Brasília, uma Fundação que regerá por estatutos aprovados por decreto do Presidente do Conselho de Ministros. [...]

Art. 3º A Fundação terá por objetivo criar e manter a Universidade de Brasília, instituição de ensino superior de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e de divulgação científica, técnica e cultural. ⁶

Além dos cursos regulares de graduação e pós-graduação a UnB tem em sua grade programas de extensão por meio dos quais vários projetos são desenvolvidos nas áreas mais distantes do centro de Brasília. A universidade se localiza no centro da cidade, o chamado Plano Piloto. Mas há as cidades satélites e a Ride – DF (Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno)⁷, onde reside a massa de trabalhadores (as) do Distrito Federal. É para essas localidades que os programas de extensão da UnB estão voltados.

Os (as) professores (as) extensionistas são os elos entre a universidade e as comunidades para onde os programas e projetos são levados e desenvolvidos. É a partir da percepção deles (as) que as atividades são postas em prática e posteriormente, avaliada a sua efetividade.

Um exemplo que se pode citar é o do professor e sociólogo Dr. Erlando da Silva Rêses, que iniciou sua trajetória acadêmica na Universidade de Brasília – UnB como estudante de graduação, e, atualmente é professor da Faculdade de Educação, naquela instituição e desenvolve diversos projetos por meio da extensão em várias regiões periféricas do Distrito Federal.

Dentre os projetos trabalhados por ele, está o Pós-Populares, que teve início no ano de 2012 na cidade de Santa Maria, com o apoio de alguns professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), que colaboraram, inclusive, ofertando espaço na regional de ensino para o grupo se reunir.

Com inspiração nas ideias do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, o Pós-Populares, tem dentre suas metas, conscientizar pessoas das áreas periféricas de Brasília e sua região metropolitana, que possuem escolaridade superior, que elas também podem ter acesso à formação em nível científico. Aliadas dos processos de seleção para os cursos de mestrado ou doutorado, tais pessoas têm pouco ou nenhum conhecimento a respeito de como ocorrem esses procedimentos. E, assim, quando, sem experiência, se vêm diante da obrigatoriedade de ter de apresentar um pré-projeto de pesquisa, pautado na lógica positivista-idealista, não conseguem aprovação. Acredita-se que, em parte, isso se deve ao fato de ao se depararem com algo que as afasta muito das questões locais e de seu cotidiano, se tornam um grupo excluído do ambiente acadêmico-científico.

⁶ Disponível em <https://www.planalto.org>. Acesso em 06 de jun. 2024.

⁷ A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE – DF) é uma região de desenvolvimento econômico, criada pela Lei Complementar nº 94, de 19 de fevereiro de 1998, e regulamentada pelo Decreto nº 7.469, de 04 de maio de 2011, para efeitos de articulação da ação administrativa da União, dos Estados de Goiás, Minas Gerais e do Distrito Federal (Disponível em www.gov.br. Acesso em 04 de jun. 2024).

É considerando essa realidade, que o Projeto de Extensão Pós-Populares, não se preocupa apenas com a ampliação do espaço físico da universidade até as áreas mais afastadas do centro de Brasília. A visão do projeto é de que é preciso permitir o acesso e a inclusão de quem ali vive e tem capacidade para a produção científica. É procurando conectar o universo acadêmico com aqueles (as) que foram negligenciados (as) ao longo do tempo, para despertarem a consciência de seu potencial e deixarem a posição de espectadores (as) e passarem a de protagonistas de uma carreira científica.

É necessário deixar totalmente elucidado que o trabalho do Projeto Pós-Populares é no sentido de auxiliar quem procura frequentar as reuniões, a compreender os processos dos editais das universidades, no sentido de adquirir conhecimentos suficientes para elaborar seus pré-projetos de pesquisa, e, assim, participar das seleções para mestrado ou doutorado. Também são dadas dicas de leituras, por se tratar de ferramentas, úteis durante a participação nas provas escrita e oral, aplicadas durante o processo de seleção das universidades. As bases do Pós-Populares são de acordo com a metodologia freiriana, fíncadas em uma práxis social, que promove a reflexão que leva a ação, trazendo a mudança não somente em sentido pessoal, mas também social. Ou seja, não se trata de uma educação redentora, ou salvadora e sim de uma educação emancipadora.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, participativa, documental, bibliográfica e de campo. A análise de dados se deteve em 03 artigos que trataram, diretamente do Projeto de Extensão Pós-Populares; 05 entrevistas semiestruturadas feitas com o criador e coordenador do Projeto e mais 04 pessoas que participaram desde o início e trouxeram informações históricas e outras, fundamentais para a compreensão do objeto estudado; e questionários semiestruturados, encaminhados para 04 mulheres, oriundas do Pós-Populares, nos quais contam sua trajetória desde a entrada até a saída com seus títulos de mestrado ou doutorado de uma universidade pública.

Partindo dessas reflexões, nossa questão problema consiste em saber:

- Em que medida o projeto de extensão Pós-Populares impacta e tem servido de escopo para o acesso ao universo acadêmico, contribuindo para a emancipação de mulheres no âmbito da sua vida pública e/ou privada?

A partir desse questionamento definimos nosso objetivo geral que consiste em:

Analisar de que maneira o Projeto de Extensão Pós-Populares contribui para o acesso de pessoas da periferia de Brasília e sua região metropolitana, especialmente mulheres, no ensino de pós-graduação em universidades públicas.

E os objetivos específicos:

1) Identificar os elementos do patriarcado que se constituem como obstáculos para a entrada das mulheres na pós-graduação;

- 2) Analisar as dificuldades que as mulheres oriundas do Projeto de Extensão Pós- Populares enfrentaram para acessar, permanecer e concluir seus cursos;**
- 3) Analisar o trabalho exercido pelo Projeto de Extensão Pós- Populares, a fim de compreender sua atuação na periferia de Brasília e sua região metropolitana.**

Nessa perspectiva e com a finalidade de atender nossos objetivos propostos, este trabalho está dividido em tópicos e subtópicos, formando a seguinte composição: Introdução, Capítulo 1, O feminismo na luta contra o patriarcado e o machismo estrutural; Capítulo 2, Desigualdade de gênero na educação; Capítulo 3, Extensão e Pós- Populares: um caminho possível da periferia a universidade; Análise de dados; Resultados; Considerações finais e recomendações com apontamentos para estudos posteriores.

1 – O feminismo na luta contra o patriarcado e o machismo estrutural

“Meu lado mulher se incomoda de receber homenagens em um único dia do ano – 8 de março -, enquanto meu lado homem se farta com 364 dias. Talvez se faça necessária esta efeméride, dor recente de cicatriz antiga. Porque vive-se em uma sociedade machista: matrimônio – o cuidado do lar; patrimônio – o domínio dos bens.”.
(Frei Betto)

Neste capítulo serão tratadas questões nas quais se verá a luta de algumas mulheres, contra o patriarcado e o machismo estrutural. Quem é do sexo feminino sabe o que é ser preterida antes mesmo da concepção. Quantos pais afirmam categoricamente o desejo de ter um filho para ensiná-lo a ser homem.

A mulher é chamada de sexo frágil, acusada de ter a cabeça vazia e, assim, não ser capaz de tomar decisões corretas e mais uma infinidade de depreciações vão sendo atribuídas à figura feminina. Nessa toada vai sobrevivendo em uma sociedade não moldada para ela. É um universo no qual precisa provar sua capacidade todos os dias e conviver com a presença masculina que assombra o tempo inteiro, se colocando na condição de seu dono, protetor, tutor e em muitos casos, infelizmente, como algoz.

Foram lutas enfadonhas e cruéis que nossas ancestrais encararam para que hoje possamos desfrutar das conquistas por elas alcançadas. É verdade que falta muito para atingir o patamar de igualdade desejado. Como disse Frei Betto no texto utilizado no exórdio deste capítulo, a mulher tem 01 dia para chamar de seu, enquanto o homem desfruta dos outros 364. Entretanto, no dia 8 de março ainda ouve piadas de mau gosto por parte do público masculino. Por outro lado, no entanto, não se pode desconsiderar ou desvalorizar o que foi feito.

1.1 – Sobrevivendo ao patriarcado

A luta da mulher pelos seus direitos remonta a períodos muito antigos. Tais direitos foram sendo construídos ao longo da história a partir do momento em que algumas foram despertando a consciência de que algo precisava ser feito. Por isso mesmo pode-se dizer que é desde que a roda do mundo começou a girar. Na visão do cristianismo Adão e Eva foram às primeiras criaturas humanas surgidas na Terra.

Na história de Eva narrada pela Bíblia, Adão após ter comido o fruto que para eles era proibido e ser questionado por Deus porque comera uma vez que não estavam autorizados, respondeu prontamente, colocando a culpa na mulher, como se ele mesmo não fosse responsável por seus atos e escolhas.

E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvei a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore e comi⁸.

O homem que aparece no texto bíblico, parece ser alguém incapaz de fazer uma escolha por si mesmo e entendeu por bem colocar a culpa em sua mulher, por medo de responder por seus atos. Partindo daí, Eva, representando a figura feminina, carrega sobre seus ombros o peso de ser responsabilizada por trazer os males ao mundo e o homem recebeu como prêmio, ter o domínio sobre ela. E à mulher disse: *“Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”*⁹.

O domínio outorgado por Deus ao homem naquela ocasião, se perpetuou e foi internalizado por eles de tal forma, que não importa o quanto o mundo tenha evoluído depois desse fato, as mulheres continuam tendo de lutar contra os mandos e desmandos aos quais vão sendo submetidas ao longo da vida. E para a mulher que é casada a opressão é maior ainda.

No Brasil a opressão sofrida pelas esposas, por parte dos maridos não foi diferente e em 1962 foi criado o chamado Estatuto da Mulher Casada, como forma de garantir a elas o direito de exercer com dignidade sua condição de cidadã sem precisar serem tuteladas por eles.

Na década de 60, a luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher já mostrava a força da bancada feminina no Parlamento brasileiro. Foi no ano de 1962 que o País ganhou o Estatuto da Mulher Casada, um marco de mudanças na legislação conservadora do País. A lei, de autoria da paulista Carlota Pereira de Queiroz, a primeira deputada federal do País e uma das principais pioneiras do movimento organizado de mulheres, trazia inovações como o direito ao pátrio poder também para a mulher. Até então, a mulher não tinha vontade própria e era submetida às decisões do marido. O Estatuto acabou com essa dominação legal e abriu caminho para outras conquistas¹⁰.

O Estatuto da Mulher Casada trouxe em seu bojo uma série de mudanças que beneficiaram as mulheres que viviam submetidas às decisões de seus maridos.

⁸ Disponível em <http://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 30 de mai. 2024.

⁹ Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br>. acesso em 30 de mai. 2024.

¹⁰ Disponível em <https://www.camara.leg.br>. acesso em 30 de mai. 2024.

LEI Nº 4.121, DE 27 DE AGOSTO DE 1962.

Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os artigos 6º, 233, 240, 242, 246, 248, 263, 269, 273, 326, 380, 393, 1.579 e 1.611 do Código Civil e 469 do Código do Processo Civil, passam a vigorar com a seguinte redação:

I

I - Código Civil

“Art. 6º São incapazes relativamente a certos atos (art. 147, nº I), ou à maneira de os exercer:

I - Os maiores de 16 e os menores de 21 anos (arts. 154 e 156).

II - Os pródigos.

III - Os silvícolas.

Parágrafo único. Os silvícolas ficarão sujeitos ao regime tutelar, estabelecido em leis e regulamentos especiais, o qual cessará à medida que se forem adaptando à civilização do País.

II

“Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos (arts. 240, 247 e 251).

Compete-lhe:

I - A representação legal da família;

II - A administração dos bens comuns e dos particulares da mulher que ao marido incumbir administrar, em virtude do regime matrimonial adotado, ou de pacto, antenupcial (arts. 178, § 9º, nº I, c, 274, 289, nº I e 311);

III - O direito de fixar o domicílio da família ressalvada a possibilidade de recorrer a mulher ao Juiz, no caso de deliberação que a prejudique;

IV - Prover a manutenção da família, guardadas as disposições dos arts. 275 e 277”.

III

“Art. 240. A mulher assume, com o casamento, os apelidos do marido e a condição de sua companheira, consorte e colaboradora dos encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta”.

IV

“Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251):

I - Praticar os atos que este não poderia sem consentimento da mulher (art. 235);

II - Alienar ou gravar de ônus real, os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens (arts. 263, incisos II, III e VIII, 269, 275 e 310);

III - Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem;

IV - Contrair obrigações que possam importar em alheação de bens do casal”.

V

“Art. 246. A mulher que exercer profissão lucrativa, distinta da do marido terá direito de praticar todos os atos inerentes ao seu exercício e a sua defesa. O produto do seu trabalho assim auferido, e os bens com ele adquiridos, constituem, salvo estipulação diversa em pacto antenupcial, bens reservados, dos quais poderá dispor livremente com observância, porém, do preceituado na parte final do art. 240 e nos ns. II e III, do artigo 242.

Parágrafo único. Não responde, o produto do trabalho da mulher, nem os bens a que se refere este artigo pelas dívidas do marido, exceto as contraídas em benefício da família”.

VI

“Art. 248. A mulher casada pode livremente:

I - Exercer o direito que lhe competir sobre as pessoas e os bens dos filhos de leito anterior (art. 393);

II - Desobrigar ou reivindicar os imóveis do casal que o marido tenha gravado ou alegado sem sua outorga ou suprimento do juiz (art. 235, número 1);

III - Anular as fianças ou doações feitas pelo marido com infração do disposto nos números III e IV do art. 285;

IV - Reivindicar os bens comuns, móveis ou imóveis, dados ou transferidos pelo marido à concubina (art. 1.177).

V - Dispor dos bens adquiridos na conformidade do número anterior e de quaisquer outros que possua, livres da administração do marido, não sendo imóveis;

VI - Promover os meios assecuratórios e as ações que, em razão do dote ou de outros bens seus, sujeitos à administração do marido, contra este lhe competirem;

VII - Praticar quaisquer outros atos não vedados por lei”.

Parágrafo único. Este direito prevalece, esteja ou não a mulher em companhia do marido, e ainda que a doação se dissimule em venda ou outro contrato;

[...]

Art. 4º Esta lei entrará em vigor 45 (quarenta e cinco) dias após a sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 27 de agosto de 1962; 141º da Independência e 74º da República.

JOÃO GOULART

Francisco Brochado da Rocha

*Cândido de Oliveira Neto.*¹¹

De acordo com o Código Civil, de 1916, uma coisa que é absolutamente corriqueira na atualidade, é a mulher casada trabalhar fora de casa, naquela época só se o marido autorizasse. Com o advir da Lei nº 4.121, de 1962, chamada de Estatuto da Mulher Casada, isso deixou de existir. Dessa forma, a partir do momento em que ela se tornou ativa economicamente, o companheiro perdeu um pouco do poder absoluto que até então o casamento, enquanto sociedade, o outorgava.

Nos moldes da sociedade patriarcal, era vital manter o controle da vida da mulher, colocando-a como alguém necessitada de cuidado e proteção como se fosse incapaz de gerir a própria vida.

O patriarcado se origina de duas palavras gregas: *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando), o que significa de forma literal, a autoridade do pai. Assim como esteve ligado ao sentido religioso, remetendo às figuras dos grandes patriarcas chefes de famílias dos tempos bíblicos. (DELPHI, 2009).

Algumas figuras patriarcais constantes no Antigo Testamento são bastante conhecidas, mesmo por quem não tem ligação com a religião cristã, dentre elas pode-se destacar, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés. Foram homens que tinham como missão ser responsáveis por suas famílias, algumas

¹¹ Disponível em <https://planalto.gov.br>, acesso em 07 de jun. 2024.

bastante numerosas as quais eles conduziam com uma pesada mão onde sua palavra representava a lei.

Do século XIX aos anos 60 do século XX, foram vários questionamentos acerca da subordinação das mulheres nas diversas sociedades e em tempos diferentes. Grupos organizados de mulheres – sejam nos movimentos sociais ou fora deles –, partindo deste questionamento inicial, apontavam, teoricamente e na prática militante, que essa subordinação – atribuída socialmente às mulheres – não era natural, mas historicamente delineada. (SANTANA, 2016, p. 33-34).

A subordinação da mulher na sociedade patriarcal é fruto de todo um processo histórico que a colocou nessa condição contra a qual foi necessário um despertar da consciência, para lutar por conquistar direitos que eram seus, mas dos quais elas eram deixadas à margem.

Na atualidade, se as mulheres não precisam mais de autorização para trabalhar fora de casa, pelo contrário, seu salário passou a ser necessário para compor a renda familiar e, muitas, são responsáveis pelo sustento da casa, por outro lado, no mercado profissional, elas permanecem em desvantagem, seja por ganhar menos, seja pela jornada dupla ou tripla, enfrentada pela grande massa de trabalhadoras.

A maioria das mulheres inseridas no mercado de trabalho vive uma dupla ou tripla jornada de trabalho e não são estimuladas a se organizarem, a participarem da política, dos sindicatos e outros importantes espaços de organização, mobilização e luta. [...]. Segundo o relatório da ONU Mulheres, os salários das mulheres são em média 24% menores que os dos homens nas mesmas funções. [...]. O Brasil é o 124º país em 142 no *ranking* de igualdade de salários por gênero, segundo o Fórum Econômico Mundial. (SIQUEIRA, 2016, p. 85 e 87).

Além de ganhar menos que o homem e de ser refém da dupla ou tripla jornada de trabalho, a mulher não tem estímulo, para participar de movimentos, sindicatos e outros tipos de organizações que se mobilizam para lutar em prol da equidade salarial e por condições mais justas para buscar sua realização profissional.

É nítido que a questão de gênero perpassa a vida profissional das mulheres. Para aquelas que além de uma carreira profissional e/ou acadêmica, também são mães, conciliar com a maternidade, é bastante complexo. Intelectualmente e profissionalmente possuem a mesma capacidade que os homens, mas em virtude da escolha pela família, algumas vão ficando pelo caminho.

Se houvesse parceria masculina para os cuidados com filhos (as) e nas atividades domésticas, elas teriam tempo para se dedicar à carreira, tanto quanto eles. Não se tem notícia de que ao se tornarem pais, os homens larguem suas carreiras para se dedicar à família. Esse cuidado é imposto às mulheres pelo patriarcado, que pôs o jugo sobre os ombros delas.

Para as mulheres que têm filhos (as) e pertencem às classes economicamente menos favorecidas, a carreira universitária também é espinhosa. Geralmente, elas não têm com quem deixá-los (as) para frequentar as aulas. Levá-las também não é a opção mais viável. As universidades não contam com locais apropriados para abrigar os (as) filhos (as) de estudantes mães/pais. Dessa forma, acaba sendo um transtorno para ambas. Essa é uma responsabilidade que na maioria dos casos fica a cargo da mulher.

O movimento *Parent in Science*, foi criado para levantar questões e discutir sobre o impacto de filhos na carreira científica de homens e mulheres no Brasil.

O *Parent in Science* surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a parentalidade dentro do universo da academia e da ciência. Iniciamos nossas ações para preencher um vazio, de dados e de conhecimento, sobre uma questão fundamental: o impacto dos filhos na carreira científica de todos!¹²

O presidente do CNPq, Ricardo Galvão, recentemente fez uma crítica ao movimento, afirmando que ele “atrapalha muito”. A frase foi pronunciada durante sua fala em um evento na Universidade Federal de Campinas – Unicamp e gerou duras e pertinentes críticas de diversas entidades que não deixaram de manifestar sua repulsa ao comentário.

Dentre às muitas críticas pronunciadas, o Andes – Sindicato Nacional fez uma de repúdio defendendo às cientistas que na academia sofrem com a discriminação que as assola, diretamente.

[...]. As palavras do presidente da entidade são um ataque direto ao esforço coletivo de docentes e pesquisadoras e pesquisadores na desconstrução de um sistema acadêmico historicamente projetado por e para homens, e luta por uma academia justa, igualitária e livre de discriminação de gênero. “Ao afirmar que o *Parent in Science* ‘atrapalha muito’, Galvão menospreza a contribuição significativa que o movimento oferece para a promoção de uma cultura acadêmica inclusiva, que compreenda os impactos da parentalidade na trajetória acadêmica de pesquisadores, mas principalmente de docentes e pesquisadoras mulheres, haja vista a enorme disparidade do impacto resultante da divisão sexual do trabalho. A declarações do Presidente do CNPq revelam uma postura desinformada e insensível em relação às demandas legítimas das mulheres na ciência¹³”.

As mulheres pesquisadoras não podem continuar a ser punidas e sofrer discriminações ao se tornarem mães. Ao contrário, é direito delas escolherem a maternidade e a pesquisa. Nessa luta o que elas precisam é de mais incentivo, tais como licença maternidade, creches, e apoio irrestrito de seus

¹² Disponível em <https://parentinscience.com>, acesso em 11 de jun. 2024.

¹³ Disponível em <https://https.andes.org.br>, acesso em 11 de jun. 2024.

companheiros. O machismo estrutural não pode continuar dominando e dando o tom dos ambientes acadêmicos.

Não importa se é no mercado profissional, ou no ambiente científico, as mulheres não podem continuar prejudicadas, sem ter condições de desenvolver seu potencial e realizar seus sonhos dentro do que escolheram.

Assim, as mulheres enfeites, ou mulheres máquinas de procriar, a mesma situação se repete: as mulheres são objetos e não sujeitos da política, e não há ainda um espaço político em que elas possam realmente assumir um novo papel. [...]. Procura-se uma política que dê conta dos sofrimentos cotidianos e dificuldades de mulheres que querem trabalhar e ganhar a vida, que querem ter filhos ou evitá-los, que querem ser tratadas com dignidade. (SOUZA-LOBO, 1991, p. 290-291).

É imprescindível e urgente à mulher ser alcançada por políticas públicas que lhe permitam se desenvolver academicamente e/ou profissionalmente. Que ela possa sim, escolher a maternidade, se assim o desejar, mas que tal escolha não seja posta como empecilho para seu crescimento pessoal e profissional. Ser ou não mãe é uma escolha pessoal, não um estorvo impeditivo à ascensão em uma carreira, científica ou de qualquer outra natureza.

Mesmo o patriarcado e o machismo ditando as regras, ao longo do tempo, houve mulheres que não se acomodaram, nem se conformaram com a posição secundária, quebraram as amarras a elas impostas e foram a luta demonstrando que elas podem e podem muito.

1.2 – Elas podem

Na chamada democracia ateniense, conquistada após muitas guerras e lutas, o destino da pólis era decidido na Assembleia, mas era apenas quem possuía a cidadania que o fazia. E era a minoria. De fora ficavam escravos (as), mulheres e estrangeiros (as), (PLATÃO, 2000). Conforme se pode perceber, a cidadania ateniense era, literalmente, para poucos e as mulheres faziam parte das classes que ficavam de fora. Isso, no entanto, não foi motivo para que elas não tivessem encontrado uma forma de demonstrar o que o poder da união feminina era capaz de fazer.

Aristófanes¹⁴ foi um autor grego que escrevia dramas e comédias. Pelo viés de comediante levou para a cena teatral grega, **Lisístrata – a greve do sexo**. No texto ele narra que as mulheres atenienses estavam cansadas de tantas guerras e lutas, pois por causa disso estavam sempre separadas

¹⁴ Pouco se sabe sobre a vida de Aristófanes. O que se pode dizer é que ele era considerado cidadão ateniense e que provavelmente nasceu em 445 a. C., em local ignorado. Ao longo de sua vida, escreveu e apresentou cerca de quarenta comédias. As que nos chegaram inteiras são: *Acarnenses*, *Cavaleiro*, *Nuvens*, *Véspas*, *Paz*, *Aves*, *Lisístrata*, *Mulheres que comemoram as Tesmoforias*, *Rãs*, *Assembleia das mulheres* e *Pluto*. Aristófanes morreu entre 385 a. C. e 380 a. C. (Itálicos do texto original)

dos homens da família. Esse teria sido o motivo pelo qual Lisístrata convocou as vizinhas e conhecidas para se negarem a fazer sexo com os maridos, até que eles assinassem um tratado de paz. E, ainda, tomaram posse do tesouro da cidade como forma de acabar de vez com novas investidas das forças militares, como forma de entrarem em novas batalhas. A opinião delas não foi solicitada, mas elas se uniram para defender a paz, movidas pelo sentimento de não suportarem mais viver em meio a tantas guerras. (ARISTÓFANES, 2003).

LISÍSTRATA: Vocês não sentem falta dos pais de seus filhos, que as guerras afastaram por tanto tempo do convívio familiar? Aposto que todas vocês estão temporariamente viúvas. Não há uma só que tenha o marido presente aqui em Atenas. [...]. Avante também, galantes companheiras! Saiam pro campo de luta, vendedoras de hortaliças, , brandindo nabo contra o inimigo. Venham também as taverneiras, de vassoura em punho, as padeiras já que estão com a mão na massa, as costureiras, com tesoura e agulha, as cozinheiras com molhos picantes. [...]. Ah, Ah! Você pensou que ia enfrentar apenas um bando de escravas desorganizadas. Agora, ao menos, já aprendeu com que ardor lutam as mulheres dignas desse nome. (ARISTÓFANES, 2003, p. 17-18; 49-50).

Mesmo se tratando de um texto teatral, cômico, com narrativa masculina, o autor conseguiu mostrar a força exercida por uma líder feminina, que se levantou e reuniu as demais em prol de uma causa maior que era a paz.

A capacidade de liderança demonstrada por Lisístrata nos faz pensar no universo político do Brasil, onde as mulheres podem ocupar cargos de vereadoras, prefeitas, deputadas, senadoras e a senhora Dilma Rousseff tenha chegado à presidência do país, continuam sofrendo todo tipo de preconceito, assédio moral e sexual, sendo que a Presidenta citada, sequer conseguiu terminar seu mandato, pois ele foi cassado por meio de um *impeachment*.

O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma. Na justificção para o pedido de impeachment, os juristas alegaram que a então presidente havia cometido crime de responsabilidade pela prática das chamadas "pedaladas fiscais" e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso.¹⁵

¹⁵ Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marcao-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso 03 fev. 2024.

Esse foi um episódio da história do país no qual se pôde perceber o quanto o poder ser exercido por uma mulher incomoda o patriarcado. O mandato da Presidenta Dilma foi conquistado por 2 vezes de forma legal e democrática. Ela foi eleita pela maiorias dos votos. No entanto, enquanto não a tiraram do poder, não sossegaram.

Até se chegar à condição de eleger uma mulher presidenta muita luta aconteceu pelo direito ao voto. Era apenas uma minoria que podia votar e ser votado. O perfil de quem o podia fazer era ser homem, branco e de elevada condição social.

Um das principais conquistas da classe trabalhadora no final do século XIX foi o sufrágio universal. Antes como os cargos parlamentares não eram remunerados, havia a exigência de comprovação de renda para votar e ser votado. Foi necessário muita luta para que houvesse mudança na legislação e esse direito fosse garantido. (ALVES, PITANGUY, 1981).

Não sem lutar muito, os trabalhadores obtiveram a vitória, mas as mulheres não estavam incluídas. Infelizmente elas ainda precisaram lutar muito para alcançar a condição de votantes.

Esta foi uma luta específica, que abrangeu mulheres de todas as classes. Foi uma luta longa, demandando enorme capacidade de organização e uma infinita paciência. Prolongou-se, nos Estados Unidos e na Inglaterra, por sete décadas. No Brasil, por 40 anos, a contar da Constituinte de 1891. (ALVES, PITANGUY, 1981, p.44).

O direito ao voto alcançado pelas mulheres, conquistado à custa de pesadas lutas e sacrifícios por parte de algumas que não se acanharam e nem se dobraram à vontade masculina¹⁶. Por outro lado, no entanto, pouco se ouve sobre o assunto. Foi um feito de enorme significado, mas que não é narrado pela história, da forma como deveria ser.

Mobilizou, nos momentos de ápice das campanhas, até 2 milhões de mulheres, o que torna esta luta um dos movimentos políticos de massa de maior significação do século XX. Apesar disto, merece dos livros de História, quando não o silêncio, apenas uns poucos parágrafos ou uma nota de pé de página. (ALVES, PITANGUY, 1981, p.44).

Conforme se pode observar, não foi pequeno o número de mulheres que participou da luta pelo sufrágio feminino. Por isso mesmo reduzir a narrativa desse feito a notas de rodapé é no mínimo afrontoso com uma conquista de tamanho significado.

No Brasil, como nos demais países, a história do voto para as mulheres, inclui lutas, união em federações, ligas, associações, mas elas conseguiram.

¹⁶ Sobre o tema, o filme *As sufragistas*, dirigido por Sarah Gavron narra como se deu o movimento inglês das mulheres pela participação na política com o direito de votar e serem votadas.

Em fins do século XIX e início do século XX as ideias feministas de participação na política encontraram eco no Brasil através das sufragistas. Na década de 1920, o Sufragismo, movimento de luta pelo voto das mulheres, se tornou uma expressão política organizada através da Federação Brasileira para o Progresso Feminino – FPBF, criada em 1922. A partir de então, surgiram em diversos estados as Ligas e Associações pela Emancipação Feminina, fortalecendo a luta da FPBF pelo direito à plena participação política. (RABAY, CARVALHO, 2010, p. 13).

Embora o direito tenha sido conquistado, o voto não era livre para todas igualmente. Havia certas condições a que elas estavam sujeitas.

Após intensa campanha nacional, o voto feminino e secreto foi introduzido no Código Eleitoral Provisório de 1932, elaborado no governo de Getúlio Vargas, dois anos após a Revolução de 30. Segundo a legislação, era eleitor “o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo”, alistado conforme determinava a lei. Somente em maio de 1933, na eleição para a Assembleia Nacional Constituinte, a mulher brasileira pode, pela primeira vez, exercer o direito de votar e ser votada em âmbito nacional. Naquele ano, a médica paulista Carlota Pereira de Queirós foi a primeira mulher a ser eleita deputada federal da América Latina. Ela também foi a única mulher eleita para compor a Assembleia Nacional Constituinte de 1934.

Fila de espera para votação na seção eleitoral feminina do Méier, Zona Norte do Rio, nas eleições de 1933. O Código Eleitoral de 1932 só permitia que votassem ou fossem votadas as mulheres casadas com o aval do marido ou as viúvas e solteiras com renda própria. O Código de 1934 retirou essas determinações, mas o voto feminino continuou sendo facultativo, com a obrigatoriedade prevista apenas para os eleitores homens. Apenas em 1946 o voto passou a ser obrigatório também para as mulheres. Pioneira, Celina Guimarães Viana (em pé, à esquerda) foi a primeira mulher a votar no Brasil, no Rio Grande do Norte, cinco anos do direito ser assegurado em todo o país. Antes de 1932, algumas mulheres já haviam exercido o direito de votar no país. A primeira delas foi a professora Celina Guimarães Viana, a nossa CELINA, que se alistou e votou em abril de 1928, na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Naquele ano, o Poder Judiciário local permitiu que mulheres se alistassem para votar em uma eleição complementar para o Senado. Celina e outras 20 mulheres se inscreveram. Ela foi a primeira a conseguir esse direito. O Senado acabou invalidando os votos daquela eleição por não aceitar o voto feminino. Mas Celina e as outras mulheres ficaram conhecidas pelo pioneirismo. A professora Celina Guimarães Viana foi a primeira mulher a votar no Brasil, em 1928, na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Depois da conquista, a professora de Mossoró chegou a enviar um telegrama ao Senado Federal, com um apelo para que todas as suas compatriotas obtivessem o mesmo direito. Também em 1928, na cidade de Lajes, no Rio Grande do Norte, a primeira mulher foi escolhida para um cargo eletivo no país. Alzira Soriano foi eleita prefeita da cidade. Ela foi escolhida como candidata para representar o movimento feminista nas eleições, liderado por Bertha Lutz. Seu governo, no entanto, só durou dois anos. O mandato foi interrompido pela revolução de 30. A discussão sobre o voto feminino no Brasil data do final do século XIX. Foram registradas tentativas de alistamento de mulheres para votação na época, mas todas foram negadas. Durante a Constituinte de 1890, a discussão foi intensa, mas todas as propostas de incluir o sufrágio feminino na nova Constituição foram derrotadas, com a justificativa de que com ele, seria decretado o fim da “família brasileira.” Com a Proclamação da República, o periódico “A Família”, de Josefina Álvares de Azevedo se tornou um veículo de propaganda do direito ao voto. Josefina passou a publicar artigos afirmando que sem esse direito, a igualdade prometida pelo regime republicano não seria alcançada. A luta pelo direito ao voto ganha mais força no início do século XX. Em 1910, a educadora Leolinda Daltro funda o Partido

Republicano Feminino, após ter seu pedido de alistamento eleitoral negado. Leolinda era uma mulher desquitada, que criou seus cinco filhos separada do marido e muito ativa politicamente. Por sua atuação, foi apelidada de “mulher do diabo.” Inspirado no movimento sufragista inglês, o PRF organizava passeatas para reivindicar o direito ao voto e condições dignas de trabalho e educação para as mulheres brasileiras. O partido se tornou a primeira organização a liderar a luta pelo sufrágio feminino no Brasil. Posteriormente, foi substituído pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada por Bertha Lutz¹⁷.

Segundo Alves e Pitanguy, o movimento pelo direito ao voto feminino não pode ser confundido com o feminismo, mas por outro lado, foi um movimento feminista, por ter denunciado que as mulheres eram excluídas das tomadas de decisão pública.

A batalha tão árdua travada pelas mulheres, pelo direito de votar, só demonstra o quanto o patriarcado impõe a sua vontade. Continuam querendo perpetuar o que acontecia na pólis grega, onde elas não tinham direito de voz para defender seus direitos.

A história da humanidade é contada pela ótica masculina. Por esse motivo o homem se sobressai e atrai para si os holofotes. São eles quem se destacam e são tidos na qualidade de heróis. Para as mulheres é reservado o silêncio. Delas se esperava que se contentassem sendo primeiro filhas e depois esposas, mães e donas de casa. Que agissem quando solteiras, conforme a vontade do pai e após o casamento, de acordo com as regras ditadas pelo marido. Um horizonte restrito às paredes da casa. De preferência que seguissem os ensinamentos da Bíblia onde deveriam aprender caladas, se é que isso é possível. “A mulher deve aprender em silêncio, com toda a reverência”¹⁸.

A depender da sociedade patriarcal, as mulheres continuariam submissas e caladas da mesma forma citada pelo texto bíblico. Em tempo muito recente já tentaram impor que o correto para a mulher era ser “bela, recatada e do lar”.

A revista Veja, que tem se notabilizado pelo caráter conservador de suas matérias, publicou um artigo intitulado Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”, que faz apologia ao modelo de comportamento definido pela hipócrita moral burguesa. O artigo causou, nas redes sociais, uma enxurrada de comentários sobre os qualificativos atribuídos à esposa do então vice-presidente Michel Temer (PMDB). Os adjetivos expressam uma visão conservadora e burguesa, que em sentido diametralmente oposto às necessidades e reivindicações das trabalhadoras brasileiras. [...]. Não se trata de meras palavras despretensiosas, publicadas pela Veja, mas de palavras que carregam em si, múltiplas determinações que envolvem a condição da mulher nos marcos da sociedade de classe e das lutas encampadas pelos movimentos feministas, em especial das socialistas. (SIQUEIRA, 2016, p. 87).

¹⁷ Disponível <https://apps.tre-go.jus.br>. Acesso em 11 de jun. 2024.

¹⁸ 1 Timóteo 2:11, disponível em <https://bibliaportugues.com>. Acesso em 02 jun. 2024.

É uma frase carregada de significados preconceituosos que tentam colocar a mulher como figura decorativa. Adjetivos contra os quais aquelas que nos antecederam lutaram para dar fim. Ainda que os movimentos iniciais não sejam caracterizados como feminismo, mas foi graças àquelas que tiveram a rebeldia de não se conformar com tantos desmandos, que se tem na contemporaneidade um feminismo atuante em prol das causas femininas. Foram mulheres inspiradoras para o movimento atual.

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois esse termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto pré-determinado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. (ALVES, PITANGUY, 2022, p. 15).

Mesmo que não seja possível estabelecer uma definição precisa do que seja o feminismo, se tem a convicção que muito foi feito pelas incansáveis mulheres pioneiras no movimento, para hoje se ter conquistas significativas, como o direito de votar e ser votadas.

Nossas ancestrais não puderam usufruir totalmente dos frutos advindos das lutas travadas contra os ataques machistas e misóginos, mas deixaram seu legado por herança, como por exemplo, não se conformar sendo somente sombras de pais, maridos e afins.

Um exemplo é Olympe de Gouges, pioneira francesa que teve sua cabeça guilhotinada por ter ousado defender as mulheres, tendo em vista que os iluminados homens que criaram a declaração dos direitos do homem e do cidadão deixaram-nas de fora. Ela, então, criou a declaração dos direitos da mulher e da cidadã, composta de 17 artigos:

- 1) A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem estar fundadas na utilidade comum.
- 2) O objetivo de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis da mulher e do homem; esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.
- 3) O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação que não é mais do que a reunião da mulher e do homem: nenhum corpo e nenhum indivíduo podem exercer autoridade que não emane deles.
- 4) A liberdade e a justiça consistem em devolver tudo o que pertence aos outros: assim, o exercício dos direitos naturais da mulher só tem por limites a tirania perpétua que o homem lhe opõe; esses limites devem ser corrigidos pelas leis da natureza e da razão.
- 5) As leis da natureza e da razão proíbem todas as ações prejudiciais para a sociedade: tudo o que não esteja proibido por essas leis, prudentes e divinas, não pode ser impedido e ninguém pode ser obrigado a fazer o que elas não ordenam.
- 6) A lei deve ser a expressão da vontade geral; todas as cidadãs e cidadãos devem participar em sua formação pessoalmente ou por meio de seus representantes. Deve ser a mesma para todos; todas as cidadãs e todos os cidadãos, por serem iguais, devem ser igualmente admissíveis a todas as dignidades, postos e empregos públicos, segundo suas capacidades e sem mais distinção do que a de suas virtudes e seus talentos.

- 7) Nenhuma mulher se acha eximida de ser acusada, detida e encarcerada nos casos determinados pela Lei. As mulheres obedecem como os homens a essa rigorosa Lei.
- 8) A Lei só deve estabelecer penas estritas e evidentemente necessárias, e ninguém pode ser castigado mais do que em virtude de uma Lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito e legalmente aplicada às mulheres.
- 9) Sobre toda mulher que tenha sido declarada culpada cairá todo o rigor da Lei.
- 10) Ninguém deve ser molestado por suas opiniões, inclusive se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, deve ter também igualmente o de subir à Tribuna, desde que suas manifestações não alterem a ordem pública estabelecida pela Lei.
- 11) A livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos da mulher, pois essa liberdade assegura legitimidade dos pais com relação aos filhos. Toda cidadã pode, pois, dizer livremente, sou mãe de um filho que lhe pertence, sem que um preconceito bárbaro a force a dissimular a verdade; com exceção de responder pelo abuso da liberdade nos casos determinados pela Lei.
- 12) A garantia dos direitos da mulher e da cidadã implica uma utilidade maior; a garantia deve ser instituída para a vantagem de todos e não para utilidade particular daquelas a quem é confiada.
- 13) Para a manutenção da força pública e para os gastos de administração, as contribuições da mulher e do homem são as mesmas; ela participa em todas as prestações pessoais, em todas as tarefas penosas; portanto, deve participar na distribuição dos postos, em pregos, cargos, dinidades e outras atividades.
- 14) As cidadãs e cidadãos têm o direito de comprovar, por si mesmos ou por meio de seus representantes, a necessidade da contribuição pública. As cidadãs unicamente podem aprová-la se se admite uma divisão igual, não apenas na fortuna mas também na administração pública, e se determinam a cota, a base tributária, a arrecadação e a duração do imposto.
- 15) As mulheres, agrupadas com a dos homens para a contribuição, têm o direito de pedir contas de sua administração a todo agente público.
- 16) Toda sociedade na qual a garantia dos direitos não esteja assegurada, nem a separação dos poderes determinada, não tem constituição; a constituição é nula se a maioria dos indivíduos que compõem a nação não cooperou em sua redação.
- 17) As propriedades pertencem a todos os sexos reunidos ou separados; são, para cada um, um direito inviolável e sagrado; ninguém pode ser privado dela como verdadeiro patrimônio da natureza a não ser que a necessidade pública, legalmente constatada, o exija de maneira evidente e sob a condição de uma justa e prévia indenização (COMISSÃO DOMINICANA DE JUSTIÇA E PAZ, 2018, p. 24-25)

Nos 17 artigos a autora tratou sobre tributos, educação, liberdade de expressão e vários outros temas pertinentes ao que se propôs. E não se furtou de escrever que se alguma cometesse algum deslize, deveria ser punida na forma da lei vigente. Ou seja, ela defendia os direitos da mulher, não uma superproteção, nem estar acima da lei. Infelizmente a sociedade de sua época não a compreendeu e seu destino foi a guilhotina. Não foi permitido a essa mulher com tantas ideias em prol da causa feminina, permanecer viva em meio aquela sociedade na qual o patriarcado ditava as regras.

A declaração criada por Olympe de Gouge permanece atual, trazia em seu bojo a luta pela igualdade entre homens e mulheres, inclusive, em questões salariais, que continua como bandeira de luta feminina. Quantas ocupam os mesmos cargos que os homens e recebem um salário menor. Ou

quantas trabalham e o marido se coloca como gestor do pagamento recebido, como se elas não fossem capazes de gerir as próprias finanças.

Sobre esse comportamento em relação à questão salarial feminina, a autora Silvia Federici narra como ocorria no período da acumulação primitiva, na indústria artesanal, na qual era permitido que a mulher trabalhasse, mas o salário ia para o marido.

O que se destaca nesse tipo de organização é que, embora a esposa trabalhasse junto ao marido, produzindo também para o mercado. Era o marido que recebia o salário da mulher. Isso ocorria com outras trabalhadoras, assim que se casavam. [...] Tal política, que impossibilitava que as mulheres tivessem seu próprio dinheiro, criou as condições materiais para sua sujeição aos homens e para a apropriação de seu trabalho por parte dos trabalhadores homens. (FEDERICI, 2017, p. 194-195).

Esse comportamento machista e patriarcal ainda ocorre na atualidade. Muitos companheiros se colocam como donos do salário das esposas, tentando manter o argumento que têm mais conhecimento de economia e finanças, e, com isso mais capacidade de administrar bens materiais.

Seja tentando se apropriar do salário, ou a invisibilizando no trabalho, a mulher sempre está em desvantagem, não importa a área na qual esteja atuando. Na educação era de se esperar que a realidade fosse diferente, no entanto não é o que ocorre.

Para exemplificar, no ano de 2018, a autora desta dissertação era aluna de graduação do curso de Filosofia na Universidade de Brasília e ao chegar ao final, percebeu algo que a incomodou bastante: as filósofas praticamente não faziam parte do currículo estudado. Elas foram reduzidas basicamente a Simone de Beauvoir e Hanna Arendt. Não se trata de menosprezar o trabalho delas, ambas são ícones do pensamento filosófico-científico, e, sim, desejar ter tido contato com outras pensadoras cujo trabalho precisa ser conhecido, como forma de enriquecer o conhecimento de quem está se profissionalizando no meio filosófico.

Entre as mulheres pensadoras que existiram, mas se tornaram sujeitos invisíveis na Filosofia, podemos citar, da antiguidade, Safo de Lesbos, Aspásia de Mileto, Diotima de Mantinea, Hipátia de Alexandria; do medievo, Hildegarda de Bingen, Eloísa de Paráclito, Christine de Pizan, Marguerite Porete, Catalina de Sena, Teresa D'ávila; da modernidade, Anne Crowell, Mary Astell, Sor Juana Inés de la Cruz, Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges; da contemporaneidade, figuras como Lou Andréas-Salomé, Alexandra Kolontai, Edith Stein, Rosa Luxemburgo, Maria Zambrano, Julia Kristeva, Judith Butler, Seyla Benhabib, Ângela Davis entre tantas outras até os nossos dias. Enfim, não são poucas as pensadoras e filósofas existentes, mas que infelizmente têm seus nomes ofuscados, ou mesmo esquecidos no meio filosófico. Não obstante, cada uma delas foi extraordinária e o legado deixado por elas permanece. Cada uma foi filha da época em que viveu, expandindo seu pensamento para além dela. Seja pela originalidade ou pela forma

que cada uma delas existiu e se inscreveu no seu contexto, a marca delas permanece¹⁹.

Poderíamos continuar em uma espécie de ladainha, repetindo nomes de mulheres importantes nas mais diversas áreas, assim como listar uma infinidade de situações nas quais elas foram esquecidas, ofuscadas, menosprezadas e/ou silenciadas. O desejo, entretanto, é que ao menos na educação o cenário fosse outro, e houvesse paridade de gênero tanto entre pensadores (as) estudados (as) quanto entre os/as discentes.

Tal afirmação é feita com a segurança que a Constituição de 1988 outorga:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

[...]

IX - Garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. [\(Incluído pela Emenda Constitucional nº 108, de 2020\)](#)

[...]Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

[...]

V - Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. (BRASIL, 1988, p. 129)

Sendo a educação dever do estado conforme garante a Constituição, era de se esperar que fosse estendido a todos (as) sem distinção de qualquer natureza, principalmente de gênero, mas para as mulheres essa realidade fica meio na teoria. Na prática elas têm de driblar muitos obstáculos para conseguir ocupar as salas de aula, e de forma mais acentuada na idade adulta. Ou seja, quando buscam uma vaga nos cursos de Educação de Jovens e Adultos, ou na graduação e pós-graduação.

Curso de informática avançado, artes cênicas e tudo o mais que puder encaixar na sua rotina. Essa é uma parte dos planos de Maria Eliete Farias da Cruz, de 73 anos, após terminar o ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em julho. Mãe de seis filhos, avó, bisavó, ela conta que havia parado os estudos após se casar. [...]. O sonho de concluir o ensino superior está latente. E, para quem acha que a idade impõe limite, ela deixa um recado: “Nunca é tarde. Me casei e parei no tempo quando deixei os estudos de lado, mas, agora, eu não me sinto incapaz de realizar meus sonhos”²⁰.

É na fase de jovens e adultas que as mulheres, principalmente as que vivem nas regiões periféricas, se veem às voltas com a sobrecarga de tarefas. É o marido, para as que se casam, são os

¹⁹ Disponível em <https://bdm.unb.br/handle/10483/22282>. Acesso 24 de mai. 2024.

²⁰ Disponível em <https://www.agencia.ac.br>. Acesso 08 out. 2024.

(as) filhos (as), caso os tenham, os afazeres domésticos, o trabalho fora de casa, enfim, sobra ocupações e os estudos ficam para depois. Mas, ainda que seja aos 73 anos, ao retomar os estudos sentem motivação pelas conquistas alcançadas. Por isso, a educação, direito assegurado pelo Estado, na teoria é para todos e todas, na prática, no entanto, nem sempre a mulher tem como usufruir desse direito, no tempo em que gostaria.

2. Desigualdade de gênero na educação

“(Re)visitar a história a partir do olhar e das Vozes das Mulheres é compreender que elas arrastam consigo as vozes e as histórias de outras gerações para além da perspectiva histórica, restrita ao conteúdo e ao discurso masculino”. (Sílvia Ester Orrú)

No *modus operandi* da engrenagem montada pela sociedade patriarcal, a mulher não é reconhecida como inteligente e competente. Para galgar posições de destaque na carreira profissional, científica, ou em qualquer outra área na qual busque realização, seu talento é atrelado ao de algum homem destaque naquela área, como se por si mesma ela não possuísse capacidade para alcançar suas conquistas.

Em que pese o fato de haver homens que se destacam em diferentes campos, em todas as épocas, igualmente há mulheres no mesmo patamar. Elas construíram carreiras sólidas a partir de muita competência, o que ocorre, no entanto, é o silenciamento e o apagamento de muitas delas, como se nunca tivessem existido.

Marie Curie²¹ um dos nomes femininos mais conhecidos na área científica, foi vítima dessa tentativa de apagamento e descredibilidade de seu trabalho, ainda que possuísse a mesma capacidade que seu esposo Pierre Curie.²² Em diversas ocasiões seu trabalho foi desprestigiado como se fosse insignificante, somente por ser mulher.

Seus sonhos de ensinar na Polônia receberam uma dose de realidade quando lhe foi recusada uma posição na Universidade de Cracóvia, sob a alegação de que era mulher. [...]. Em 1911, a Universidade de Harvard recusou-se a lhe conferir uma distinção, sob a alegação de que após a morte do marido não teria feito nada de importante. (FUNCHAL, 2015, p. 20 e 27).

Debaixo da pesada mão do machismo e do patriarcado, mulheres como Marie Curie, ao invés de serem celebradas por seu talento e trabalho em prol da humanidade, são diminuídas e

²¹ Marie Curie (1867-1934) foi uma cientista polonesa. Descobriu e isolou os elementos químicos, o polônio e o rádio, junto com Pierre Curie. Foi a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel, o de física, em 1903, e a única mulher a acumular o prêmio duas vezes, quando recebeu o de Química, em 1911. Foi a primeira mulher a lecionar na Sorbone. [...]. Em 1895, quando preparava sua tese de doutorado, Marie conheceu Pierre Curie, que trabalhava em pesquisas elétricas e magnéticas, e em pouco tempo estavam casados. Disponível em: <https://ebiografia.com>. Acesso 24 de mai. 2024.

²² Pierre Curie (1859-1906) foi um físico francês, pioneiro no estudo da cristalografia, magnetismo, piezeletricidade e radioatividade. Junto com sua esposa, a física Marie Curie, conduziu estudos sobre os sais de urânio e descobriu um novo elemento químico, que chamou de rádio. Em 1903, o casal ganhou o Prêmio Nobel de Física. Disponível em <https://ebiografia.com>. Acesso em 24 de mai. 2024.

colocadas em posição subalterna frente à figura masculina, mesmo quando se dedicam e se sobressaem demonstrando que competência independe do gênero.

Para a cultura patriarcal, que desde sempre tentou e conseguiu manter por muito tempo a mulher com a função principal de procriar, o ideal era tal função se perpetuar. Deixá-las longe do acesso a uma educação formal era uma das estratégias para continuarem no posto de “rainhas do lar”, sem nenhuma reclamação.

Contra esta concepção equivocada, uma das vozes femininas que durante a Idade Média defendeu o direito das meninas e mulheres estudarem, foi a filósofa e escritora Christine de Pizan²³. Sua convicção era que elas possuíam a mesma capacidade de aprender que os homens. O que lhes faltava era a oportunidade de acesso ao conhecimento.

Se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles. [...]. Sabe por que elas sabem menos? [...]. É por elas não experimentarem coisas diferentes, limitando-se às ocupações domésticas, ficando em casa, e não há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada. (PIZAN, 2012, p. 126-127).

Dessa forma, enquanto nos homens era estimulado o desenvolvimento intelectual, nas mulheres a capacidade para aprender não era nem mesmo reconhecida. Ainda assim, algumas conseguiram quebrar as amarras a elas impostas e deixaram seu legado para suas descendentes.

A médica Trotula di Ruggiero, viveu na Itália no século XI, era uma estudiosa das doenças que atingiam as mulheres e deixou as obras *De passionibus mulierum* e *De ornatu mulierum* nas quais ensinava receitas para toda e qualquer enfermidade, ou dificuldade que envolvia o universo feminino.

Quem trabalha com esse campo do conhecimento sabe que há uma dívida histórica para com a memória de Trotula, médica salerniana que talvez seja um dos maiores exemplos da tentativa de silenciamento das vozes femininas, mediante recursos dos mais variados em todos os tempos. Mas foi o tempo moderno e contemporâneo o grande algoz dessa médica medieval, e o silenciamento se deu a partir de um dispositivo sofisticado de negação da autoria: mudar seu sexo, torná-la homem. Só

²³ Christine de Pizan nasceu em Veneza, em 1364, filha de Tommaso da Pizzano, médico italiano, astrólogo, e professor na Universidade de Bolonha. Quando Christine tinha quatro anos de idade, a família se mudou para a França, a convite de Carlos V de Valois (1338-1380) – o rei Sábio – para que seu pai atuasse como embaixador italiano na corte francesa. Christine de Pizan foi uma das vozes que se levantou contra a misoginia de sua época e exaltou as mulheres do seu tempo. Fez isso, especialmente, por meio de palavras escritas, as quais utilizou como forma de empoderar aquelas que, por tanto tempo, tiveram suas vozes silenciadas. Fossem elas nobres, camponesas, ou santas, cada uma foi lembrada, pois eram exemplares em virtudes, que se sobressaíam frente a qualquer eventual defeito. Sua obra mais conhecida é *A cidade das Damas*. (Disponível em <https://bdm.unb.br>. Acesso 1º jun. 2024).

assim podiam os homens do Renascimento, da modernidade e até mesmo da contemporaneidade explicar Trotula. [...]. Assim, falar de Trotula é falar da construção da cultura ocidental, da disciplina história e de sua dívida para com as mulheres ao longo do tempo e de sua permanência. Pois, apesar das adversidades próprias de ser o outro sexo num mundo de base patriarcal, parte do material produzido pelas mulheres pôde chegar aos dias de hoje, sendo seu acesso fundamental. [...]. As obras de Trotula foram lidas, relidas e usadas como referência nos tratamentos médicos durante séculos e sua autoria nunca foi questionada, apesar das críticas que recebeu ainda na Idade Média. A crítica veio sobretudo, de membros das universidades. Que se espalham pelo Ocidente entre os séculos XII-XIII, substituindo escolas como a de Salerno. Para as mulheres, o fechamento das escolas não trouxe nada de novo, nada lhes foi oferecido em sua substituição, posto que foram proibidas de frequentar as universidades, e mais ainda de atuarem nelas como mestras. Ou seja, as universidades se convertem no novo lugar do conhecimento e as mulheres foram proibidas de estar nele [...]. (BROCHADO, 2018, prefácio, p 15-17).

Trotula se preocupou em deixar escritos sobre a saúde da mulher, entretanto teve seu nome apagado da história. E para deixar as mulheres totalmente à margem do conhecimento, escolas foram fechadas, lhes foi proibido frequentar as universidades e aquelas que antes ocupavam postos como mestras, não puderam mais ensinar. Ou seja, o acesso à educação foi tirado delas de todas as formas.

Por muito tempo no Brasil, a situação das mulheres para estudar também não era nada animadora. Para cursar medicina, por exemplo, tinham de ir acompanhadas por alguém responsável. E havia outros cursos nos quais elas podiam ter acesso, mas em algumas disciplinas eram barradas. As que iam desacompanhadas não eram bem vistas.

Em 1881, o curso médico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro abrigou sua primeira aluna, Ambrosina de Magalhães. Em 1883, este mesmo curso acolhia quatro alunas, uma frequentava as aulas acompanhadas pelo pai, outra por uma velha dama, as restantes dispensavam proteção. (Barros, 1959: 184-5.). Considero muito importante registrar aqui a clara presença da ideologia da interdição do corpo com relação à mulher, desde que, estas duas alunas foram, na época, consideradas vulgares, verdadeiras prostitutas. Acrescente-se o fato de que nesta mesma faculdade da capital do Império todas as alunas eram dispensadas das aulas de anatomia e fisiologia porque lhes sendo vedado assistir às aulas com os jovens homens não havia na cidade mestras mulheres capazes de ministrar matérias. Mais interessante ainda é saber que a matrícula nos cursos de direito eram de fato abertas somente ao homem. (BARROS, 1959: 184-5 *apud* FREIRE, 1989, p. 113).

Era um cenário aterrorizante para as mulheres frequentarem as salas de aulas das universidades. Enquanto os homens tinham total liberdade para frequentar seus cursos, elas, para fazer a mesma coisa, eram submetidas a todos esses constrangimentos.

Mais uma vez se vê a mulher pagando um preço muito alto por ser mulher. Sendo vista apenas como um corpo físico, sem permissão para frequentar um espaço onde o homem transitava livremente, mas para ela não havia a liberdade de aprender.

Atualmente, em nosso país, a discriminação da mulher em cursos universitários ainda ocorre, mas elas não precisam de acompanhantes para frequentar as aulas, assim como não há problemas para exercerem a profissão de professoras em qualquer área. Entretanto, para que essa realidade seja possível foi necessário ousadia e rebeldia, das que não desistiram de suas carreiras.

Ninguém se surpreende mais, ou pelo menos não deveria, por ser atendido (a) por uma médica, por ser defendido (a) por uma juíza em pleno exercício de sua função nos tribunais, ou ver uma cientista ganhar o prêmio Nobel por alguma descoberta em benefício da humanidade. A capacidade delas não é menor que a dos homens, o que falta é a oportunidade.

Para isso ocorrer, no entanto, foi preciso muita coragem das que nos antecederam, que derrubaram os muros das proibições e avançaram apesar deles, deixando suas marcas registradas na história. A escritora Virgínia Woolf (1882-1941) outra pensadora que se posicionou contra a questão da mulher cuja função era apenas procriar, percebeu o quanto fazia diferença o letramento feminino.

Eu mesma, por exemplo, sempre achei que o dever de uma mulher era passar sua juventude tendo filhos. Venerava minha mãe por ter tido dez; minha avó mais ainda por ter tido quinze; era minha ambição, devo confessar, ter vinte. Passamos todas essas eras supondo que os homens fossem todos igualmente industriais e que suas obras, tivessem, todas o mesmo mérito. Enquanto trazíamos crianças ao mundo, eles, supúnhamos, traziam ao mundo os livros e as pinturas. Nós povoávamos o mundo. Eles o civilizavam. Mas agora que sabemos ler, o que nos impede de julgar os resultados? (WOOLF, 2019, p. 11).

A mulher fez e continua fazendo a sua parte no sentido de povoar o mundo, os homens, contudo, não o civilizaram. Ou, pensaram apenas em uma civilização para eles, na qual o sexo feminino foi deixado de fora, carregando sobre si o fardo de ser visto como incapaz, inclusive de aprender, tendo sido deixada à margem do direito de frequentar as salas de aula. Ou, quando permitido, eram impostas uma infinidade de regras e proibições a serem cumpridas.

Faz pouco tempo que as Mulheres passaram a ocupar a escrita para o (re)conto da história a partir de suas próprias lentes, a problematizar e a (re)significar tudo o que os homens disseram sobre elas e por elas. A ocupação desse espaço social discursivo não se deu de um modo tranquilo e natural. A revés, tem sido em meio a árduos embates que as Mulheres têm construído suas representatividades e se apoderado de seus lugares de fala (ORRÚ, 2023, p. 15-16).

O espaço na educação que foi tirado das mulheres fez com que por muito tempo a história delas fosse contada por eles, com uma visão incorreta, inferiorizando-as. É um arremedo de história, pois parte da visão de quem se põe como figura dominante. E não há como negar que a versão

contada por quem tem o poder nas mãos, não é a mesma de quem está do lado colocado como mais fraco.

A luta para perfurar a barreira da dominação, do viver na escuridão e superar as limitações, foi dantesca. A história das mulheres para provar que possuem a mesma capacidade quando tiverem acesso à luz e aos meios necessários, ainda precisa ser contada.

A condição da mulher para ter acesso à educação pode ser comparada com as personagens em **O mito da caverna**, de Platão²⁴. Um dia alguém não se conformou em viver na escuridão, vendo apenas as sombras. Alguma residente da caverna teve acesso à luz da saída, descobriu que havia um mundo de possibilidades e voltou para informar às demais, mostrando que o adquirir conhecimentos, pode trazer libertação e emancipação, individualmente e para o coletivo.

A educação popular está entranhada na práxis social, que trabalha com foco no coletivo e na bagagem experiencial dos (as) alunos (as). Ela se diferencia da educação formal tradicional, na qual todos (as) são tratados (as) como iguais, mas não no sentido de igualdade de gênero, por exemplo, e, sim no sentido de receberem os mesmos conteúdos prontos. Como nem sempre conseguem decifrá-los, ou, não de forma correta, também não desenvolvem o senso crítico, não questionam, apenas aceitam.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática [...]. Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com vida? (FREIRE, 2019, p. 31-32).

A educação popular valoriza a realidade do meio onde os alunos (as) se encontram inseridos (as). É uma perspectiva na qual a territorialidade é considerada. Ou seja, as peculiaridades de seus lugares de origem são levadas em conta. É desenvolvida como uma forma de se contrapor aos moldes dos projetos educacionais que dominam, por estes manterem o *status quo* do que está posto.

Trazendo a educação popular para a realidade de violência enfrentada pelas mulheres e meninas, residentes nas periferias, o pensamento de Paulo Freire (1921-1997) faz toda a diferença por possuir um caráter que instiga o despertar da consciência para a liberdade e a emancipação, por meio de uma dialogicidade que leva para o coletivo. Especialmente na obra **Pedagogia do Oprimido**, que trouxe inquietação para quem educa e para quem é educado (a).

²⁴ O mito da caverna, Platão, disponível em <http://www.usp.br>. Acesso 15 out. 2023.

Conforme a alegoria de Platão, na caverna habitava quem tinha receio da mudança e quem duvidava que tivesse algo melhor, além da realidade vivenciada. Da mesma maneira Freire fala sobre a condição dos (as) oprimidos (as):

Os oprimidos, contudo, acomodados e imersos e adaptados “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça. [...]. Querem ser, mas temem ser. (FREIRE, 2016, p. 47).

Despertar nessas pessoas o desejo de querer conhecer algo novo e, possivelmente, provocar mudanças no que parece certo e confortável, é desafiador. Não se trata apenas de ensinar conteúdos, mas despertar o interesse e a vontade delas de aprender, como alerta bell hooks: “Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão” (hooks, 2019, p. 17).

Para as classes trabalhadoras, e mais ainda para as mulheres periféricas, cursar uma graduação ou uma pós-graduação, é um ato transgressor. São pessoas que só têm como opção as aulas no período noturno. A realidade é após um dia exaustivo, às vezes em pé por horas, em mais de um transporte para chegar ao trabalho e depois à faculdade. Depois de tamanho desgaste, o ânimo e a vontade de aprender, se esvaíram. Ter entusiasmo nas aulas é um desafio para quem ensina e para quem aprende.

A luta por uma educação popular é uma causa abraçada desde os primórdios pelas mulheres. A pensadora Nadezhda Krupskaya (1869-1939) pioneira da Revolução Russa era uma defensora de uma educação pública e de qualidade para as crianças, pois as mães, debaixo de uma jornada de trabalho extenuante como operárias nas fábricas, não tinham como educar seus (as) filhos (as). Isso além do fato de não possuírem conhecimentos suficientes para isso. Diz ela: “A própria mãe, geralmente, não é capaz de ensinar nada aos filhos, pois ela também não sabe nada”. (KRUPSKAYA, 2017, p. 23).

Krupskaya foi defensora de uma educação que abraçasse a realidade das mulheres da extinta União Soviética, na qual as escolas eram extremamente precárias e não tinham, sequer, condições de cuidar e ensinar os (as) filhos (as). Com sensibilidade ela enxergava a necessidade da mudança daquela realidade para o ciclo não se repetir geração após geração.

Não é diferente o dia a dia das mulheres da periferia de Brasília. Elas, em sua maioria não tiveram oportunidade de estudar. Precisam trabalhar fora para manter a família. E quando têm crianças são responsáveis pela educação delas e muitas vezes não têm onde, nem com quem deixá-las.

A última Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPE-DF) em 2021, mostra que, a capital do país, 580.440 mulheres de 10 anos ou mais são mães. Destas, 125.150 vivem em arranjo monoparental feminino, isto é, 21,6% das mães do DF vivem com os filhos e sem o cônjuge ou companheiro. Especialista ouvida pelo Correio explica que as famílias chefiadas por mulheres acabam sendo mais vulneráveis pois, além das mulheres ganharem menos que os homens, elas ainda são responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos. [...]. "O que vemos é que as mulheres têm mais dificuldades de inserção no mercado de trabalho (taxa de desemprego maior, salários mais baixos), e mesmo assim são responsáveis por mais de 30% das famílias do DF, mesmo quando elas não estão inseridas na população economicamente ativa". "Para as mulheres responsáveis pelos domicílios, a situação demanda ainda mais atenção, pois essas, muitas vezes, são responsáveis pelos cuidados primários com os filhos ou outras pessoas que residem na sua casa, além de ter que responder prioritariamente pela renda das famílias em que elas são as chefes", concluiu²⁵.

Trata-se de uma dura realidade vivenciada por essas moradoras dos arredores do Distrito Federal. Elas pertencem às classes menos favorecidas, entretanto arcam com as despesas e cuidados familiares. Estão à mercê do que dita a sociedade capitalista e patriarcal, e enfrentam maior dificuldade de conseguir um trabalho e quando conseguem, recebem salário menor que os homens. Vivendo num cenário assim, não é de causar espanto e nem estranhamento que a educação não seja prioridade.

Alexandra Kolontai (1872-1952) líder revolucionária e teórica do marxismo, também via com preocupação a situação da mulher trabalhadora nas fábricas, agravada pelo sistema capitalista, pois elas além do trabalho fora de casa tinham sobre si os afazeres domésticos e os cuidados com as crianças. Segundo ela: "O capitalismo carregou sobre os ombros da mulher trabalhadora um fardo que a esmaga; a converteu em operária, sem aliviá-la de seus cuidados de dona de casa e mãe". (KOLONTAI, 2013, p. 24).

Às mulheres na extinta União Soviética encaravam grandes dificuldades relacionadas à educação de suas crianças e aos seus cuidados em geral. Elas precisavam trabalhar, mas tinham que se preocupar com o bem estar de seus filhos (as). A maternidade acabava se tornando um fardo a mais que elas não deveriam ter de cuidar sozinhas.

As dificuldades pelas quais as mulheres da ex-União Soviética passavam, de ter de trabalhar fora de casa e ao mesmo tempo dar conta sozinha, da responsabilidade com as crianças, é uma realidade que continua a assolar a vida das mulheres trabalhadoras. É uma situação dicotômica, pois ao mesmo tempo em que são obrigadas a sustentar a família, têm maior dificuldade para encontrar trabalho, justamente por serem mães, e, quando conseguem, o salário é quase sempre mais baixo que o dos homens.

²⁵ Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso 13 de jun. 2024.

A esperança trazida pela educação é a de proporcionar condições para as mulheres enfrentarem com mais elementos, os embates no meio profissional, impostos pelo sistema patriarcal. Não no sentido de ser redentora ou de salvadora para elas, mas no sentido de emancipá-las.

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e desespero. Desesperança e desespero, consequência e razão de ser da inação e do imobilismo. (FREIRE, 2011, p. 15).

Ainda há muito a ser feito para dar suporte às valentes mulheres periféricas, a terem condições de acesso a uma vida mais digna. É aí que entra a educação da esperança. Não no sentido de apenas esperar, mas de se movimentar, se unir, buscando a coletividade, junto aos vários movimentos sociais existentes, fazendo surgir oportunidades, por meio das políticas públicas de inclusão, pois só assim quem pertence às chamadas “minorias”, conseguem ter acesso aos espaços que são direito delas.

Um exemplo é a Lei nº 12.711 de 2012, conhecida como lei das cotas, que estabeleceu regras para o ingresso em universidades públicas e, também, ao ensino técnico de nível médio, por parte de pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e com deficiências²⁶.

Esse é um debate no qual a Universidade de Brasília é precursora, tendo sido a primeira entidade pública de educação a inserir em seus quadros o sistema de cotas raciais no vestibular do ano de 2004. O que se mantém independente de legislações sobre a temática.

Além do sistema de cotas, que auxilia na quebra da imagem elitizada das universidades, o ensino por meio da extensão procura fazer uma ponte entre a academia e as classes populares, ao levar projetos e programas para as áreas periféricas.

São os programas de extensão que alargam as fronteiras entre a população menos favorecida economicamente e a universidade. Ali ocorrem as trocas de ensino com a comunidade, permitindo a fusão entre teoria e prática, proporcionando uma práxis pedagógica que dá sentido aos conhecimentos empíricos e científicos.

A Universidade de Brasília (UnB) por meio do seu Decanato de Extensão trabalha para que suas unidades de ensino façam a intereção com o meio social, procurando, assim, uma integração entre ensino e comunidade.

No âmbito da Faculdade de Educação (UnB), vários professores (as) desenvolvem atividades de extensão. Destacamos como exemplos, Formação para Alfabetizadores de Jovens, Adultos e Idosos e Defesa da Democracia; Leia – Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças; e Pós-

²⁶ Disponível em www.gov.br/mec. Acesso 14 de out. 2023.

Populares: Democratização do Acesso à Universidade pelo Chão da Pesquisa. São projetos criados e coordenados pelo professor Erlando da Silva Rêses, cujo teor é voltado para as causas sociais, procurando sensibilizar e despertar na população das periferias de Brasília e sua região metropolitana, a consciência de seu papel de cidadãos (ãs), para que procurem lutar por sua emancipação pessoal e profissional, e, do meio social no qual estão inseridos (as).

3. Extensão e Projeto Pós-Populares: possibilidade da periferia à universidade

“Mas a mulher operária não pode deixar de valorizar os benefícios da educação pública”. (Krupskaya).

Brasília foi sonhada e criada para ser a capital do Brasil e o centro dos poderes da República.

Desde a metade do século XVIII, a ideia de transferir a capital do Brasil para o interior desabitado foi o sonho de muitos visionários. Eles deixaram a Brasília o legado de uma mitologia do Novo Mundo em que a construção de uma capital no Planalto Central seria o meio de desencadear o florestamento de uma grande civilização num paraíso de abundância. Um desses visionários, o italiano João Bosco, tornou-se o padroeiro de Brasília devido a uma profecia desse gênero. Segundo os intérpretes de sua revelação, ele vislumbrou o lugar da cidade, 75 anos antes de sua construção, como sendo a Terra Prometida. Em 30 de agosto de 1883, atravessando os Andes de trem, rumo ao Rio de Janeiro, em companhia de um guia celestial. Quando cruzaram o Planalto Central, eles divisaram não apenas a superfície, mas também seus aspectos subterrâneos. (HOLSTON, 1993, p. 23).

Entre o sonho de Dom Bosco e a inauguração da cidade pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 21 de abril de 1960, foram 77 anos, mas a construção da cidade ocorreu de forma bastante rápida, entre os anos de 1957 e 1960. Foi necessário muito trabalho braçal dos chamados candangos que saíram de diversos estados brasileiros e migraram para o Planalto Central, como se estivessem indo para um Eldorado, em busca de também realizar sonhos pessoais.

Além de abrigar os órgãos do poder público, era necessário também construir uma universidade, cuja finalidade era formar cientistas, por meio de um ensino novo e moderno, como a cidade.

Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília foi inaugurada, em 21 de abril de 1962, com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país. A construção do campus brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios. Os inventores desejavam criar uma experiência educadora que unisse o que havia de mais moderno

em pesquisas tecnológicas com uma produção acadêmica capaz de melhorar a realidade brasileira. As regras, a estrutura e concepção da Universidade foram definidas pelo Plano Orientador, uma espécie de Carta Magna, datada de 1962, e ainda hoje em vigor. O Plano foi a primeira publicação da Editora UnB e mostra o espírito inovador da instituição. "Só uma universidade nova, inteiramente planejada, estruturada em bases mais flexíveis, poderá abrir perspectivas de pronta renovação do nosso ensino superior", diz o Plano Orientador. [...] Em 15 de dezembro de 1961, o então presidente da República João Goulart sancionou a Lei 3.998, que autorizou a criação da universidade. Darcy e Anísio convidaram cientistas, artistas e professores das mais tradicionais faculdades brasileiras para assumir o comando das salas de aula da jovem UnB. "Eram mais de duzentos sábios e aprendizes, selecionados por seu talento para plantar aqui a sabedoria humana", escreveu Darcy Ribeiro, em *A Invenção da Universidade de Brasília*. A estrutura administrativa e financeira era amparada por um conceito novo nos anos 60 e até hoje "menina dos olhos" dos gestores universitários: a autonomia." A UnB foi organizada como uma Fundação, a fim de libertá-la da opressão que o burocratismo ministerial exerce sobre as universidades federais. Ela deveria reger a si própria, livre e responsabilmente, não como uma empresa, mas como um serviço público e autônomo", escreveu Darcy, em *UnB: Invenção e Descaminho*. A inauguração da UnB assemelhou-se com a construção da capital federal. Quase tudo era canteiro de obras, poucos prédios estavam prontos. O Auditório Dois Candangos, onde ocorreu a cerimônia de inauguração, foi finalizado 20 minutos antes do evento, marcado para as 10h. O nome do espaço homenageia os pedreiros Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que morreram soterrados em um acidente durante as obras²⁷.

A construção de Brasília, assim como a da UnB, se deu por meio de mãos de homens e mulheres trabalhadores (as), que derramaram muito suor, lágrimas, passaram noites sem dormir, sentiram cansaço, perderam companheiros (as) de trabalho, mas deram o seu melhor para tudo ficar pronto, conforme o esperado.

Poderia se imaginar que esses trabalhadores (as) habitariam na cidade da mesma forma como ocorreu com os intelectuais que para a nova capital também vieram, porém, não foi bem assim. Os candangos, apelido dado aos homens que vieram trabalhar na construção, embora também tenham vindo mulheres,²⁸ foram sendo empurrados (as) para distante do Plano Piloto, como se chama o centro de Brasília. E dessa forma foram sendo criadas as cidades satélites, para abrigar a massa de trabalhadores (as).

Desde a fundação de Brasília, sua população concentrou-se, de forma esmagadora, na periferia em torno do Plano Piloto. [...]. O objetivo inicial desta política era manter a capital como um centro burocrático, livre das desordens sociais que assolam outras cidades brasileiras. [...]. Desse modo, para preservar um Plano Piloto intacto, o governo criou uma ordem social dual entre os migrantes, regulando o acesso à residência. Como resultado, uma periferia pobre de cidades satélites foi povoada pelos excluídos do centro, enquanto o centro privilegiado

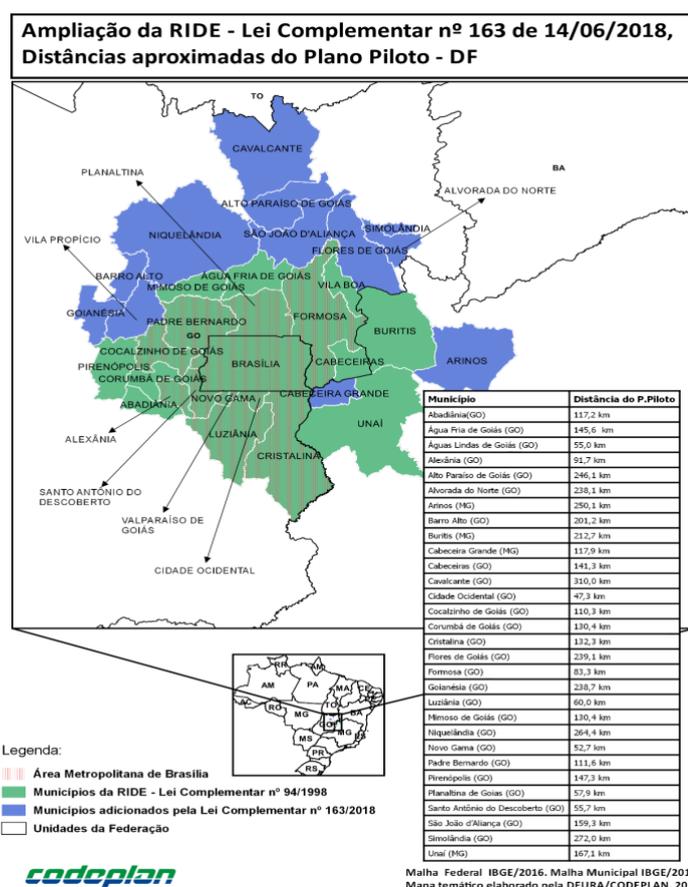
²⁷ Disponível em <https://www.unb.br>. Acesso 14 de jun. 2024.

²⁸ Os filmes **A Saga das Candangos Invisíveis**, da cineasta Denise Caputo e **Poeira e Batom no Planalto Central – 50 Mulheres na construção de Brasília**, da cineasta Tania Fontenele, contam a história paralela das mulheres que ajudaram a construir Brasília.

continuou apenas parcialmente construído e ocupado. (HOLSTON, 1993, p. 290-291).

Não são apenas as cidades satélites que abrigam a massa de trabalhadores que foram excluídos do centro de Brasília. Com o crescimento acelerado da cidade novas cidades passaram a integrar o espaço da capital. Dessa maneira, se criou, então, a RIDE - Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno formada por diversos municípios dos estados de Goiás e Minas Gerais. Ela foi criada pela Lei Complementar nº 94, de 19 de fevereiro de 1998²⁹ e ampliada pela Lei Complementar nº 163, de 14 de junho de 2018.

O mapa mostra Brasília cercada pela sua RIDE³⁰.



A população trabalhadora residente na periferia de Brasília acaba por ficar à margem do ambiente da UnB. Há inclusive, professores (as) de escolas dessas regiões que convencem os (as) estudantes que é difícil para elas terem acesso àquela universidade. Alegam que é longe e que é

²⁹ § 1º A Região Administrativa de que trata este artigo é constituída pelo Distrito Federal, pelos Municípios de Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Alto Paraíso de Goiás, Alvorada do Norte, Barro Alto, Cabeceiras, Cavalcante, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Flores de Goiás, Formosa, Goianésia, Luziânia, Mimoso de Goiás, Niquelândia, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, São João d'Alcântara, Simolândia, Valparaíso de Goiás, Vila Boa e Vila Propício, no Estado de Goiás, e de Arinos, Buritis, Cabeceira Grande e Unai, no Estado de Minas Gerais. Disponível em <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em 14 de jun. 2024.

³⁰ Disponível em <https://www.codeplan.gov.df>. Acesso 14 jun. 2024.

difícil passar no vestibular, e, ainda acrescentam que é um ambiente perigoso e com muitas drogas. Como sonhar e ambicionar o mundo da pesquisa, diante de tantos obstáculos e do cenário colocado como assustador?

Calcado em bases marxistas e freirianas, o Projeto de Extensão Pós-Populares acredita e contribui para que as políticas públicas contemplem de forma igualitária as camadas sociais economicamente menos favorecidas, defendendo ser fundamental, não apenas reconhecer, mas atuar para que haja avanços na área social. Aí incluída de forma primordial a educação ampliada, criando oportunidade para todos (as).

O Projeto não somente se preocupa com a formação acadêmica desta população, mas realiza ações para que o paradigma da elitização da academia ao menos seja diminuído. É uma forma de subverter a ordem posta. A população residente na periferia precisa quebrar o *status quo* da inferioridade a ela imposta.

Nesse sentido a extensão tem um importante papel a cumprir uma vez que faz a ponte entre a universidade e a comunidade, levando o ensino acadêmico às classes populares. É uma troca de saberes que forma uma práxis entre docentes e discentes, em que ambos (as) são contemplados (as).

O saber popular não pode e nem deve ser desqualificado, menos ainda, jogado fora, e, sim, acrescido ao científico. Levando-se em conta o quão rico em diversidade cultural é nosso país, onde cada região e estado tem suas peculiaridades, quando ocorre a democratização do ensino desses conhecimentos, todos (as) são beneficiados (as).

A perspectiva dialética encontra na troca entre o acadêmico e o social, um habitat que permite a disseminação de novas ideias e possibilidades, oportunizando, assim, ensino e prática a caminharem juntos. Desse modo a extensão se apresenta como forma de viabilizar a parceria entre academia e comunidade.

Historicamente, de acordo com ROCHA (1984), a extensão no Brasil pode ser dividida em três momentos: período das experiências pioneiras (1912-1930) quando se criou a Universidade Popular, na Universidade Livre de São Paulo. Foi fundada também a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, seguindo os moldes dos *Land Grant Colleges* dos Estados Unidos. E a partir dessas duas experiências, surgiram as ideias de cursos de extensão universitária, como uma forma de prestação de serviços.

De acordo ainda com o autor, o segundo momento foi o desenvolvimento das experiências isoladas, que se deu a partir de iniciativas de várias instituições de ensino superior e compreende o período de 1930 a 1968, marcado, inclusive, pelo Golpe de 1964. Segundo ele afirma, embora tenha havido projetos de extensão desenvolvidos pelos docentes, a contribuição mais importante foi dada pelos movimentos estudantis, que lutaram pela reforma universitária. E que se afirmou a relação entre universidade e povo, especialmente, a população menos favorecida economicamente.

O autor define o terceiro momento, como o de maior institucionalização de extensão universitária, pois foi marcado por fatos bastante significativos, tais como a promulgação da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que “fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências”, e, em seu art. 17, traz:

Art. 17. Nas universidades e nos estabelecimentos isolados de ensino superior poderão ser ministradas as seguintes modalidades de cursos:

(...)

- d) De extensão e outros, abertos a candidatos que satisfaçam os requisitos exigidos³¹.

Trata-se de 03 momentos importantes que mostraram a criação e o desenvolvimento do ensino por meio da extensão, inclusive a importância da luta do movimento estudantil pela reforma universitária.

De acordo com Gadotti (2017) foi no início da década de 1960 que a extensão universitária passou a ter a forma como é vista hoje, associada ao ensino e à pesquisa. Isso ganhou forma a partir do momento em que surgiram ações de compromisso com as classes populares, cuja intenção era conscientizá-las dos seus direitos, descaracterizando a forma existente antes, de uma extensão de caráter assistencialista.

Em 1987 foi criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, para dar viabilidade nas relações entre o meio universitário e a sociedade, que envolvem educação, cultura e ciência.

Foi realizado na Universidade de Brasília, no Distrito Federal, nos dias 4 e 5 de novembro de 1987, o I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Participaram do evento 33 universidades públicas, representadas por seus pró-reitores ou ocupantes de cargo similar nas instituições.³²

Após a sua criação, o FORPROEX procura atuar e contribuir para a definição de uma política para a extensão, que mude a imagem de assistencialista que perdurou por muito tempo. Um exemplo é o Plano Nacional de Extensão, aprovado em 1998 e publicado pelo MEC em 1999, cujo significado e importância foram assim definidos:

Este Plano Nacional de Extensão Universitária, além do significado para o desenvolvimento das instituições acadêmicas, é importante também porque permite:
- a possibilidade de dar unidade nacional aos programas temáticos que já se

³¹ Disponível em <https://www.planalto.gov.br>. Acesso 21 de jun. 2024.

³² FORPROEX - I ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Disponível em <https://www.ufmg.br>. Acesso 04 set. 2024.

desenvolvem em diferentes universidades brasileiras; - a garantia de recursos financeiros destinados à execução de políticas públicas correlatas, viabilizando a continuidade dos referidos programas; - o reconhecimento, pelo poder público, de que a extensão universitária não se coloca apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma concepção de universidade cidadã; - a viabilidade de interferir na solução dos grandes problemas sociais existentes no país.³³

A classe trabalhadora precisa tomar conhecimento que as oportunidades proporcionadas pelas universidades por meio da extensão pertencem a ela, principalmente do último tópico no qual diz que tem “a viabilidade de interferir na solução de grandes problemas sociais existentes no país”. Partindo dessa visão, um grande problema social é a falta de oportunidades para as classes populares se ocuparem também com o conhecimento científico.

A Resolução nº 07, de dezembro de 2018 estabeleceu regras para o ensino por meio da extensão na educação superior, em nível de graduação e pós-graduação, estabelecendo dentre outras coisas, um percentual na carga horária a ser cumprida, de forma obrigatória, assim como definindo os tipos de atividades a serem desenvolvidas.

Art. 4º As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos;

[...]

Art. 8º As atividades extensionistas, segundo sua caracterização nos projetos políticos pedagógicos dos cursos, se inserem nas seguintes modalidades:

I - Programas³⁴;

II - Projetos³⁵;

III - Cursos³⁶ e oficinas³⁷;

IV - Eventos³⁸;

V - Prestação de serviços³⁹.

³³ Disponível em <http://www.prae.ufrpe.br>. Acesso 23 set. 2024.

³⁴ Conjunto de projetos coerentemente articulados entre si, orientados a um objetivo comum, cujas diretrizes e escopo de interação com a sociedade, no que se refere a abrangência territorial e populacional, integrem-se às linhas de ensino e pesquisa desenvolvidas na UnB, nos termos de seus projetos político-pedagógico e de desenvolvimento institucional. RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023. Disponível em <https://dex.unb.br>. Acesso 04 set. 2024.

³⁵ Ação continuada institucionalizada, de caráter educativo, cultural, científico, tecnológico ou de inovação tecnológica com objetivo específico e prazo determinado de 3 (três) meses até 2 (dois) anos de duração, renovável ou não, vinculado ou não a um Programa de Extensão, que se integre às linhas de ensino e pesquisa desenvolvidas na UnB. RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023. Disponível em <https://dex.unb.br>. Acesso 04 set. 2024.

³⁶ Conjunto articulado de ações pedagógicas, de caráter teórico e/ou prático, presencial e/ou à distância, seja para a formação continuada, aperfeiçoamento ou disseminação de conhecimento, planejadas, organizadas e avaliadas de modo sistemático, abertas com foco preferencial no público externo. RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023. Disponível em <https://dex.unb.br>. Acesso 04 set. 2024.

³⁷ As Oficinas estão inseridas no contexto dos eventos de extensão, conforme a RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023, conforme citado na referência nº 38.

³⁸ São definidos como campanhas em geral, campeonato, ciclo de estudos, circuito, colóquio, concerto, conclave, concurso, conferência, congresso, debate, encontro, espetáculo, exposição, feira, festival, fórum, jornada, lançamento de produto, mesa-redonda, minicurso, mostra, oficina, olimpíada, palestra, recital, semana de estudos, seminário, simpósio, torneio e workshop. RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023. Disponível em <https://dex.unb.br>. Acesso 04 set. 2024.

³⁹ Ação de extensão que tem como meta o estudo e a solução de problemas dos meios profissional ou social e o desenvolvimento de novas abordagens pedagógicas e pesquisa, além da transferência de conhecimentos e tecnologia à

São muitas opções nas quais professores (as) e estudantes podem estabelecer uma parceria, e, assim, desenvolver atividades que cumpram a carga horária estipulada, em conformidades com a normatização.

Aqueles (as) que trabalham com a extensão, no entanto, não devem levar apenas o conhecimento pronto, acabado, para as regiões periféricas, ou seja, ao se dirigir para aquelas comunidades, precisam ter consciência dos saberes existentes por quem reside por lá.

Repetimos que o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. [...] Isto demanda um esforço não de extensão, mas de conscientização que, bem realizado, permite aos indivíduos se apropriarem criticamente da posição que ocupam com os demais no mundo. Esta apropriação crítica os impulsiona a assumir o verdadeiro papel que lhes cabe como homens. O de serem sujeitos da transformação do mundo, com a qual se humanizem. (FREIRE, 1983, p. 22-23).

Por meio da extensão, além de conhecimentos, a consciência crítica de homens e mulheres precisa ser despertada para saber que fazem parte do mundo não como expectadores (as), mas como quem ocupa um lugar e tem uma posição definida. Precisam se ver como membros (as) ativos (as) dele, com noção da realidade concreta, mas com vontade e autonomia para mudá-la se for necessário.

A universidade só existe porque possui um corpo docente e discente acrescido de vasta categoria de colaboradores (as), senão seria apenas prédios. Para construir os edifícios foram necessárias mãos humanas, que depois sequer têm oportunidade de utilizá-los para sua formação. Mas o ensino superior é para todos (as), inclusive para elas. Não há como se conformar com a realidade dos versos da música **Cidadão** cantada por Zé Geraldo:

Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me vem um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar. (**Cidadão**, Zé Geraldo)⁴⁰

sociedade, assim como a formação complementar. RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023. Disponível em <https://dex.unb.br>. Acesso 04 set. 2024.

⁴⁰ Letra música **Cidadão**. Disponível em www.letras.mus.br. Acesso 15 de out. 2023.

Os “pés no chão”, de filhos (as) da classe trabalhadora, que por muitas vezes foram excluídos (as) das escolas, e, com isso, permanecem alheios (as) e fora da academia, precisam e têm urgência de fazer parte dela. E é para as pessoas que residem nas periferias de Brasília e região metropolitana que existe um projeto de extensão da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), que possui nome e sobrenome: Pós-Populares: Democratização do Acesso à Universidade pelo Chão da Pesquisa. Para que elas rompam com as barreiras sociais e culturais e atinjam seus objetivos, fazendo uso do direito que pertence a elas, não de um favor prestado.

3.1- A história do Projeto de Extensão Pós-Populares

Antes de traçar o perfil histórico do Pós-Populares, sua atuação e importância, necessário se faz discorrer de forma sucinta sobre o ensino de pós-graduação, porque é para pessoas desejosas de cursar um mestrado ou doutorado, que o projeto se destina.

A pós-graduação, como o próprio nome diz, é um curso que se faz após a graduação, e tem por finalidade proporcionar maiores ensinamentos dentro de determinada área, permitindo aos (as) estudantes, desenvolverem os conhecimentos adquiridos e se aperfeiçoarem nas suas áreas de atuação.

Uma constelação de fenômenos sociais, econômicos, políticos e acadêmicos contribuiu para a formação da pós-graduação no país. Ainda que a pós-graduação no país tenha iniciado a adquirir uma demarcação legal a partir do final dos anos 1960, diversas iniciativas visando sua criação antecedem a este período. A sua construção derivou de um complexo empreendimento coletivo que contou com a participação do Estado, de organismos representativos da comunidade científica, do corpo docente das instituições de ensino e pesquisa envolvidas com esse nível de ensino. De certa forma, a emergência da pós-graduação é o resultado de uma longa e tortuosa luta desencadeada por esses atores visando a superação de um padrão de organização do ensino superior no país que historicamente se constituía através de escolas isoladas, voltadas basicamente para a formação de profissionais liberais e dissociadas da atividade de pesquisa⁴¹.

⁴¹ Disponível em <https://www.redalyc.org>. Acesso 21 jun. 2024.

A educação superior no Brasil chegou de forma tardia e para dar forma ao ensino de pós-graduação, foi necessária uma união entre sociedade, instituições de ensino e atuação do governo para viabilizar e possibilitar que o conhecimento científico fosse adquirido, sem a necessidade de sair para buscar em outros países esse tipo de formação, a não ser por opção pessoal.

[...] Interpretando o espírito da LDB, o artigo 69 da LDB na alínea b, que separou os cursos de pós-graduação dos de especialização, aperfeiçoamento e extensão, teve o mérito de considerar a pós-graduação como categoria própria e distinta. Esse Parecer distinguiu dois tipos de pós-graduação, os cursos de *stricto sensu* e os de *lato sensu*. Na primeira categoria, incluiu o mestrado e o doutorado, cujo objetivo seria de natureza acadêmica, de pesquisa e de cultura, tendo como compromisso o avanço do saber. Esses cursos, na medida em que estariam ligados à essência da universidade, deveriam se constituir atividades regulares e permanentes e conferir diplomas de mestre e de doutor, sendo que esse último corresponderia ao nível mais elevado na hierarquia dos cursos superiores.⁴²

A pós-graduação em sentido estrito (*stricto sensu*), se divide em mestrado e doutorado, sendo que este último é mais elevado, mas ambos são voltados para a pesquisa científica.

Para alcançar o nível de conhecimento proporcionado por um curso de mestrado ou doutorado, é preciso muita dedicação. Isso faz com que a população economicamente menos favorecida, fique em franca desvantagem para acessar tais cursos. A necessidade de trabalhar empurra essas pessoas bem cedo para o mercado profissional e, assim, mesmo quando têm potencial para se tornarem pesquisadores (as) isso se torna bastante dispendioso para elas.

O Projeto de Extensão Pós-Populares foi criado visando essas pessoas. Durante as reuniões elas são acolhidas, incentivadas, animadas e recebem informações de como ter acesso aos editais dos cursos de mestrado ou doutorado, visto que em muitos casos, sequer sabem como ocorrem os processos dentro das universidades.

O trabalho do Pós-populares é feito de forma coletiva, por meio de parcerias com pessoas da comunidade ligadas, ou não aos movimentos sociais; sindicatos; professores (as) do Distrito Federal e de Goiás; estudantes de graduação e de pós-graduação de qualquer instituição, pública ou privada. A forma de atuação dessas pessoas é especialmente durante as reuniões, que ocorrem 1 vez por mês, no período vespertino, sempre nos dias de sábado e alternadamente, entre os 3 polos. No momento, funciona da seguinte forma: 01 em Ceilândia e 01 no Paranoá, que são respectivamente, cidades de Brasília. E 01 em Valparaíso de Goiás, município goiano que se localiza a cerca de 50 km da capital federal.

⁴² Disponível em <https://www.redalyc.org>. Acesso 21 jun. 2024.

Além de trazer informações sobre o que é e como funciona o Projeto de Extensão Pós-Populares, é interessante contar um pouco sobre seu fundador, o professor e sociólogo Dr. Erlando da Silva Rêses, que pela sua trajetória de luta e superação inspira aqueles (as) que estão pensando em trilhar a carreira como pesquisadores (as).

Sua jornada acadêmica na Universidade de Brasília (UnB), teve início nos anos 90 como aluno do curso de graduação em Sociologia, quando residia no bairro Pedregal/Novo Gama/GO, mas na época fazia parte do município de Luziânia/GO. Naquele período ele participava, concomitantemente de movimentos por água, transporte coletivo e alfabetização de jovens e adultos, por se tratar de necessidades básicas, mas que faltava para a população daquela localidade.

Se trata de um homem negro, nordestino, oriundo do Ceará, filho com muito orgulho de um sapateiro e uma trabalhadora do Serviço de Limpeza Urbana de Brasília. Sua vida como estudante foi em instituições públicas, e por isso mesmo, seu histórico de vida é lutando por melhorias sociais para as classes economicamente menos favorecidas. De estudante engajado, passou a ser professor da Faculdade de Educação – UnB, com pós-doutorado pela Universidade de Londres, e, sempre com engajamento nos movimentos sociais.

De acordo com entrevista concedida por ele, contando como foi à origem do projeto de extensão Pós-Populares, o início ocorreu no ano de 2012, na cidade de Santa Maria, na Regional de Ensino, localizada no shopping da cidade, onde foi recepcionado pelo professor Saulo Vieira e a professora Mariana Almada, ambos da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que cederam o espaço físico para a realização das reuniões.

Segundo suas palavras, antes do Pós-Populares, no município de Novo Gama/GO, em um diálogo entre ele e os senhores Luiz Alves da Silva e Onofre Borges, todos pertencentes à ONG Serviço de Paz e Justiça – SERPAJ, eles tiveram a ideia de convidar outros professores (as) para ajudar pessoas do município, que possuíam o ensino médio, a ingressarem no ensino superior. A ideia acabou não se concretizando e após um tempo, sendo ele professor da UnB, podia convidar alunos (as) da instituição para se deslocar ao município e iniciarem o movimento de levar pessoas da comunidade, a frequentarem aulas ministradas por aqueles alunos, com vias a ingressarem na universidade. E assim surgiu o FORMANCIPA – Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior. Inicialmente, as aulas eram ministradas na sede do SERPAJ, atualmente, SERPAJUS – Serviço de Paz, Justiça e Não-Violência, no bairro Pedregal/Novo Gama/GO, aos sábados pela manhã. Posteriormente, o FORMANCIPA passou a funcionar no município de Valparaíso de Goiás e na atualidade se encontra suspenso.

Ainda que o Pós-Populares tenha iniciado em 2012, mantém um quê inovador que é o fato de ser totalmente voltado para as periferias de Brasília e sua região metropolitana, por acreditar que as pessoas ali residentes, são detentoras de potencial para cursar uma pós-graduação, especialmente, nas

universidades públicas, tanto quanto quem possui poder aquisitivo elevado, que é o público dominante nessas instituições. O que falta a elas é a oportunidade, em virtude principalmente de se ter um ensino superior de caráter elitista, que procura preservar o *status* excludente das chamadas camadas minoritárias.

O Pós-Populares defende e trabalha no sentido de essas pessoas serem alcançadas por políticas públicas efetivas e eficazes de educação para dar continuidade aos estudos. Ainda que haja na região uma quantidade considerável de faculdades e universidades particulares, o preço é muito alto e está fora do seu poder aquisitivo. O lugar delas é na universidade pública. O trabalho do Programa se solidifica pelo fato de se poder contar pelo menos 12 participantes que obtiveram títulos de mestrado ou doutorado, e que foram orientados (as) nas reuniões, sendo parte desses títulos da Universidade de Brasília (UnB) e outra em universidades públicas de Goiás.

Nenhum pagamento ou taxa é cobrado das pessoas para participarem das reuniões. Assim como não é prometido que, ao se inscreverem para participar da seleção para os cursos de mestrado ou doutorado, terão sua aprovação garantida por frequentarem as reuniões. Essa é uma questão que o Coordenador faz questão de deixar absolutamente explicado. Ser aprovado (a) cabe exclusivamente ao esforço de cada participante, de estar presente nos encontros, estudar os conteúdos pertinentes às provas, e, principalmente estar atento a cada formalidade e exigência que fazem parte dos editais de pós-graduação das universidades.

Em cada reunião do Pós-Populares é passada uma lista de presença, que quem participa assina, acrescentando o número do celular, a data e o e-mail. Foram criados 02 grupos de *whatsapp*, e a partir dos dados da lista, as pessoas, com a devida autorização são inseridas nesses grupos, nos quais recebem informações sobre reuniões futuras, editais, e, materiais que possam contribuir para organizar os estudos.

A expansão da perspectiva de acesso à pós-graduação para camadas socialmente vulneráveis, feita pelo Pós-populares permite que haja atendimento de diferentes populações do campo e da cidade e grupos tradicionais na região periférica e metropolitana de Brasília.

Além do atendimento de pessoas negras, mulheres, população LGBTQIAP+, migrantes, há a perspectiva de ampliação da iniciativa em outras localidades e Estados da Federação, por meio de pessoas de referência que atuaram e/ou atuam no Pós-populares, como é o caso de:

- 1) Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus Arraias/TO. O Campus acolhe população quilombola, oriunda da cidade e região circunvizinha como Cavalcante-GO e Mimoso de Goiás
- 2) Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém/PA. A UFPA atende população ribeirinha.

- 3) Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus Sousa/PB, NEABI - Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas. Pretende atender a população negra, quilombola, indígena e cigana com a replicação do Pós-populares.
- 4) Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus Teixeira de Freitas. A unidade acadêmica tem forte presença de população do campo.
- 5) Instituto Federal da Goiás (IFG), Campus Jataí-GO, por meio do curso Promotoras Legais Populares, podendo fazer parceria para a replicação do projeto.
- 6) Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus Rio das Ostras, Instituto de Humanidades e Saúde/Departamento Interdisciplinar de Rio das Ostras.
- 7) Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).
- 8) Inspirada no Pós-Populares, há uma replicação efetivada na Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Luziânia-GO, por intermédio da professora Andrea Kochhann Machado, que coordena o Projeto Gestão Acadêmica para o Mestrado e Doutorado, no âmbito do GEFOP (Grupo de Estudo em Formação de Professores e Interdisciplinaridade).

As reuniões já realizadas com essas instituições foram feitas por meio de pessoas beneficiadas, ou que contribuíram/contribuem com o Pós-populares, para que tenha início a replicação por meio de projetos de extensão. Essa escalabilidade é resultante tanto da perspectiva metodológica quanto dos resultados do projeto.

Durante o período da Pandemia da Covid-19, houve reuniões virtuais, em que pessoas das localidades citadas e de outras, como Salvador/BA, também passaram a fazer parte da parceria desenvolvida pelo Pós-populares.

Não se pode negar que num país de dimensões continentais como o nosso, a população economicamente menos favorecida habita em massa o distanciamento do centro e se aproxima das periferias. Mas também não se pode negar, que dentro desta população estão pessoas com profundo potencial para a pesquisa acadêmica e científica. A solidariedade humana é um traço forte do Projeto de Extensão Pós-Populares, pois se trata de algo voltado para a classe trabalhadora, que procura por meio do ingresso na pós-graduação *stricto sensu* uma possibilidade de ascensão pessoal e profissional.

A metodologia consiste na apresentação das intenções ou pré-projetos de pesquisa por duas ou mais pessoas numa roda de conversa, tendo como base a práxis da Educação Popular de Paulo Freire, principalmente por meio da utilização dos círculos de cultura, em que um dos pilares metodológicos é o diálogo dos (as) participantes do grupo. Da mesma forma ocorre nas reuniões mensais do Pós-populares. O (a) participante leva sua proposta e a apresenta, e então se inicia uma discussão em grupo. As rodas de conversa são organizadas em torno de 3 (três) horas e meia aos

sábados, com as pessoas fazendo sugestões e recomendações para a intenção ou pré-projeto de pesquisa.

A roda de conversa é formada por todas as pessoas presentes nas reuniões e o acesso é livre e aberto. Além de quem vai apresentar a intenção de pesquisa, nas discussões participam o coordenador do Pós-populares, mestres e mestrandos (as), doutores (as) e doutorandos (as), professores (as) da Educação Básica e Superior e pessoas da comunidade, geralmente portadoras do título de graduado (a); mas também há a presença de estudantes em fase de graduação.

O fato de ter a presença de pessoas com títulos acadêmicos mais elevados nas reuniões não garante a prioridade de fala nas discussões, prevalece a horizontalidade de participação, de acordo com as bases epistemológicas da Pedagogia freiriana, baseada principalmente nos aspectos humanísticos e dialógicos.

Em síntese, os encontros mensais contam com aprofundamento de pesquisas; memorial dos (as) participantes; sugestões de leituras, bibliografias e debates. O tempo de elaboração de um projeto de pesquisa para inscrição em processo seletivo é relativo. Há pessoas que frequentam uma reunião para se sentir motivadas em apresentar a proposta, mas pode ser que este tempo seja de até um ano para a formulação completa de um projeto de pesquisa sistematizado, fundamentado e consistente para qualquer programa de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, preferencialmente em instituição pública.

Para a consecução do Projeto de Extensão e a formação de adultos que se interessem pelo ingresso nos programas de pós-graduação contínua, colaborativa e gratuita buscou-se uma metodologia e uma práxis que fosse ligada às concepções de Educação Popular, especialmente àquelas ligadas ao contexto histórico social da primeira década do século XXI. (RÊSES; BRITO; PERPÉTUO; PINEL, 2018).

A epistemologia que norteia o projeto é o Materialismo Histórico-Dialético, acrescido dos ideais de Paulo Freire, uma vez que acredita que o caminho de acesso à universidade e, assim aos cursos de graduação e pós-graduação, não pode deixar de fora a discussão da luta de classes. E são as bases marxistas e freirianas que fomentam essas discussões.

Em relação ao ensino superior, observam Rêses e Moreira (2016) que no Distrito Federal, de forma acentuada entre os anos de 1996 a 2012, houve um aumento significativo do número de instituições privadas, e que se transformou em um mercado bastante lucrativo. Além das faculdades particulares, há também os “cursinhos” preparatórios para vestibulares, com vistas à ocupação de vagas, principalmente nas instituições públicas. Isso acaba reafirmando o caráter elitista dessas instituições. Ainda que haja, por exemplo, o Processo de Avaliação Seriada (PAS) que incentiva os

(as) estudantes das escolas públicas a ingressarem na Universidade de Brasília, por exemplo, isso ainda ocorre de forma bastante acanhada⁴³.

A expansão das instituições particulares de ensino superior é algo que ocorre em todos os estados e no DF, e é voltado, principalmente, para um público jovem e oriundo das camadas populares. São pessoas que normalmente já possuem algum tipo de trabalho ou estão em busca de um. Assim sendo, compram a ideia de que os cursos ofertados por tais instituições vão tornar o percurso mais propício.

Há ainda os “cursinhos” que apostam na divulgação por meio dos mais variados tipos de mídia, garantindo que aprovam uma quantidade gigantesca de candidatos (as), nos cursos, por exemplo, de medicina e direito das instituições públicas, que têm bastante concorrência e são tidos como difíceis de passar. Dessa forma, a população trabalhadora vai ficando cada vez mais afastada de uma educação superior pública e de qualidade, e, à mercê de um ensino privado que não atende as suas necessidades.

É procurando alcançar essas pessoas, que o projeto de extensão Pós-Populares foi criado e tem se mantido atuante, no sentido de cada vez mais oferecer orientação para que elas tenham condições de se preparar para concorrer às vagas de pós-graduação ofertadas pelas instituições de ensino superior, especialmente aquelas que são públicas.

O projeto de Extensão Pós-Populares não existe aleatoriamente e nem caminha sozinho, está inserido no contexto do Grupo Consciência de Pesquisa em Materialismo Histórico-Dialético e Educação, criado e coordenado pelo prof. Erlando Rêses e que abriga outros projetos, igualmente voltados para as populações periféricas de Brasília. Faz parte do conjunto, também 04 disciplinas cujas aulas são ministradas por ele no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação/UnB. São aulas cujo teor é focado em leituras e discussões pelos (as) discentes das turmas, com embasamento no pensamento marxista e freiriano.

⁴³ RÊSES, Erlando da Silva; MOREIRA, João Flavio Castro. **Universidade Distrital e democratização da educação superior no Distrito Federal e Entorno**. SER Social, Brasília, v. 18, n. 39, p. 610-634, jul.-dez./2016. Disponível em <https://periodicos.unb>. Acesso 04 de nov. 2023.

Gráfico 1 – Grupo Consciência de Pesquisa em Materialismo Histórico-Dialético e Educação com seus projetos e disciplinas



Fonte: Criação prof. Erlando Rêses/Arte Ezequiel Neves (Tiel)

4. ANÁLISE DE DADOS E DE CONTEÚDO

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e análise documental, cuja fundamentação se aproxima das bases do pensamento materialista histórico-dialético. *“Marx não hesita em qualificar este método como aquele que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, único modo pelo qual o cérebro pensante se apropria do mundo”*. (NETTO, 2011, p. 45).

Uma pessoa ao iniciar uma pesquisa científica se põe em patamar de igualdade com um (a) lapidador (a) ao tomar uma pedra bruta nas mãos: tem diante de si algo precioso, mas para dar a forma final, necessitará fazer uso de diversos instrumentos que permitam ao final do processo mostrar a todos uma jóia em todo o seu esplendor.

Para ao final deste trabalho exibir o projeto de extensão Pós-Populares como uma pedra preciosa, especialmente para as mulheres que obtiveram êxito ao concluir seus cursos de mestrado e doutorado em universidades públicas, apresentamos a seguir a análise do material coletado, que pode ser considerado o processo de lapidação da nossa jóia.

4.1- Artigos: Tema principal Projeto de Extensão Pós-Populares

Fazer do projeto de extensão Pós-Populares objeto deste estudo foi ao mesmo tempo desafiador e gratificante. Se por um lado não encontramos grande quantidade de artigos tratando especificamente do assunto, por outro, nos permitiu elaborar uma pesquisa pioneira, no sentido de trazer informações relevantes mostrando a história do projeto, de seu criador e coordenador-geral, o professor Dr. Erlando da Silva Rêses, assim como das mulheres que a partir da oportunidade encontrada, deram uma nova dimensão às suas trajetórias pessoais e profissionais.

Optamos pela análise de 03 artigos por fazerem alusão direta ao tema pesquisado e apresentamos a seguir os elementos principais, bem como sua relevância para a pesquisa:

Título	Autores (as)	Resumo	Relevância para a pesquisa
Pós-Populares: democratização do acesso à pós-graduação em universidade pública pelo	RÊSES, Erlando da Silva; BRITO, Márcia Mariana Bittencourt; PERPÉTUO, Lenilda Damasceno;	O Programa Pós- Populares é fruto de inquietações que permeiam o discurso de profissionais da área de educação e de atores envolvidos em	O artigo é importante por trazer elementos que contribuíram para um melhor entendimento dos aspectos históricos do Projeto de Extensão Pós-Populares

chão da pesquisa⁴⁴	PINEL, Wallace Rosa	Movimentos Sociais e Populares, um espaço formativo de aprendizagem-ensino-pesquisa-extensão com o objetivo de democratizar o acesso à Universidade Pública, em especial a Universidade de Brasília – UnB.	
Projeto Pós-Populares: A extensão como práxis educativa nas periferias urbanas de Brasília	PINEL, Wallace Rosa; RÊSES, Erlando da Silva	Procuramos por meio deste artigo discutir o Programa de extensão universitária Pós-Populares, vinculado à Faculdade de Educação da UnB, cujas origens se dão a partir dos movimentos populares ligados à concepção da educação emancipatória.	O artigo trouxe em seu todo, elementos que contribuíram para a pesquisa, por mostrar as origens do Projeto de Extensão Pós-Populares, ressaltando a necessidade do debate no sentido de fomentar a ampliação do acesso das populações residentes nas periferias de Brasília e região metropolitana, ao ensino de pós-graduação, principalmente nas universidades públicas.
PÓS-POPULARES: possibilidade de acesso no entorno do DF à pós-graduação nas universidades públicas pelo	PINEL, Wallace Rosa; RÊSES, Erlando da Silva	O Programa Pós-Populares é fruto de inquietações que permeiam o discurso de profissionais da área de educação e de atores envolvidos em Movimentos Sociais e Populares, um espaço	O artigo importante por dar embasamento a pesquisa, por trazer em seu todo as informações sobre o projeto de extensão Pós-Populares, demonstrando que se trata de um espaço de aprendizagem, e tem como base o tripé ensino-pesquisa-extensão, visando

⁴⁴ Disponível em <https://www.periodicos.ufpe.br>. Acesso em 10 de set. 2023.

<p>chão da pesquisa⁴⁵</p>		<p>formativo de aprendizagem-ensino-pesquisa-extensão com o objetivo de democratizar o acesso à Universidade Pública.</p>	<p>democratizar o acesso à universidade pública, por parte de pessoas moradoras na periferia de Brasília e sua região metropolitana.</p>
---	--	---	--

Fonte: Elaboração da autora

4.2- Da Análise das entrevistas semiestruturadas

Foram entrevistadas 05 pessoas, as quais têm conhecimento de fatos úteis na construção da historicidade do Projeto de Extensão Pós-Populares, permitindo, dessa maneira, a percepção do diferencial que este teve para o sucesso na empreitada da construção de uma carreira acadêmica por parte dos (as) participantes das reuniões, e, especialmente, para as mulheres, sujeitas desta pesquisa. Foram falas fundamentais para dar a noção da dinâmica de funcionamento das reuniões, e, principalmente, reforçar a compreensão da importância do trabalho executado. Das 05 pessoas ouvidas, optou-se por identificar apenas o professor Dr. Erlando da Silva Rêses, criador e coordenador do Projeto, por ser citado nominalmente ao longo de toda a pesquisa, ressaltando que o Termo de Autorização devidamente assinado por ele, se encontra assinado e consta na parte dos anexos ao final deste trabalho. Às demais, foram identificadas como pessoas 01, 02, 03 e 04.

O recurso à análise de conteúdo, para tirar partido de um material dito “qualitativo”, é indispensável: entrevistas de inquérito, de recrutamento, de psicoterapia. [...] que fornecem um material verbal rico e complexo. (BARDIN, 2011, p. 93)

As respostas consideradas fundamentais para embasar a pesquisa, foram transcritas em quadros, nos quais visualizamos **05 categorias** fundamentais para análise: **Historicidade, Formação, Motivação, Superação e Sucesso**. Por meio delas conhecemos a história do Projeto, sua dinâmica de funcionamento e uma série de respostas e pormenores que nos possibilitaram enxergar o quanto ele se tornou indispensável para quem frequentou as reuniões e recebeu suporte para dar início em sua trajetória acadêmica.

⁴⁵ Disponível em <https://www.anais.ueg.br>. Acesso 24 set. 2024.

Quadro 01 – *Historicidade* – Informa sobre surgimento do Pós-Populares, sua fundação, mostrando onde e como ocorreu, e o porquê de ter esse nome.

Entrevistado (a)	Resposta
Prof. Erlando Rêses	<p><i>“[...] É importante pontuar que em 2012 ele surge na região do entorno e aí eu quero pontuar que não foi exatamente no Novo Gama, mas foi em Santa Maria. [...]. Então, nós nos vinculamos a essas áreas, primeiro por essa relação, segundo pela nossa origem de classe, né? Venho dessa região, sou daqueles migrantes nordestinos que veio parar em Brasília, não é? Fui morar no entorno, então tendo essa vinculação eu acho que a gente não deve perder, né? Eu falava há pouco de fidedignidade ao território, né? Então, eu mesmo não estou morando mais, né? Mas não deixo de ter a relação de trabalho, com essas regiões, não só lá, mas em outras áreas periféricas, porque eu acho que é uma espécie de retorno, que a gente pode estar dando, para aquela origem nossa, enfim, para que outras pessoas possam alcançar aquilo que você alcançou de formação, enfim, de leitura, de conhecimento, porque é uma das coisas, é uma das bandeiras que nós levantamos com muita, ênfase com muita garra nos agarrando, nos afeiçoando a muitas pessoas que lidam com isso, né? Eu estou me lembrando desde Karl Marx, que faz essa defesa do avanço na educação da leitura, na escrita, Miguel de Cervantes, ao dizer que quem lê mais e anda mais, vê mais e conhece mais, por exemplo. E por aí vai, né? [...]. Por que esse nome, né? Pós-Populares. [...]. a ideia do nome, [...], eu fui convidado a contribuir com um Projeto chamado Pós-Afirmativas, que era no sentido de você buscar estudantes interessados na pós-graduação e ajudá-lo, aí era uma perspectiva individualizante, eu me recordo que eu ajudei uma pessoa, agora não vou me recordar um nome, que tinha nesse Projeto as diversas inscrições e essas pessoas eram distribuídas</i></p>

	<p><i>de acordo com a disponibilidade das pessoas credenciadas, para esse Pós-Afirmativas, para ajudar. E aí é assim, é como eu estou com você aqui, se você tem aí uma ideia de projeto, eu vou discutir com você para ver, te ajudar o máximo possível para você alcançar ali, realizar esse projeto e tentar um ingresso de pessoas relacionadas à questão étnico-racial, né é ligado, o nome que está ligada às ações afirmativas, por aí vai. Daí veio a ideia de Pós-Populares abrangendo mais, obviamente, sendo até no escopo maior, não só ligada a questão étnico-racial, da negritude, mas, sobretudo, ligada a questão da classe social, por isso que a gente alcança aí as regiões periféricas.</i></p>
<p>Pessoa 04</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“[...] e no Pós-Populares, então foi no segundo semestre de dois mil e quinze que eu participei do primeiro encontro que eu participei do Pós-Populares, que foi lá em Ceilândia. [...]. Depois a gente já para 2016, já ali final de 2015 a gente começou a conversar sobre levar o Pós-Populares ao Paranoá, lá para o CEDEP”.</i></p>
<p>Pessoa 03</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Então, quando começou lá em 2013, né, eu era uma das pessoas que estava nessa reunião, eu acho que foi em setembro de 2013, talvez precisamente dia 13 de setembro de 2013, tem que ver essa lista, essa folha de presença, que todo mundo assinou. Então, assim, essa foi a relação que comecei a participar e sempre participando e registrando, organizando as reuniões, agendando o espaço, porque geralmente lá na Ceilândia acontece lá no núcleo de prática jurídica da UNB, que fica bem próximo a minha residência lá. E lá tem a sede do CEPAFRE, Centro de Educação Paulo Freire, que eu acompanho que é a entidade parceira do Pós-Populares, né? É do Projeto Pós-Populares. Então, a minha relação é essa, é de estar ali organizando,</i></p>

	<i>agendando, fazendo o registro, a memória das reuniões. Então, fui ao longo desses anos, em 2013, que eu fui... e aprendendo bastante, né? Porque cada vez que alguém vai apresentar uma pesquisa, a gente aprende bastante, então aí é um aprendizado coletivo”.</i>
--	---

Quadro 02 – Formação – Pode-se compreender pelas falas que nas reuniões do Pós-Populares são prestadas informações que possibilitam aos (as) frequentadores (as) compreender o que é um pré-projeto de pesquisa, e a forma como ele deve ser montado. Também entender como o processo ocorre dentro das universidades. Um esclarecimento bastante útil é o de que o (a) participante não sai com seu trabalho pronto. Não é uma fábrica de montar projetos e, sim, auxiliar na compreensão de como deve ser feito. A partir das informações recebidas, a pessoa terá condições de se aperfeiçoar para concorrer a uma vaga de mestrado ou doutorado, por ocasião da abertura dos editais promovidos pelas entidades de educação superior.

Pessoa 01	Resposta <i>“Porque uns dos problemas assim, é que muitos alunos, muitas pessoas que às vezes querem fazer uma pós -graduação na UnB, ou em qualquer faculdade, tem muita dificuldade às vezes, inclusive em encontrar um orientador, de ter acesso às vagas, de ter as informações de como funciona, de poder elaborar um projeto mesmo para desenvolver, ter um tema determinado, de escolher um tema, saber elaborar esses temas, tem muita gente que não é, uma boa maioria dessas pessoas, mesmo tendo graduação, às vezes não tem esses dados. Então o Pós-Populares ele ajuda as pessoas realmente a clarear, vamos dizer assim, o caminho. É uma ideia, mais ou menos assim, a ideia de aluno, você lançar a alunos, realmente ajudar a fazer com que o aluno comece a ter noções mais claras de como é o acesso à vida acadêmica, o pleito da vida acadêmica mesmo, um estudo mais aprofundado, não só na graduação”.</i>
Pessoa 03	Resposta

	<p><i>“Então a partir do momento que você está lá participando das reuniões, você começa observar detalhes de como produzir uma pesquisa, quais os verbos que você vai usar, quais os temas, qual o objeto de pesquisa. Então, há uma linguagem que até então, para quem é de fora é alheio, e para quem começa a participar começa a entender o caminho das pedras, então, ele vai desmistificando e quanto mais você participa e aí você se dedicando, elaborando, e cada vez mais você evolui, e quando eu falo evoluir é realmente você vai ter que se dedicar a leitura, a pesquisa, o que você está fazendo, né, é como o próprio, a gente é orientado no programa, você não vai inventar a roda, você vai fazer a roda girar, ou seja, se você já faz algo, que é, digamos, o meu caso, que eu já sou, já tenho uma caminhada na educação popular; na educação de jovens e adultos, então eu só fiz fazer com que essa minha caminhada virasse uma pesquisa, um objeto de pesquisa, então eu uni a educação de jovens e adultos com a memória da Ceilândia onde eu sou, o morador pioneiro, então eu acho que todo mundo que tem no caso da educação, todo mundo que é professor, ou como posso falar, tem muitos professores que participam, então todas às vezes então tem ali algo que ele viu na sua caminhada do magistério que ele poxa, isso aqui eu devia me aprofundar, pesquisar para mim fazer, até porque eu acho Pós-Populares começa a ter uma missão de realmente levar para a academia situações, cotidiano da escola, da educação, e que são objetos de pesquisas muito interessantes, que vale a pena pesquisar”.</i></p>
<p>Prof. Erlando Rêses</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“O Pós-Populares vem nesse movimento de não ser também, digamos, algo em que você vá sair com um projeto pronto, não existe isso, não é? Inclusive, teve já, para finalizar essa sua primeira pergunta, gente que passou pelo Pós-Populares chegando com um projeto pronto, para querer o aval, para</i></p>

	<p><i>buscar o aval daquele grupo, pode ser que dê certo, mas pode ser que o grupo rejeite, é a autonomia do grupo que vai dizer isso, dizendo que não é por ali. E porque não é o professor, o centro, o professor coordenador, o centro do debate no Pós-Populares, a gente busca o máximo a horizontalidade na discussão, de modo que a fala de um estudante mestrado ou até de graduação, temos presença de pessoas na graduação, que é geralmente do final da graduação, seja ou tenha um mesmo nível de qualidade e de apropriação do que o professor, coordenador, enfim. Porque aí entra a lógica freiriana, porque é ligada à lógica freiriana, é ligada a perspectiva da educação popular. A minha fala ela não tem mais importância do que a fala do outro, porque entra em níveis de experiência, o saber de experiência feito que Paulo Freire usa da perspectiva de camões. Então aquele estudante de graduação vamos supor, ele de repente leu coisas, ou conhece coisas que eu professor coordenador, não conheço, não li. Você é da filosofia, você teve acesso a materiais que eu não tive na minha formação, e não tive até hoje na minha prática docente. Então, Paulo Freire nos horizontaliza nesse processo”.</i></p>
--	--

Quadro 03 – Motivação – Pelas falas trazidas é possível comprovar o aspecto motivacional e encorajador que o Projeto desperta aos (as) participantes das reuniões no sentido de perceberem a universidade como um lugar para desenvolverem suas aptidões para a pesquisa científica.

<p>Pessoa 01</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Olha, eu acho que tem, assim, primeiro a importância do Projeto lá para as pessoas, a maioria dos estudantes da periferia, é essa coisa de desmitificar essa... Porque isso é ideológico, essa pseudo incapacidade, ou de que recurso público não pode ser destinado para esse público específico. O que a gente vê no discurso político, assim, que não é hegemônico, mas está</i></p>
-------------------------	---

presente com muita força, de que assim, o filho do trabalhador e o trabalhador ele não deve fazer faculdade, deve fazer um técnico. É muita essa coisa não é do viés francês pelo aspecto mais perverso. Porque na França está lá, a gente sabe como funciona lá, todo mundo tem ideia, de que tem dois tipos de formação acadêmica, tem o técnico que é para formar o trabalhador, e tem lá aquele que vai poder realmente desempenhar a atividade acadêmica. Aqui no Brasil, a gente... O que a gente tem que, na realidade, é que permitir que todo mundo possa universalizar a educação. Universalizar também, assim, você não pode colocar barreira para dizer, o filho do trabalhador, ou o trabalhador tem que estudar no Instituto Federal e fazer apenas um curso técnico, é uma formação para formar mão de obra, não, pode ter escolha, tem que ter esse viés de liberdade. Então tem que desmistificar isso e fazer com que realmente política, pública possa favorecer isso. E esse Projeto tem esse mérito no sentido de permitir que o filho do trabalhador, desde que queira, possa realmente fazer, pelo menos um pleito, assim, eu vou para o grupo, busco encontrar, se eu não tenho a ideia do tema, e eu busco tentar encontrar um tema e tentar realmente, porque é possível fazer isso, tem uma política pública, tem um meio, um mecanismo, uma forma de eu acessar isso. Eu vou escutar isso democraticamente pela via do sistema, pela via institucional. Não tem nenhuma forma de desvirtuamento do institucional nesse sentido, mas permite que o filho do trabalhador e as pessoas pobres da periferia, inclusive o trabalho possa fazer isso, possa pleitear. E a mulher dentro desses vícios, a gente sabe que isso é desde os primórdios da humanidade, a mulher ela sempre foi o elo mais frágil. Assim, em qualquer disputa social, coletiva, dentro de qualquer programa, perspectiva, a mulher sempre tende a ser o lado mais frágil, como mãe, como cidadã, em qualquer área do trabalho, da vida produtiva ou não, tem esse viés”.

<p>Pessoa 02</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Então, como eu acabei de falar, o primeiro impacto é o de fortalecedor, de força, do que eu posso, eu consigo, é encorajador, como eu acabei de falar, eu acho que eu já respondi até na primeira questão, na segunda questão, encorajador e faz também você buscar outras pessoas para estar junto com você naquele lugar, né? Então, hoje... Naquela época a gente tinha esse pouco acesso às políticas, como falei, tinha as políticas, né, mas não como nós estamos hoje com esse número de pessoas entrando, a política, a questão da entrada para os vestibulares, né, que fazem parte da política. Então, além de encorajador fortalecedor, abre espaços para a discussão, de mostrar para a periferia, que periferia também pode, né?”.</i></p>
<p>Pessoa 03</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Então, o Projeto Pós-Populares, o próprio nome diz “populares”, ele coloca os populares numa, digamos assim, em um patamar que às vezes ele não se vê nesse espaço de pós-graduação, porque geralmente para os trabalhadores se envolver com a academia, requer tempo, requer dedicação, e às vezes as pessoas não se veem nesse espaço na academia, no sentido de realmente ser pesquisador, né? Embora todo mundo se for parar para pensar, todo mundo que terminou uma graduação tem potencial para ser um pesquisador, né, no pós-graduando, só que a pessoa precisa realmente se dedicar, e a partir do momento em que você conhece um Projeto dessa dimensão, você começa a enxergar questões que em outros espaços você não teria.”</i></p>
<p>Pessoa 04</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Então quando o Pós-Populares vai pra Ceilândia, vai pra Valparaíso, vai para o Paranoá, ele fez esse movimento de ida, e quando a gente faz o convite e a pessoa aceita vir vem e senta a</i></p>

	<p><i>Í acontece esse encontro, e dificilmente ela fica só em um encontro, só no primeiro, ela vai voltar, pode ser que ela não volte no segundo encontro que ela vai maturar, que vai mexer com ela de alguma forma, e ela vai voltar lá no terceiro encontro, ela vai voltar lá no ano que vem, e ela vai falar não, eu já vim aqui uma vez num encontro, né, e eu fiquei pensando e achei interessante, agora resolvi voltar, porque não é uma decisão fácil, da mesma forma que a educação de jovens e adultos pra ele voltar pra escola, pra ele voltar a estudar não é uma decisão fácil, pra esse sujeito que está preparado pra fazer um doutorado, pra fazer um mestrado também não é uma decisão fácil que ele sempre vai achar que ele não está preparado, sempre vai achar que aquele espaço não é pra ele, não vai dar conta, que é muito difícil, que é só quem é iluminado, que é só pra quem sabe mais, então o Pós-Populares ele chega e ele quebra isso, e é importante que cada um fale de si, fale da sua história, fale como é que chegou, fale como é que foi”.</i></p>
<p>Prof. Erlando Rêses</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Eu não tive acesso a esse incentivo, vamos dizer assim, né? Esse estímulo, porque é assim o Pós-Populares, nós já tivemos inclusive pessoas que passaram uma vez por um encontro, inclusive uma pessoa que você conhece, né? Que mora no Gama. [...]. Isso, que tentou, porque abriu imediatamente, ela participou de um encontro, abriu o edital, como está aberto agora, nesse exato momento, no edital da pós-graduação, ela foi lá, tentou, passou, espero que ela faça o devido reconhecimento de que o Pós- Populares mesmo sendo um encontro, a ajudou. [...]. Então, quando a gente vai nesses lugares, sobretudo, na região do entorno, onde a universidade é menos presente, a gente ouve falar que a universidade não é para elas, isso, claro que eu já ouvia antes de ser aluno, antes de ser professor e tal, sendo morador da região”.</i></p>

Quadro 04 – Superação – Ainda que não seja exclusivo para o público feminino, comprovou-se por meio das falas dos (as) entrevistados (as) a importância do Pós-Populares para as mulheres periféricas frequentadoras das reuniões, no sentido de se enxergarem como pesquisadoras em potencial. Naquele ambiente elas se sentiram acolhidas e motivadas a buscar alternativas para vencer os obstáculos que as limitavam. A sociedade machista e patriarcal coloca sobre os ombros delas uma carga desumana de afazeres, a ponto de muitas vezes elas não vislumbrarem algo diferente da realidade a qual se acostumaram.

<p>Pessoa 02</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“[...] E para as mulheres, acho que entra também, nesse campo, e a gente entender que a mulher, ela pode quanto, porque o que a gente vê, inclusive em cursos normais aí, que o homem está sempre à frente. Mas, visto que nós temos as discussões fortalecedoras e encorajadoras, nós temos a mulher entrando também nesse âmbito de força. [...]. Ah, o primeiro deles é empoderamento, sabe? Você fazia a pergunta aí eu parecia... É até engraçado, porque eu sou de Arte Visuais, né? E aí, fazendo a pergunta, eu vendo a mulher entrando, peito para fora, de salto nesse espaço, né? Então eu vejo como empoderador também. Hoje a palavra empoderamento está muito [Risos] vulgar, né, na boca das pessoas. [...]. E aí é esse empoderamento, mas é um empoderamento intelectual que você sente que você pode, que você vai fazer diferente, né? Então eu penso que a mulher nesse espaço ela vai dar um outro rumo, primeiro para a história dela, depois para a história daqueles que as cercam, né?”</i></p>
<p>Pessoa 03</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Então, porque questão do gênero, é realmente, a gente quando a gente fala estudar para as mulheres, porque geralmente a mulher, para além de ser uma pesquisadora, ela é a mãe, ela tem afazeres, que dobra a carga ao horário dela. Então, eu acho que esse espaço é um espaço de acolhimento muito importante, além de acolher um popular e ser uma mulher ela realmente ela passa a entender que ela tem esse poder, digamos, de empoderamento de vislumbrar, você está num espaço que você tenha a</i></p>

	<p><i>possibilidade de aprender e ascender na questão numa universidade pública, de poder pensar em seu espaço de pesquisa, seja na sua área de gênero, ou seja, em qualquer área que desempenha na escola, geralmente são professores que estão no Pós-Populares, então ela poder fazer isso realmente é superando as questões que realmente as mulheres têm para além da, digamos, o terceiro turno, né, porque todas mulheres, ou casado, não só casado, mas, assim, tem mais afazeres do que o homem, com certeza tem muita coisa. E aí o Pós-Populares ele começa a fazer essa acolhida e mostrar que realmente é possível superar todos os obstáculos para poder ascender na pós-graduação”.</i></p>
<p>Pessoa 04</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“[...] e há aquelas que venceram esse medo, que venceram essa crença de que não é pra nós, não pode, não é capaz, não vai dar certo, não vai conseguir; sábado à tarde tem mais coisa pra fazer; vai arrumar a casa, vai passar roupa que você lavou de manhã, vai arrumar a cozinha do almoço, vai fazer outra coisa”.</i></p>
<p>Prof. Erlando Rêses</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“[...] Nesse caso específico, a gente tem uma série de outros elementos, para além desse que eu estou falando, como, por exemplo, o fato de ser mãe, o fato de a mulher ser mãe, então, coloca algumas dificuldades que a gente vê, por exemplo, um dia a dia, essa dificuldade, em que muitas vezes ela faz a troca mesmo, da educação dos filhos, do estudo pela educação dos filhos, né? Ou o cuidado da casa, ou do cuidado com o marido, e por aí vai, há essa troca, infelizmente, é um registro que a gente faz, o fato de ser mãe, né? Mas não precisamos também só falar do caso de ser mãe, também podemos falar do caso de ser filha [...]. E infelizmente, nós temos nessa sociedade desse viés liberalizante, liberal, o caso de a mulher ter como mote central o cuidado, eu escrevo isso também na minha tese que resultou no</i></p>

livro “Vocação para a Profissão ” em que esse cuidado também se transporta para outros lugares como por exemplo a profissão de professora, e por aí vai, né? [...]. Então, a questão da mulher, porque a mulher, quando ela, fazendo uma analogia, uma mulher mãe, né, então ela sempre tem a visão mais assim, eu não estou generalizando, mas quando é mulher, ela dá um exemplo muito mais forte do que homens, porque o fato de ela ter chegado lá, superando todos os obstáculos que tem, que as mulheres enfrentam, maiores do que os homens, então é um exemplo que ela serve, que fica como referência muito mais forte do que a questão do que os homens, e para mostrar que é um espaço também que as mulheres podem chegar e quando falam, e elas chegando lá, ela pode mostrar para outras mulheres que ela também pode superar algumas dificuldades que existem nessa trajetória. Então, eu acho que ela pode dar, se tornar um exemplo, uma referencial para outras mulheres, que ela pode ir para além, né, e mostrar que ela tem esse poder. E a academia de certa forma, quando eu falo em ser esse poder acadêmica, é o poder de não de se mostrar como um título, pelo título, né, mas é mostrar que o título de Doutor, Mestre, para que outros tenham como exemplo, e referencial para que a gente possa transformar em um mundo melhor. O título ele ajuda em muitas questões, mas não adianta você ter o seu título e não se tornar um ser humano melhor, eu acho que o título tem que fazer com que as pessoas sejam mais solidárias, mais empáticas, e que realmente ele possa, a partir desse título ter essa visão coletiva e essa visão feminina, porque é acolhedora, que é essa visão que eu vejo de mãe, e que aí realmente ajuda bastante para que as mulheres possam se empoderar.

Quadro 05 – Sucesso – E por fim, foi possível comprovar que 02 das pessoas entrevistadas e que continuam fazendo parte da equipe de coordenação do Pós-populares, fizeram seus cursos de mestrado e doutorado, respectivamente, a partir das orientações, incentivo e acolhimento, recebidos nas reuniões.

<p>Pessoa 03</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Sim, eu fui até assim, digamos, eu até protelei bastante a minha decisão de realmente de sentar-se para elaborar [...]. É, porque assim, eu, então, eu protelei um pouco a minha entrada, eu devia ter, assim, sido, mas, assim, assíduo no sentido de elaborar, de escrever, porque quanto mais você participa, mais você vai tendo questões para pensar. Mas depois que eu foquei mesmo na minha, no que eu queria pesquisar, na minha linha de pesquisa, a memória, a partir da EJA, onde eu trabalho, onde eu milito, desde a educação popular, na linha de Paulo Freire. Então, todo esse percurso que eu fiz de história de vida e de militância, a í eu falei: não, agora o momento de realmente se sentar e escrever, n é?”</i></p>
<p>Pessoa 04</p>	<p>Resposta</p> <p><i>“Sim, talvez não seja o fator decisivo, mas digamos que era a gota que faltava. [...], então participar do Pós-Populares me ajudava a colocar aqueles conflitos todos num funil, não para afinilar, mas sabe um funil que decanta, aquele funil lá do alambique mesmo que você decanta mesmo, de você ir decantando todo aquele material ali e deixando o tempo ir maturando, então a cada encontro do Pós-Populares que eu participava me ajudava a ressignificar, repensar, eu nunca fui, eu não tenho uma trajetória teórica, a academia ela me atrai, mas ela não me, como é que eu vou dizer, a academia ela sempre me atraiu, mas ela não me enverga, sabe, não me... Então, assim, eu nunca fui uma pessoa, eu não tive uma formação teórica, no ensino médio eu não tive uma formação teórica, escola normal era uma formação prática, nós fazíamos de tudo, as práticas da</i></p>

aula, tanto que hoje a gente sente essa lacuna no currículo de pedagogia, mas eu não fiz um debate teórico na escola normal, quando eu vim pra educação artística eu mergulhei muito na história da arte, mas nada dos teóricos, nada, então essas lacunas foram ficando, quando eu fui fazer o mestrado, estar na universidade nesse aspecto teórico não me atraiu, então era uma deficiência que eu tinha de pensar, assim, como é que eu vou agora dar conta de fazer uma discussão no doutorado com todas essas lacunas, tanto é que na minha seleção, na entrevista foi muito clara, fui muito transparente, olha, eu venho dessa trajetória aqui, eu não sou uma pessoa que fica falando frases de efeito, frases teóricas de efeito, e não é isso que eu quero pra mim, não é isso que eu estou buscando, então a universidade ela me conquista, mas ela não me enverga à ela, sabe, e os encontros no Pós-Populares eles me ajudavam a fazer esse decantamento, cada vez que eu ia, quando eu voltava eu voltava pensando um monte de coisas e aí eu começava a escrever tempestade de ideias sem muita preocupação com o formato, sem muita preocupação com dialogar com aquilo teoricamente, mas principalmente dialogar aquela tempestade de ideias, dialogar comigo mesma, e aí os encontros me faziam isso, provocava, às vezes eu ia para o encontro e ficava calada o tempo todo, mas conversando o tempo todo comigo mesma, será que é esse o caminho, será que é isso mesmo, será que eu vou pra cá, será que eu venho pra cá, e voltava, e ficava até ansiosa esperando o próximo encontro pra tentar elaborar melhor, então aí eu acho que foi, tanto que eu fui, primeira seleção eu fiz em 2016, lá na UFG, e não passei na seleção, não passei na prova escrita, e fui fazer, assim, será que tá na hora, será que é isso mesmo, vamos lá para experimentar, pra ver como e que é, e aí eu estava amadurecida e mais firme em 2017, já conhecia o processo de seleção, já havia feito um experimento no ano anterior e já estava

mais decantada, né, a partir desses encontros, porque cada debate de projeto é uma realidade diferente, uma coisa diferente, quando você fala para o outro e você faz uma intervenção no projeto do outro aquela intervenção ela bate pra você antes, sabe, ela bate pra você, às vezes ela é mais pra você do que para o outro, quando você faz uma intervenção no objetivo, numa metodologia, você também está refletindo aquilo pra você, será que é isso mesmo, será que eu vou usar essa metodologia, entendeu, será que eu vou seguir esse caminho, então nesse sentido os encontros do Pós-Populares foi sendo, assim, essa gotinha, uma gotinha de esperança, uma gotinha de ânimo, uma gotinha de conflito, é um copinho ali que foi se enchendo, cada encontro uma gotinha, algumas gotinhas e que foi alimentando tudo aquilo que já estava dentro de mim, que eu já estava buscando, que o doutorado nunca foi pra mim um caminho de ascensão acadêmica, mas de ressignificar, tanto que eu vou fazer o mestrado dez anos depois que eu fiz a graduação, e eu vou fazer o doutorado dez anos depois que eu terminei o mestrado”.

A importância de se utilizar o método de entrevistas semiestruturadas para ajudar a embasar a presente pesquisa foi de valor imenso por se tratar de material rico em informações que precisaram ser apreciadas para se compreender o caráter social do Projeto de Extensão Pós-Populares e o desejo genuíno de quem o criou, de vê-lo funcionar como instrumento para alcançar e levar para dentro das universidades públicas, pessoas da periferia de Brasília, como forma de exercerem seu direito de serem pesquisadoras e se sentirem confortáveis nessa posição.

[...], ou entrevistas semidiretivas (também chamadas com plano, com guia, com esquema, focalizadas, semiestruturadas) mais curtas e mais fáceis: seja qual for o caso devem ser registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador). Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orchestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz “Eu”, com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. E ao dizer “Eu”, mesmo

que esteja falando de outra pessoa, ou de outra coisa, explora por vezes às apalpadelas, certa realidade que se insinua por meio do “estreito desfiladeiro da linguagem”, da sua linguagem, porque cada pessoa serve-se dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos (BARDIN, 2011, p. 93-94).

As nuances percebidas por meio das falas foram cruciais para a compreensão do objeto da pesquisa por não ser apenas um texto pronto, sobre o tema apresentado. Trata-se da percepção de quem esteve e está familiarizado (a) com a realidade exposta, fez e continua a fazer parte dela, de alguma maneira.

Ouvindo o criador do Projeto de Extensão Pós-Populares e olhando em seus olhos, foi possível perceber a paixão demonstrada pela área da educação e a preocupação com as pessoas das regiões periféricas de Brasília, assim como o desejo enorme de ver tais pessoas alcançarem o patamar que ele alcançou. Não por teoria, mas por conhecer e ter vivenciado na prática a realidade daquelas pessoas. É sair do admirar-se filosófico para o concreto de procurar fazer algo para mudar a realidade. É o não ser apenas contemplativo do que está diante dos olhos e se chocar, mas ser parte como sujeito ativo que não se conforma, mas luta com e pelos semelhantes, para que alguma mudança ocorra.

Mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão, pelo tempo que lhes foi dado na Terra. (ARENDDT, 1987, p. 09).

O fato de o Pós-Populares ter sido criado voltado para a periferia de Brasília e região metropolitana e já estar sendo replicado para outros locais, demonstra que não importa o tempo, nem o espaço, há potencial em homens e mulheres, para fazer diferença em qualquer localidade. Se por um lado há quem defenda a elitização da universidade, por outro há quem lute para ela alcançar a todos e todas, sem distinção.

4.3- Da análise dos questionários aplicados

Foram encaminhados questionários semiestruturados para 04 mulheres, todas oriundas do Projeto de Extensão Pós-Populares que concluíram seus cursos de mestrado ou doutorado, como forma de analisar os obstáculos enfrentados por elas no percurso. A fim de analisar tais obstáculos, trabalhamos com as categorias: **Patriarcado, Machismo estrutural, Misoginia**. Pelas respostas obtidas pudemos ter a percepção de cada uma delas e as reunimos com as falas, em um único quadro, numa demonstração de como as mulheres tiveram consciência das dificuldades a serem vencidas, desde a ida à primeira reunião, até o êxito do certificado em mãos.

4.4- Sujeitas da pesquisa - principais características

Responderam ao questionário 04 mulheres, todas professoras, 02 concursadas e 01 possui contrato temporário, sendo todas da Secretaria de Educação do Distrito Federal/SE/DF e 01 é professora da Universidade Federal de Tocantins.

Sobre os locais de nascimento e residência, 02 são naturais do estado de Minas Gerais, 01 reside em Tocantins e 01 no Distrito Federal; 01 é nascida no estado do Piauí e residente no DF; e 01 nasceu e reside no DF. As 03 moradoras no DF, têm suas residências nas cidades satélites de Santa Maria, Gama e Lago Norte.

Nos quesitos etnia e ser mães ou não, 02 são negras e 02 são brancas. 02 são mães e 02 não o são. Das que são mães, 01 já é avó e a outra é mãe de 01 menino em idade escolar.

Sobre o quesito idade, 02 estão na faixa de 50 anos; 01 na faixa de 40 e 01 na faixa de 30 anos.

Com a finalidade de preservar a identidade das mulheres que responderam ao questionário, elas foram nomeadas com nomes de pedras preciosas: **Safira, Esmeralda, Ametista e Jaspe**⁴⁶.

Após minuciosa leitura das respostas recebidas, optou-se por construir 01 tabela contendo as perguntas e as respostas, em virtude de elas trazerem elementos que comprovam como cada uma teve de lidar em sua caminhada na pós-graduação, com aspectos das categorias citadas anteriormente.

Categorias	Patriarcado, Machismo estrutural, Misoginia			
Questão	Participante			
	Safira (Professora, divorciada, mãe de 02 filhas e 01 filho, avó)	Esmeralda (Professora, solteira, sem filhos (as))	Ametista (Professora, divorciada, mãe de 01 filho em idade escolar)	Jaspe (Professora, solteira, sem filhos (as))

⁴⁶ Esta autora escolheu identificar as sujeitas da pesquisa com nomes de pedras preciosas, como uma forma de manter o sigilo sobre as identidades delas. Assim surgiram Safira, Esmeralda, Ametista e Jaspe. A escolha se deu após ler as respostas dos questionários e comparar com a descrição do significado de cada pedra escolhida, conforme consta num site que traz essa significação: Safira – sabedoria e pureza; Esmeralda – renascimento e amor eterno; Ametista – a pedra dos deuses, traz clareza mental; e Jaspe – a pedra da sustentação, ajuda a promover a coragem e a determinação. Disponível em <https://www.gemanativa.com.br>. Acesso em 01 out. 2024.

<p>Quais obstáculos você considera que a impediam de fazer um curso de pós-graduação?</p>	<p><i>“Dupla ou até tripla jornada de Trabalho intenso dentro e fora de casa, tentando conciliar tarefas de casa, marido, filhos e escola pública e privada como professora e coordenadora pedagógica. Não havia nem tempo, nem disposição para pensar a retomar meus estudos. O cansaço era tão grande, que nem conseguia ler um livro inteiro. Nas primeiras páginas já dormia em cima dele”.</i></p>	<p><i>“Nenhum obstáculo”</i></p>	<p><i>“No geral, a sociedade patriarcal, onde coloca a mulher como mãe/mulher maravilhosa de todos e responsável pela família, casa e filhos, incondicionalmente, mesmo numa contemporaneidade onde a mulher tem muitos outros afazeres em relação à formação e profissão, porém essa ideia de cuidado continua e oprime. Muitas vezes fazendo com que nós mulheres retroagimos em relação à carreira e continuidade dos estudos”.</i></p>	<p><i>“Difícil acesso à universidade pública; dificuldade financeira; por ser uma mulher periférica; sempre tive que trabalhar para sobreviver”.</i></p>
<p>Listar 05 fatores que consideram como impeditivos para o retorno aos estudos, em ordem de</p>	<p><i>“Marido, trabalho incessante de casa, família/filhos, carreira de professora na Educação Básica, ambiente ácido e</i></p>	<p><i>“Financeiro, Filhos, Trabalho, Tempo livre, Esposo”</i></p>	<p><i>“Responsabilidade com horas intensas de trabalho e depois precisar cuidar da casa e dos filhos;</i></p>	<p><i>“Realidade socioeconômica; falta de oportunidades; realidade social; apoio familiar”.</i></p>

prioridade para cada uma	<i>competitivo das Universidades”.</i>		<i>Discriminação social; Falta de financiamento dos estudos; Falta de apoio familiar ou da própria rede de amizades”.</i>	
Teve ou tem dificuldades de frequentar as reuniões do Pós- Populares? Quais as principais?	<i>“Tive sim muitas dificuldades [...]. Primeira dificuldade é essa, quebrar a rotina de um trabalho que já foi imposto a você a vida toda e todos te cobram por isso, inclusive a gente mesmo. As reuniões sempre começavam as 14 horas, ou seja, logo após o almoço e eu tinha que viajar 30 km para chegar a Ceilândia, pois eu morava em Sobradinho. Então nos sábados que eu ia para a reunião do grupo, eu sempre acordava as 5 horas da</i>	<i>“Nunca tive”.</i>	<i>“Sim. Questões de trabalho, demandas que precisavam ser resolvidas com urgência, mesmo no final de semana; questões familiares, doença de filho”.</i>	<i>“Não. Sempre tive apoio dos colegas, principalmente na locomoção: caronas solidárias”.</i>

	<i>manhã, para adiantar todo o meu serviço, preparar o almoço e servir mais cedo, organizar a casa e conseguir chegar a tempo na reunião do Grupo Pós Populares”.</i>			
Pessoalmente, o que considera como os maiores obstáculos que precisou enfrentar para concluir sua pós-graduação?	<i>“Enfrentar os medos, a timidez. Quebrar as regras impostas, principalmente perder o medo de falar, quebrar o silenciamento (acho que foi o mais difícil), enfrentar as vaidades acadêmicas, brigar comigo mesma para acreditar que aquele lugar também poderia ser meu. Ler autores que nunca tinha visto nem ouvido falar durante toda minha vida. Enfim</i>	<i>“Na pandemia, a escrita acadêmica e a impossibilidade de ficar mais tempo em campo”.</i>	<i>“Problemas com ansiedade e organização do tempo em relação à família/ estudos”.</i>	<i>“Moradia. Durante a minha trajetória na academia, por vezes, fiquei sem ter onde morar.”</i>

	<p><i>reconstruir uma nova rotina de vida, tentando conciliar ou até mesmo construir tempos e espaços que antes eram dedicados a vida familiar e profissional”.</i></p>			
<p>Em seu entendimento, que importância o Projeto de Extensão Pós- Populares tem para as pessoas da periferia de Brasília e região metropolitana, que desejam ter acesso à pós-graduação em universidades públicas?</p>	<p><i>“O Projeto de Extensão Pós- Populares, teve e tem papel preponderante na minha vida e na vida de muitas pessoas que passaram e continuam a passar por lá. É um espaço coletivo valioso de trocas, compartilhamento s, reflexões e discussões importantíssimas: primeiro, te inquieta e depois te proporciona espaço de fala, escuta qualificada.</i></p>	<p><i>“No meu vivenciar o Projeto de Extensão Pós- Populares carrega para as periferias um trabalho de formação integral e crítica. Isto é, aprendemos a reconhecer e compreender que a universidade é nossa e pesquisamos o chão</i></p>	<p><i>“O Pós – populares configura um importante projeto para as pessoas da periferia, pois geralmente não há projetos que contemplem tais locais com as dicas, discussões, as quais temos acesso neste. É a partir do Pós – Populares que muitas pessoas, inclusive eu, teve motivação para tentar uma vaga na Universidade Pública – Mestrado e/ou doutorado”.</i></p>	<p><i>“Penso que é uma virada repleta de transformação. Em todos os aspectos, tanto social, quanto individual”.</i></p>

	<p><i>Ou seja, você encontra pessoas comuns como você e percebe que todas e todos compartilham dos mesmos conflitos, inquietudes, desejos, planos e melhor, um/uma encoraja o outro/outra. Isso tudo de forma solidária, coletiva e ausência de hierarquia nas falas. É um encontro amoroso com Freire e companheiros/as freirianos/as, onde ali naquele tempo/espço sentimos a boniteza e a grandeza de sermos seres inacabados e em constantes (des)construções. O Pós-Populares mudou a minha vida, da minha família, da minha</i></p>	<p><i>social, as denúncias que precisam serem publicadas”.</i></p>		
--	---	--	--	--

	<i>comunidade e de muitos homens e principalmente mulheres da classe trabalhadora”.</i>			
Para você, quais as maiores dificuldades em conciliar maternidade e academia?	<i>“A academia, aliás, o espaço da educação formal, principalmente no curso superior numa universidade, não foi desenhado, nem pensado por mulheres nem para as mulheres, sobretudo quando essas mulheres são mães, aí mesmo é que não tem lugar. Durante meu período na graduação eu tinha 03 filhos pequenos, lembro-me que primeiro eu tinha que dar conta de todas as demandas da casa, filhos e marido, colocá-los para dormir, para só a partir daí, as madrugadas, eu</i>	<i>“NADA A DECLARAR ”</i>	<i>“Dificuldade em conciliar tempo de estudo – tempo de estar presencialmente na academia e a relação de tempo e cuidado com a criança”.</i>	Optou por não responder à questão

<p><i>podia abrir os livros e adentrar num outro universo, o universo do conhecimento científico. Na pós-graduação presenciei muitas mulheres/mães desistirem de algumas disciplinas, ou até mesmo do curso, pois não tinham com quem deixar as crianças, ou não conseguiam acompanhar o volume de leituras e trabalhos, adoecimentos delas ou de um familiar. Sempre, em qualquer circunstância, quem tem que abrir mão, somos nós mulheres, porque ainda somos subjugadas o tempo todo, caso deixemos de cumprir todas as</i></p>			
---	--	--	--

	<i>responsabilidades impostas a nós”.</i>			
Em seu entendimento, a maternidade se constitui em obstáculo para cursar o mestrado ou doutorado?	<i>“É um elemento dificultador, por causa do volume de leituras, trabalhos, aulas em horários diferentes, tempo de dedicação a produções de textos, pesquisas, extensão, grupos de estudos, seminários, congressos, viagens. Tudo isso sobrecarrega muito sobretudo as mulheres que são mães e precisam conciliar tempo/espaco com outras inúmeras demandas e responsabilidades. Realmente fica tudo muito mais complicado”.</i>	<i>“NADA A DECLARAR”.</i>	<i>“Não. O que se constitui obstáculo é a carga em que a sociedade e família agrega à mulher. Colocando – a como a mais responsável pelo cuidado do filho/a, ou seja, a que precisa sempre estar presente em todos os momentos. Está implícito no pensamento da sociedade e até mesmo no nosso próprio interior. Nós mesmas não conseguimos nos desapegar desse pensamento, trazendo para nós mesmas toda a carga”.</i>	Optou por não responder à questão
Em que medida ter um curso de mestrado ou	<i>“Totalmente. Desde os meus dezessete anos</i>	<i>“Na medida que passei a compreender</i>	<i>“A partir da pesquisa e diálogos acadêmicos foi</i>	<i>“Em todas as áreas da minha vida. Hoje, sou</i>

<p>doutorado, foi importante para sua formação profissional?</p>	<p><i>(quando terminei meu magistério em 1984) sou professora. Trabalhei com todos os níveis e modalidades de ensino da Educação Básica, na rede pública e privada. Obtive muita experiência nas escolas públicas periféricas. Mas foi no mestrado e doutorado que tive contato com os e as teóricos/as e suas teorias e pude dar o salto dialético e vivenciar a práxis pedagógica revolucionária. Foi neste contato com os livros e as experimentando as epistemologias, trazendo a prática para dialogar com a teoria, ou a teoria refletindo a prática, é que acreditamos na</i></p>	<p><i>as contradições curriculares cos sujeitos das escolas públicas”.</i></p>	<p><i>possível construir diversos conhecimentos muito valiosos para a prática, além de proporcionar uma expectativa de melhoria salarial, mesmo que pequena, dentro da educação básica do Distrito Federal”.</i></p>	<p><i>professora, tenho um lar e posso corroborar de maneira significativa com a sociedade por meio da educação”.</i></p>
---	--	--	--	---

	<i>educação como instrumento infalível para a transformação e emancipação humana</i>			
Para você, o Pós- Populares contribuiu para sua emancipação pessoal e profissional?	<i>“Com certeza e de sobremaneira e em todos os níveis. Atualmente sou uma pessoa muito mais atendida com as questões sociais, culturais, políticos e econômicas. Minhas práticas são sempre refletidas e alinhadas com a geopolítica. Confesso que as coisas agora são bem mais complexas. Não existe respostas fáceis, curtas e prontas, portanto ler, estudar e se apropriar do conhecimento acumulado e construído</i>	<i>“Para minha emancipação pessoal e profissional”</i>	<i>“Sim. Tanto antes do processo, quanto no desenvolvimento e término dele. As indicações literárias, acompanhamento na pesquisa e companheirismo foi fundamental para a aquisição de novas concepções, teóricas e práticas e a emancipação pessoal, tendo como foco, o coletivo.</i>	<i>“Sim. Esse Projeto trouxe para mim novas oportunidades, principalmente no mercado de trabalho”.</i>

<p><i>historicamente, te dar muito mais trabalho, te exige muito mais reflexão e comprometimento. Você aprende que em suas ações não existe neutralidade. O ser humano/pesquisador/a professor/a, trabalhador/a em todas as suas práticas está imbricadas e carregadas daquilo que seu ser social construiu ao longo de sua vida pessoal, profissional e acadêmica. Sua biblioteca, seus amigos/as, suas trajetórias, seus acervos socioculturais dizem muito sobre você e isso é de uma responsabilidade gigantesca, aquilo que você põe no</i></p>			
--	--	--	--

	<i>mundo. É sobre isto”.</i>			
Relate como a sua entrada na pós-graduação transformou sua vida pessoal e profissional.	<i>“Como eu disse ao longo desta entrevista, sou filha de pai e mãe interioranos, trabalhadores que não tiveram acesso a escola. Na minha casa livros eram artigos de luxo, não haviam espalhados pela casa, pois artigos de primeira necessidade eram: alimentos, roupas, sapatos, remédios, água e luz. Eram os que meus pais conseguiam custear com salário de trabalhadores subalternos. Eu sou a primeira da minha família a ter um curso superior e desafiei ou transgredi a regra. A pós-graduação para mim, sempre</i>	<i>“Minha entrada no Pós Populares me emancipou como militante, como educadora e como mulher negra”.</i>	<i>“A entrada na Academia foi uma realização pessoal e profissional enorme. Na primeira fase muito difícil, pelo fato do momento histórico vivenciado (covid – 19). Com o passar do tempo e o acesso às leituras e eventos/ mobilizações universitárias tornou – se prazerosa, a pesquisa, de modo que tornou – se possível a investigação e o contato, tanto com a teoria, quanto ao objeto de estudo. Os enfrentamentos foram diversos, doenças previsíveis, ansiedades e questões familiares às vezes tornou – se demandas</i>	<i>“A partir do momento em ingressei na academia tive experiências incríveis em diversos momentos. Penso que foi uma oportunidade singular na minha vida. Outrora, vivia sem nenhuma perspectiva de poder ter um trabalho, uma renda digna para o meu sustento. E por viver em um contexto periférico e marginalizado, ou seja, desprovido até mesmo de uma família, pois a pedagogia da vida não me oportunizou ter. Nesse cenário, conheci a</i>

	<p>foi algo muito distante, mas sempre fui muito curiosa, irrequieta e em alguma medida atrevida. Sempre quis explorar um pouco a mais das coisas, principalmente da natureza e seus recursos, respostas simples nunca me satisfaziam e detestava quando me sentia subestimada. Sou a única filha mulher, no meio de três irmãos. Criação de família mineira, conservadora, machista e patriarcal. Quebrei várias regras, transgredi e paguei o preço por este feito. Engravidei na adolescência, casei, sofri violência doméstica em todos os níveis, separei, fui mãe</p>		<p>desafiadoras, no entanto, o sonho de realizar e finalizar sempre foi maior e consequentemente possível”.</p>	<p>educação. Isso fez toda a diferença. Desde então, minha vida ganhou outro sentido. E a partir do Pós- Populares, minha realidade, tanto intelectual, quanto socioeconômica, me oportunizou ascensão social”.</p>
--	---	--	---	---

<p><i>solo. Após todo esse percurso de vida pessoal marcado por vários “fracassos”, refazer a rota e retomar os estudos não foi tarefa fácil, ainda mais com três filhos para criar sozinha. Então a trajetória de vida pessoal e profissional foram sendo traçadas, concomitantemente e reconstruídas, as vezes sacrificando uma, outras vezes sacrificando a outra. Enfim, valeu todos os tropeços, obstáculos e aprendizados.</i></p> <p><i>Adentrar o universo da pós-graduação foi um divisor de águas em todos os aspectos. O mestrado e o doutorado me proporciona ser</i></p>			
---	--	--	--

	<p><i>ouvida nos espaços onde ocupo, me proporciona aprender e compartilhar conhecimentos com meus pares, opinar, refletir, contribuir com legitimidade. Atualmente ocupo um espaço restrito, no Ensino Superior; atuo como professora no curso de pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins, campus Arraias, vivi na pele o quanto a educação transforma e emancipa. Como nos diz Maria Bethânia em sua canção Yaya Massemba, “Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas”. Eu aprendi a ver para enxergar o mundo</i></p>			
--	---	--	--	--

	<p><i>e transformar minhas camaradas mães, mulheres, trabalhadoras, que sentem diariamente a dor da violência das algemas que tentam limitá-las. Para nós mulheres mães trabalhadoras, estudar é um ato revolucionário de muita coragem, para arrebentar com muitas algemas opressoras”.</i></p>			
--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração da autora

4.5 – Percepções

A partir das respostas foi possível elencar dificultadores individuais e coletivos que as 04 mulheres tiveram de enfrentar.

Obstáculo em comum	Obstáculos individuais
Dupla jornada de trabalho	Falta de moradia
Falta de apoio familiar	Difícil acesso à universidade
Dificuldades financeiras	Ser uma mulher periférica
Problemas para ir às reuniões do Pós-Populares	Adoecimento do filho
	Marido
	Medo de falar em público
	Timidez
	Pandemia da Covid-19

Fonte: Elaboração da autora

A partir da lista de dificuldades individuais e coletivas, notou-se que em alguma medida, as 04 mulheres enfrentaram percalços durante a trajetória, motivadas em especial por elas estarem em um contexto social patriarcal, machista e misógino. Para as que são casadas e mães, além dos afazeres domésticos, uma teve que cuidar do filho doente, o que comprova o quanto a mulher é colocada no lugar de cuidadora/protetora e com isso, ou renuncia projetos pessoais, ou tem de se desdobrar para conciliar todas as atividades ao mesmo tempo. Não é o filho que se constitui em obstáculo, e, sim a falta de colaboração do parceiro em participar igualmente dos cuidados, pois continuam com a visão equivocada, que é a mãe quem cuida da criança doente.

A questão da ansiedade provocada pelo receio de não conseguir alcançar a leitura de autores até então desconhecidos; o receio de falar em público e se posicionar, nos levou a perceber o quanto o silenciamento imposto pelo patriarcado, continua presente limitando a mulher de desenvolver todo o seu potencial.

Quisemos ainda construir um quadro contendo respostas, que utilizamos para verificar o quanto foi importante para cada uma a participação no Projeto de Extensão Pós-Populares, assim como a emancipação pessoal e profissional que elas obtiveram a partir da pós-graduação ao terem concluído seus cursos de mestrado ou doutorado.

Participante	Contribuição Pós-Populares: Coletivo	Individual
Safira	<i>“Espaço coletivo valioso de trocas, compartilhamentos, reflexões e discussões importantíssimas: primeiro, te inquieta e depois te proporciona espaço de fala, escuta qualificada. [...] Isso tudo de forma solidária, coletiva e ausência de hierarquia nas falas”.</i>	<i>“O Pós-Populares mudou a minha vida, da minha família, da minha comunidade e de muitos homens e principalmente mulheres da classe trabalhadora. [...]. Com certeza e de sobremaneira e em todos os níveis. [...] Atualmente sou uma pessoa muito mais atendida com as questões sociais, culturais, políticos e econômicas. Minhas</i>

		<i>práticas são sempre refletidas e alinhadas com a geopolítica.”.</i>
Esmeralda	<i>“No meu vivenciar o Programa de Extensão Pós-Populares carrega para as periferias um trabalho de formação integral e crítica”.</i>	<i>“Aprendemos a reconhecer e compreender que a universidade é nossa e pesquisamos o chão social, as denúncias que precisam serem publicadas”.</i>
Ametista	<i>“O Pós-Populares configura um importante projeto para as pessoas da periferia, pois geralmente não há projetos que contemplem tais locais com as dicas, discussões, as quais temos acesso neste”.</i>	<i>“É a partir do Pós-Populares que muitas pessoas, inclusive eu, teve motivação para tentar uma vaga na Universidade Pública – Mestrado e/ou doutorado”.</i>
Jaspe	<i>“Penso que é uma virada repleta de transformação”.</i>	<i>“Em todos os aspectos, tanto social, quanto individual”.</i>
Participante	A importância de ter um curso de mestrado ou doutorado, para a formação profissional de cada uma?	
Safira	<i>“Totalmente. [...], mas foi no mestrado e doutorado que tive contato com os e as teóricos/as e suas teorias e pude dar o salto dialético e vivenciar a práxis pedagógica revolucionária. Foi neste contato com os livros e as experimentando as epistemologias, trazendo a prática para dialogar com a teoria, ou a teoria refletindo a prática, é que acreditamos na educação como instrumento infalível para a transformação e emancipação humana”.</i>	
Esmeralda	<i>“Na medida que passei a compreender as contradições curriculares cos sujeitos das escolas públicas”.</i>	

Ametista	<i>“A partir da pesquisa e diálogos acadêmicos foi possível construir diversos conhecimentos muito valiosos para a prática, além de proporcionar uma expectativa de melhoria salarial, mesmo que pequena, dentro da educação básica do Distrito Federal”.</i>
Jaspe	<i>“Em todas as áreas da minha vida. Hoje, sou professora, tenho um lar e posso corroborar de maneira significativa com a sociedade por meio da educação”.</i>
Participante	Relato sobre como a entrada na pós-graduação transformou a vida pessoal e profissional de cada uma.
Safira	<i>“[...] A Pós-graduação para mim, sempre foi algo muito distante, mas sempre fui muito curiosa, irrequieta e em alguma medida atrevida. Sempre quis explorar um pouco a mais das coisas, principalmente da natureza e seus recursos, respostas simples nunca me satisfaziam e detestava quando me sentia subestimada. Sou a única filha mulher, no meio de três irmãos. Criação de família mineira, conservadora, machista e patriarcal. Quebrei várias regras, transgredi e paguei o preço por este feito. Engravidei na adolescência, casei, sofri violência doméstica em todos os níveis, separei, fui mãe solo. [...] Adentrar o universo da pós-graduação foi um divisor de águas em todos os aspectos. O mestrado e o doutorado me proporciona ser ouvida nos espaços onde ocupo, me proporciona aprender e compartilhar conhecimentos com meus pares, opinar, refletir, contribuir com legitimidade. Atualmente ocupo um espaço restrito, no Ensino Superior, atuo como professora no curso de pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins, campus Arraias, vivi na pele o quanto a educação transforma e emancipa. Como nos diz Maria Bethânia em sua canção Yaya Massemba, “Vou aprender</i>

	<i>a ler para ensinar meus camaradas”. Eu aprendi a ver para enxergar o mundo e transformar minhas camaradas mães, mulheres, trabalhadoras, que sentem diariamente a dor da violência das algemas que tentam limitá-las. Para nós mulheres mães trabalhadoras, estudar é um ato revolucionário de muita coragem, para arrebentar com muitas algemas opressoras”.</i>
Esmeralda	<i>“Minha entrada no Pós-Populares me emancipou como militante, como educadora e como mulher negra”.</i>
Ametista	<i>“A entrada na Academia foi uma realização pessoal e profissional enorme. [...] Com o passar do tempo e o acesso às leituras e eventos/ mobilizações universitárias tornou – se prazerosa, a pesquisa, de modo que tornou – se possível a investigação e o contato, tanto com a teoria, quanto ao objeto de estudo. [...]o sonho de realizar e finalizar sempre foi maior e conseqüentemente possível”.</i>
Jaspe	<i>“A partir do momento em ingressei na academia tive experiências incríveis em diversos momentos. Penso que foi uma oportunidade singular na minha vida. Outrora, vivia sem nenhuma perspectiva de poder ter um trabalho, uma renda digna para o meu sustento. E por viver em um contexto periférico e marginalizado, ou seja, desprovido até mesmo de uma família, pois a pedagogia da vida não me oportunizou ter. Nesse cenário, conheci a educação. Isso fez toda a diferença. Desde então, minha vida ganhou outro sentido. E a partir do Pós-Populares, minha realidade, tanto intelectual, quanto socioeconômica, me oportunizou ascensão social”.</i>

Fonte: Elaboração da autora

4.6 – Como estão às sujeitas da pesquisa após a passagem pelo Pós-Populares

NOME	Atividades desenvolvidas atualmente
Safira	Professora aposentada da SEEDF; professora da UFT, campus Arraias/TO; membra do Grupo de Pesquisa Consciência Dandara/FE/UnB; membra do Projeto de Extensão Pós-Populares; Coordenadora do Projeto de Extensão Asas do Saber: Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos em Privação de Liberdade na Unidade Penal de Arraias/TO; pesquisadora ciganóloga, trabalhando no mapeamento dos povos ciganos do Brasil.
Esmeralda	Gestora escolar; atua nos movimentos sociais, aplicando oficinas voltadas a políticas públicas; preparando um livro para publicação; membra do Grupo Consciência de Pesquisa em Materialismo Histórico-Dialético e Educação; membra do Projeto de Extensão Pós-Populares; tesoureira do Instituto Oca do Sol; Conselheira do Instituto Ilumina; membra do Movimento Negro de Paracatu/MG.
Ametista	Professora da SEEDF; desenvolve projetos étnico raciais e leituras em escolas; promove palestras para professores (as) e estudantes universitários (as) sobre a temática étnico racial a partir dos resultados de sua dissertação de mestrado; escreve artigos e poesias. Escreveu ainda 01 livro de literatura infanto-juvenil, sempre nessa temática; membra do Grupo Consciência de Pesquisa em Materialismo Histórico-Dialético e Educação; membra do Projeto de Extensão Pós-Populares.
Jaspe	Professora da SEEDF, leciona na Escola Meninos e Meninas do Parque, em Brasília/DF. Trata-se de uma escola que atende adultos (as) e crianças em situação de rua. A mencionada escola fez parte de sua pesquisa de mestrado; membra do Grupo Consciência de Pesquisa em Educação e Materialismo Histórico-Dialético; membra do Projeto de Extensão Pós-Populares. No momento Jaspe se encontra afastada de suas atividades, em virtude de estar tratando de um câncer por meio de quimioterapia. Conforme ela mesma informou, tem sido um período de muitas lutas e dificuldades, envolvendo mais acentuadamente os lados financeiro e emocional, mas que tem conseguido superar, principalmente por ter o apoio de amigos e amigas, inclusive de alguns (as) que fazem parte do Pós-Populares.

Fonte: Elaboração da autora

5- Resultados

O Projeto de Extensão Pós-Populares foi pensado e criado para atender pessoas que possuem cursos de graduação e residem nas regiões periféricas de Brasília e sua região metropolitana.

O Projeto possui capacidade para ser replicado para outras regiões do país, inclusive, na cidade de Luziânia/GO, entorno sul do Distrito Federal, no campus da UEG já funciona um projeto inspirado nos ideais do Pós-Populares.

Foram ouvidas por meio de questionários, 04 mulheres oriundas do Pós-Populares, que concluíram seus cursos de mestrado ou doutorado em universidade pública. Todas reconhecem a importância que o Projeto teve para a emancipação em suas vidas pessoais e profissionais. Foi a partir do momento em que tiveram o certificado em mãos que puderam buscar melhoria, tanto em nível de buscar outros campos profissionais, quanto ter uma melhoria salarial no trabalho em que já estavam.

O Projeto de Extensão Pós-Populares foi agraciado com Menção Honrosa da Câmara Legislativa do Distrito Federal, por ter concorrido ao 2º Prêmio Paulo Freire, instituído pelo gabinete do deputado Gabriel Magno, do Partido dos Trabalhadores do DF.

O Projeto foi vencedor da categoria “Educação Superior” do III Prêmio Anual em direitos Humanos Mireya Suárez.

Considerações Finais e Recomendações

A realização da presente pesquisa representa a materialização de um estudo necessário para contar a história do Projeto de Extensão Pós-Populares e sua importância para as pessoas da periferia de Brasília e sua região metropolitana, sendo que as sujeitas de nosso estudo foram as mulheres que frequentam o Projeto e concluíram seus cursos de mestrado ou doutorado em universidades públicas.

Ainda que o Projeto não seja voltado e nem direcionado ao público feminino, nossa intenção foi demonstrar sua importância para esse público, especificamente. Tem-se a consciência que os homens da periferia de Brasília também enfrentam grandes dificuldades para alcançar uma carreira como pesquisadores. Entretanto, após a realização da análise das respostas aos questionários semiestruturados, foi possível demonstrar a importância que o Pós-Populares teve para as mulheres pesquisadas, sobre o quanto suas vidas pessoais e profissionais foram impactadas positivamente, a partir da oportunidade recebida e abraçada por elas.

Foi possível constatar o quanto o machismo estrutural, juntamente com o sistema patriarcal, representa fortes obstáculos, para que as mulheres que desejam trilhar uma carreira como pesquisadoras consigam atingir seu objetivo.

Nosso objetivo geral de comprovar que o Projeto de Extensão Pós-Populares impacta e serve de escopo para que mulheres da periferia de Brasília e sua região metropolitana tenham tido a possibilidade de acessar, permanecer e sair com seus títulos de mestrado e doutorado, foi atingido.

Nossa recomendação a partir da pesquisa concluída é a de que o Projeto de Extensão Pós-Populares, deve continuar existindo e atuando nas periferias de Brasília e sua região metropolitana. Percebeu-se, inclusive, pelos estudos efetuados, que ele tem urgência de ser expandido para outros Estados da Federação. Entende-se que a população das regiões periféricas pelo Brasil inteiro necessita de estímulo, a fim de alcançarem formas de desenvolver seu potencial para a pesquisa científica, ocupando as cadeiras das universidades públicas. É urgente que o elitismo representado de forma acentuada por um público branco, homem e de classes mais abastadas sejam maioria nos espaços acadêmicos.

De forma especial, as mulheres dessas regiões necessitam ainda mais das oportunidades que o Pós-Populares pode proporcionar. Isso porque ficou comprovado por meio das respostas dos questionários que todas as que concluíram seus cursos, tiveram um retorno significativo para suas vidas pessoal e profissional, ao concluírem uma escolaridade que as permitiu galgar voos mais altos.

Realizada a pesquisa tem-se consciência que o tema não se esgota com esse estudo. Afinal, não se tinha como objetivo, dar conta de todas as situações de violência física, emocional e psicológica, das quais as mulheres são vítimas, e, o tamanho do impacto que essas situações geram na vida delas como um todo.

O leque é tão vasto que seria ingênuo considerar o assunto como encerrado. Por isso mesmo se recomenda que outras pessoas e outros departamentos da universidade invistam em pesquisas cujos temas envolvam:

- O machismo e a misoginia nas artes, algo que ocorre de forma bastante explícita, especialmente em letras de músicas;
- A violência dos estupros que ocorrem dentro dos lares por parte de maridos que se acham donos e senhores de suas esposas;
- O machismo e a misoginia por parte de juízes e advogados, dos quais as mulheres advogadas são vítimas ao exercerem a profissão;
- A violência dos estupros que mulheres sofrem dentro de casa por parte de familiares, até mesmo dos próprios pais;

A urgência de se pesquisar tais temas é por eles atingirem de forma direta o corpo e a mente de mulheres, que seja por medo, vergonha ou qualquer outra motivação, sofrem caladas, na maioria dos casos.

Há uma relação direta entre a situação vivenciada que em muitos casos é recorrente, e suas vidas pessoais e profissionais. São situações que provocam sequelas físicas, emocionais e psicológicas e as afetam de todas as formas.

Em face das violências sofridas, perdas significativas de potenciais pesquisadoras ocorrem. Perdas significativas estão ocorrendo, seja por não terem condições de investir em si mesmas, seja por estarem com a autoestima afetada a tal ponto que não conseguem se enxergar como mulheres com capacidade física e intelectual para exercerem atividades que as possibilite alçar voos rumo a uma emancipação pessoal e profissional.

Este trabalho de pesquisa cumpre com os objetivos propostos e deixa apontamentos para estudos posteriores, com a perspectiva de que a história das mulheres na ciência seja contada por elas e com elas, para que seja legitimada dentro e fora das universidades do mundo inteiro. Que as próximas gerações, principalmente a de mulheres, encontre um caminho menos íngreme e com mais justiça em todos os aspectos, para que dessa forma possam se apropriar do conhecimento construído e acumulado historicamente.

Esta dissertação foi iniciada com poesia e será encerrada da mesma maneira. A seguir apresentamos o poema cujo título é **Superação**, criado pela autora deste trabalho, utilizando as falas das mulheres ouvidas pelos questionários, com inspiração, especialmente, nos obstáculos enfrentados por cada uma delas.

Superação

Eu só queria estudar,
Fazer pós-graduação,
E sendo mulher periférica,
Tinha dupla determinação!

Dupla também era a jornada
Que o trabalho me exigia
E o apoio da família?
Esse mesmo eu não tinha!

Dificuldades financeiras,
Também tentavam me impedir,
Com a falta de moradia,
Nem tinha para onde ir!

Como chegar à universidade?
Com o marido a perguntar:
E meu almoço no prato

Você não vai colocar?

E ele ainda me dizia:
Nosso filho está doente,
Você não vai cuidar dele?
Não seja uma mãe prepotente!

Meio triste eu pensava:
Acho que ele tem razão!
Sou tímida e falo pouco
E não sou mãe sem coração!

Para piorar o quadro
Que me fez perder a alegria,
Veio a Covid-19
E trouxe junto à pandemia!

Mas lembrando de Dandara,
bel hooks, Pizan e Kolontai
E também de Krupskaya
Eu só me disse: levanta e vai!

Pois é assim no Pós-Populares,
Vão todas sem distinção,
Superando os obstáculos,
E nenhuma solta a mão!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Braziliense. São Paulo. 1981.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ARISTÓFANES. **Lisístrata – A greve do sexo**. Tradução Millôr Fernandes. L&PM. Porto Alegre. 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70/Almedina Brasil. São Paulo. 2011.
- Conheça o Brasil – População – Quantidades de homens e mulheres** – Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br>. Acesso 04 de nov. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados/Centro de Documentação e Informação, 1988

COMISSÃO DOMINICANA DE JUSTIÇA E PAZ. **AGENDA LATINO-AMERICANA MUNDIAL – IGUALDADE DE GÊNERO**. Goiânia: Scala Editora, 2018, p. 24-25

Educação Muda Vidas. Artigo disponível em <https://agencia.ac.br>. Acesso 08 out. 2024.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa**. Tradução Coletivo Sycorax. Elefante. São Paulo. 2017.

FORPROEX - I ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Disponível em <https://www.ufmg.br>. Acesso em 04 de nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Ana Maria. **Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FUNCHAL, Renata Zukanovich, **Madame Curie, a Primeira-Dama da Ciência**. In: SAITOVICH, Elisa Maria Bágio; FUNCHAL, Renata Zukanovich; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; PINHO de Suani Tavares Rubim; SANTANA de, Ademir Eugênio. **Mulheres na Física – Casos históricos, panoramas e perspectivas**. São Paulo: Editora Livraria da Física (LF), 2015

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: para quê?** Disponível em <https://www.paulofreire.org>. Acesso 15 de out. 2023.

GERALDO, Zé. **Cidadão**. Disponível em <https://www.lettras.com.br>. Acesso 15 de out. 2023.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. UNESP. São Paulo. 2009).

HOLSTON, James, **A cidade modernista**. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

KOLLONTAI, Alexandra. **A família e o Comunismo**. ISKRA. São Paulo. 2013.

KRUPSKAYA, Nadezdha Konstantinova. **A construção da pedagogia socialista**. Expressão Popular. São Paulo. 2017.

Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, disponível em www.gov.br/mec, acesso 14 out. 2023.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. Expressão Popular. São Paulo. 2011.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Mulheres em águas de piratas – vozes insurgentes da América Latina, África e Ásia em luta contra o patriarcado**. Dialética. São Paulo. 2023.

O voto feminino no Brasil foi reconhecido em 1932 e incorporado à Constituição de 1934, mas era facultativo. Em 1965, tornou-se obrigatório, sendo equiparado ao dos homens. Disponível em <https://www.camara.leg.br>. Acesso 22 ago. 2023.

PEREIRA, Maria Carreiro Chaves. **Um lugar para Maria Bonita na Cidades das Damas**. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em <https://bdm.unb.br/handle/10483/22282>. Acesso em 04 de nov. 2023.

PIZAN, Christine de. **A cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Editora Mulheres. Santa Catarina. 2012.

PLATÃO. O mito da caverna. Disponível em <http://www.usp>. Acesso 15 de out. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. Cortez Editora. São Paulo. 2002.

RÊSES, Erlando da Silva; PINEL, Wallace Roza. **Programa Pós-Populares: A Extensão Como Práxis Educativa nas Periferias Urbanas de Brasília**. Revista Debates Insubmissos, Caruaru, PE. Brasil, Ano 2, v. 2, nº 6, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe>. Acesso 15 out 2023.

RÊSES, Erlando da Silva; BRITO, Márcia Mariana Bittencourt; PERPÉTUO, Lenilda Damasceno; PINEL, Wallace Roza. **Pós-Populares: democratização do acesso à pós-graduação em universidade pública pelo chão da pesquisa**. XXV Seminário Nacional UNIVERSITAS. Anápolis-GO: UEG, 2018. Disponível em www.academia.edu/400089. Acesso 15 de out. 2023.

RÊSES, Erlando da Silva; MOREIRA, João Flavio Castro. **Universidade Distrital e democratização da educação superior no Distrito Federal e Entorno**. SER Social, Brasília, v. 18, n. 39, p. 610-634, jul.-dez./2016. Disponível em <https://periodicos.unb>. Acesso 04 de nov. de 2023.

RESOLUÇÃO DA CÂMARA DE EXTENSÃO Nº CEX 01/2023. Disponível em <https://dex.unb.br>. Acesso 04 set. 2024.

RIBEIRO, Darcy. (Org). **Universidade de Brasília**. Editora UnB. Brasília. 2011.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. **Extensão Universitária: Comunicação ou Domesticação?** Revista Educação em Debate, Fort. 6/7 (2/1): jul/dez 1983, jan/jun 1983, p. 53-60.

SAITOVICH, Elisa Maria Bágio; FUNCHAL, Renata Zukanovich; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; PINHO de Suani Tavares Rubim; SANTANA de, Ademir Eugênio, **Mulheres na Física – Casos históricos, panoramas e perspectivas**. LF Editorial. São Paulo. 2015.

SANTANA, **As mulheres contra o patriarcado e as relações desiguais de gênero**. *In*: Universidade e Sociedade 58, 2016, p. 33-34.

SILVEIRA, Dimitri Assis, RÊSES, Erlando da Silva, PEREIRA, Maria Luíza Pinho. **Educação de jovens e adultos trabalhadores – Análise crítica do Projeto Brasil Alfabetizado**. Paralelo 15. Brasília. 2017.

SIQUEIRA, Sandra M.M. **Os ataques aos direitos das mulheres e a necessidade da organização classista**. *In*: Universidade e Sociedade 58, 2016, p. 85 e 87.

WOOLF, Virgínia. **As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra - patriarcado e militarismo**. Organização, tradução e notas Tomaz Tadeu. Posfácio, Guacira Lopes Louro. Autêntica. São Paulo. 2019.

ANEXO
REGISTRO FOTOGRÁFICO – REUNIÕES POLOS PROJETO PÓS-POPULARES e
TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



Apresentação Pré-Projeto de Pesquisa – Polo Valparaíso de Goiás (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)



Reunião Polo Ceilândia/DF (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)



Reunião Polo Ceilândia/DF, lanche coletivo ao fundo (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)



Apresentação Pré-Projeto de Pesquisa – Polo Ceilândia/DF (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)



Reunião/comemoração aniversário Pós-Populares – Polo Ceilândia/DF (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)

Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação - FE

Pós - Populares

Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-Dialético e Educação (Consciência) - FE/UnB

Democratização do Acesso à Universidade Pública Pelo Chão da Pesquisa
 Programa de Extensão da UnB/FE - Coordenação Prof. Dr. Erlando Rêses

ENCONTRO VIRTUAL

O pós-populares visa democratizar o acesso à pós-graduação na universidade pública por meio do incentivo e apoio à formulação do projeto de pesquisa

29/05/2021 (sábado) - às 16h

Para participar acesse o link: meet.google.com/rzj-iknn-juk

PROMOÇÃO: Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-Dialético e Educação (Consciência) - FE/UnB

Card/Convite – Reunião virtual durante a Pandemia da Covid-19 (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)



Reunião Polo Valparaíso de Goiás (Gentilmente cedido pelo Acervo Pós-Populares)



1ª Reunião presencial Polo Ceilândia/DF, após a Pandemia da Covid-19 (Gentilmente cedido Acervo Pós-Populares)



1ª Reunião presencial Polo Paranoá/DF, após a Pandemia da Covid-19 (Gentilmente cedido Acervo Pós-Populares)



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Educação (FE)
Programa de Pós – Graduação em Educação (PPGE)

TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidada/o a participar da pesquisa “Da periferia ao mundo acadêmico: uma análise das contribuições do Programa de Extensão Pós-Populares ao acesso de mulheres à pós-graduação”.

A responsável é a pesquisadora **Maria Carreiro chaves Pereira**, servidora pública federal do Ministério da Fazenda, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Brasília - UnB, regularmente matriculada sob o número 222102479, na linha de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação (POGE), sob orientação, do Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar de que maneira o Programa de Extensão Pós-Populares contribui para o acesso e permanência de pessoas da periferia de Brasília e sua região metropolitana, especialmente mulheres, em cursos de pós-graduação em universidades públicas.

A participação é uma abordagem com registro a partir da fala do/a participante, que será gravada, se assim for autorizado e terá duração aproximada de 20 minutos e 1 hora.

A participação é voluntária e não envolve qualquer remuneração ou benefício. A pessoa a ser entrevistada é livre para se recusar a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento.

Caso tenha interesse em cooperar, as informações obtidas por meio da entrevista serão utilizadas apenas como instrumento de pesquisa e haverá sigilo relacionado à sua identificação. Neste procedimento serão asseguradas confidencialidade, privacidade e proteção das informações obtidas por meio da entrevista.

Na publicação dos resultados da pesquisa sua identidade será mantida em rigoroso sigilo e serão omitidas todas as informações que possam identificá-lo (a). A sua contribuição será de fundamental importância para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora no telefone (61) 983168968.

Brasília, 26 de Julho de 2024.



Maria Carreiro Chaves Pereira

Matrícula: 222102479

Autorizo a realização da entrevista, declarando ter recebido uma cópia deste Documento.



Nome e assinatura do (a) participante